

Aula 00 – Interpretação de Textos

Língua Portuguesa p/ ISS Osasco

Prof. José Maria

Sumário

SUMÁRIO	2
COMO ESTE CURSO ESTÁ ORGANIZADO?	5
COMO INTERPRETAR TEXTOS?	7
IDENTIFIQUE O TEMA PRINCIPAL.	8
IDENTIFIQUE O OBJETIVO PRINCIPAL.	10
IDENTIFIQUE AS INFORMAÇÕES EXPLÍCITAS E IMPLÍCITAS	14
CONVERTA A LINGUAGEM CONOTATIVA EM DENOTATIVA.	16
IDENTIFIQUE OS RECURSOS E AS ESTRATÉGIAS EMPREGADOS.	18
TENTE PARAFRASEAR O TEXTO DE FORMA RESUMIDA.	22
TOME CUIDADO COM OS DISTRATORES!	24
QUESTÕES COMENTADAS PELO PROFESSOR	30
LISTA DE QUESTÕES	86
GABARITO	119
RESUMO DIRECIONADO	120



Olá, tudo bem? Sou José Maria, professor da mais bela das disciplinas: a **Língua Portuguesa**. Sejam muito bem-vindos!

Vou pedir sua licença para contar brevemente minha história, ok? Sou Engenheiro Eletrônico, graduado pelo **Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA)**. Apesar dessa excentricidade, sou professor de Língua Portuguesa desde os 19 aninhos. Ainda na Faculdade, lecionava Português para estudantes de baixa renda num saudoso cursinho preparatório gerenciado por alunos do ITA, o CASDVest. Foi lá que tudo começou. O que era um hobby virou profissão e se transformou em paixão.

Depois de formado, atuei em cursos pré-vestibulares de 3 (três) grandes sistemas de ensino – *Anglo, COC e Ari de Sá* –, preparando jovens para os mais concorridos certames – *USP, UNICAMP, ITA, IME, Escolas Militares e Faculdades de Medicina*. Na preparação para concursos públicos, trabalho há 10 anos, tanto em cursos online como presenciais. Além da sala de aula, atuei como Consultor de Língua Portuguesa no Projeto Educação Livre, capitaneado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). Sou também autor e coautor de obras voltadas para ENEM e Concursos Públicos pela editora Saraiva – *Coleção Passe em Concursos*.

Considero-me um privilegiado, pois gosto do que faço e faço aquilo de que gosto! Dedico-me hoje exclusivamente à preparação para concursos públicos, respirando esse ar todos os dias, o dia todo.

Minha missão é **DIRECIONAR** vocês, da melhor forma, no estudo da Língua Portuguesa. Nosso material varre todos os tópicos do edital e, ao longo da exposição, pontuo aqueles assuntos mais frequentemente cobrados pelas bancas. **Fiquem, portanto, atentos a essas observações!** Procuro desenvolver uma linguagem leve, no formato de conversa, para que vocês ganhem confiança paulatinamente, quebrando, assim, aquelas resistências naturais no início de um estudo.

Ao final, listamos questões recentes da banca organizadora do concurso, todas minuciosamente comentadas. Considero essa seção a mais importante, pois de nada adianta a teoria sem a prática. Privilegiem, meus amigos, os exercícios! Fazer muitas questões nos fortalece e serve de resistente armadura para essa dura batalha!

Minha mensagem final é: **PODEM CONTAR COMIGO!** Nós estaremos juntos nessa caminhada! Não se acanhem, podem me mandar mensagens, dúvidas, críticas, elogios, etc.! Estou às ordens, ok?

Feita a apresentação, vamos ao que interessa! É com MUITA ALEGRIA que inicio este curso de **LÍNGUA PORTUGUESA**. A programação de aulas, que você verá mais adiante, foi concebida especialmente para a sua preparação focada no concurso para o **ISS Osasco**. Cobriremos TODOS os tópicos exigidos pela **VUNESP**, organizadora do certame. Nada vai ficar de fora!

Neste material você terá:

Curso completo em VÍDEO

teoria e exercícios resolvidos sobre TODOS os pontos do edital

Curso completo escrito (PDF)

teoria e MAIS exercícios resolvidos sobre TODOS os pontos do edital

Fórum de dúvidas

para você sanar suas dúvidas DIRETAMENTE conosco sempre que precisar

Acesse o link abaixo para assistir ao meu vídeo de **Direção Inicial**. Com ele, você vai entender melhor o funcionamento deste curso para **ISS Osasco**.

<https://bit.ly/2N74CTn>

Você nunca estudou Língua Portuguesa para concursos? Não há problema algum, este curso também o atende. Costumo brincar que o único pré-requisito para iniciar meu curso é estar vivo.

Caso você queira tirar alguma dúvida antes de adquirir o curso, basta me enviar um direct pelo Instagram:



@professorjosemaria

Conheça ainda as minhas outras redes sociais para acompanhar de perto o meu trabalho:



professorjosemaria



ProfessorJoseMaria

Como este curso está organizado?

Como já adiantei, neste curso nós veremos EXATAMENTE o que foi exigido pela banca **VUNESP** no seu edital. Os tópicos cobrados foram os seguintes:

Concurso ISS Osasco – banca VUNESP

Disciplina: Língua Portuguesa

Conteúdo: Leitura e interpretação de diversos tipos de textos (literários e não literários). Sinônimos e antônimos. Sentido próprio e figurado das palavras. Pontuação. Classes de palavras: substantivo, adjetivo, numeral, artigo, pronome, verbo, advérbio, preposição e conjunção: emprego e sentido que imprimem às relações que estabelecem. Concordância verbal e nominal. Regência verbal e nominal. Colocação pronominal. Crase.

Para cobrir este edital integralmente, o nosso curso está organizado da seguinte forma:

Aula	Data	Conteúdo do edital
00	22/10	Leitura e interpretação de diversos tipos de textos (literários e não literários).
01	27/10	<i>Classes de palavras: substantivo, adjetivo, numeral, artigo, pronome, verbo, advérbio, preposição e conjunção: emprego e sentido que imprimem às relações que estabelecem. Colocação pronominal.</i>
02	29/10	<i>Teste a sua direção.</i>
03	02/11	<i>Continuação da aula anterior</i>
04	09/11	<i>Noções de Sintaxe</i>
05	11/11	<i>Teste a sua direção.</i>
06	16/11	<i>Continuação da aula anterior</i>
07	23/11	<i>Pontuação.</i>
08	25/11	<i>Teste a sua direção.</i>
09	01/12	<i>Concordância verbal e nominal.</i>
10	02/12	<i>Regência verbal e nominal. Crase.</i>
11	03/12	<i>Sinônimos e antônimos. Sentido próprio e figurado das palavras.</i>

12	04/12	Teste a sua direção.
13	05/12	Resumão Direcionado

Como interpretar textos?

Não há hoje uma prova de Língua Portuguesa que não priorize Interpretação de Textos. Não há! Todas, mas todas mesmo, abordam exaustivamente a capacidade de o aluno ler e interpretar textos de diversos tipos e gêneros.

Isso é decorrência de uma guinada no foco de estudo da língua. Não se prioriza tanto nas provas atuais a Gramática Normativa no seu estado puro, descontextualizado. O centro das discussões passa a ser o discurso, as relações de sentido, os recursos expressivos. A Língua Portuguesa, portanto, tem como palco o texto! Tudo sai de lá! Inclusive as questões de Gramática! Isso demanda de nós o desenvolvimento das habilidades voltadas para leitura e interpretação.

Ok, professor! Mas como se estuda esse troço? Existe algum livro bom para aprender a interpretar? Moçada, não é bem assim! Faço uma analogia com aprender a cobrar faltas. *Como assim?* Posso eu dar aquela aula show explicando tin tin por tin tin a teoria acerca da cobrança de faltas: a forma de chutar, a curva da bola, a direção do vento, etc. Posso passar os mais variados vídeos de grandes golaços de falta, apresentar depoimentos de grandes cobradores, etc. Isso de nada vai adiantar se você não praticar. Uma hora ou outra, vai ser necessário você pegar a bola, pô-la no gramado e experimentar os primeiros chutes. No começo a bola vai bater na barreira ou passar longe do gol. Depois, com mais treino e insistência, você começará a acertar o direcionamento do chute. E depois de um tempo, os primeiros gols e golaços.

Da mesma forma é a Interpretação. Só se desenvolve essa habilidade praticando. É preciso ler variados tipos de texto – dos textos jornalísticos às charges e tirinhas; da prosa à poesia; do objetivo ao subjetivo. Claro que o conhecimento de certas técnicas e conceitos há de ajudá-lo a desenvolver essa habilidade. É isso que irei apresentar nesta aula! Vamos trazer exemplos variados, sempre frisando a forma de abordar o texto, quais elementos devemos checar, que pistas podemos no texto explorar.

Nos tópicos a seguir, vamos responder à seguinte pergunta:

O que é preciso para se compreender e interpretar adequadamente textos?

Identifique o TEMA PRINCIPAL.

Após a leitura do texto, é essencial que saibamos identificar do que o texto trata, ou seja, qual o assunto nele tratado, qual o tema.

Quanto mais delimitado o tema, diga-se de passagem, melhor! *Como assim?* Muitas vezes o aluno afirma: *Ah, o tema do texto é 'mulher'!* Mas "mulher" é muito amplo! Tente delimitar, ou seja, pôr limites. O aluno afirma: *Ah, entendi! O tema do texto é "A mulher na política".* Legal! Melhorou! Mas podemos delimitar ainda mais. Tente novamente! O aluno, então, afirma: *Ah, o tema do texto é "A discreta representatividade da mulher na política".* Pronto! Agora ficou legal! Bem delimitado.

Vamos trabalhar essa habilidade com dois textos. No primeiro, acredito que você consiga numa boa identificar sua temática. Já no segundo, por se tratar de um texto de caráter literário, acredito que haja mais dificuldades. Vejamos:

A eterna juventude

Conforme a lenda, haveria em algum lugar a Fonte da Juventude, cujas águas garantiriam pleno rejuvenescimento a quem delas bebesse. A tal fonte nunca foi encontrada, mas os homens estão dando um jeito de promover a expansão dos anos de "juventude" para limites jamais vistos. A adolescência começa mais cedo - veja-se o comportamento de "mocinhos" e "mocinhas" de dez ou onze anos - e promete não terminar nunca. Num comercial de TV, uma vovó fala com desenvoltura a gíria de um surfista. As academias e as clínicas de cirurgia plástica nunca fizeram tanto sucesso. Muitos velhos fazem questão de se proclamar jovens, e uma tintura de cabelo é indicada aos homens encanecidos como um meio de fazer voltar a "cor natural".

Esse obsessivo culto da juventude não se explica por uma razão única, mas tem nas leis do mercado um sólido esteio. Tornou-se um produto rentável, que se multiplica incalculavelmente e vai da moda à indústria química, dos hábitos de consumo à cultura de entretenimento, dos salões de beleza à lipoaspiração, das editoras às farmácias. Resulta daí uma espécie de código comportamental, uma ética subliminar, um jeito novo de viver. O mercado, sempre oportunista, torna-se extraordinariamente amplo, quando os consumidores das mais diferentes idades são abrangidos pelo denominador comum do "ser jovem". A juventude não é mais uma fase da vida: é um tempo que se imagina poder prolongar indefinidamente.

São várias as consequências dessa idolatria: a decantada "experiência dos mais velhos" vai para o baú de inutilidades, os que se recusam a aderir ao padrão triunfante da mocidade são estigmatizados e excluídos, a velhice se torna sinônimo de improdutividade e objeto de caricatura. Prefere-se a máscara grotesca do botox às rugas que os anos trouxeram, o motociclista sessentão se faz passar por jovem, metido no capacete espetacular e na roupa de couro com tachas de metal.

É natural que se tenha medo de envelhecer, de adoecer, de definhar, de morrer. Mas não é natural que reajamos à lei da natureza com tamanha carga de artifícios. Diziam os antigos gregos que uma forma sábia de vida está na permanente preparação para a morte, pois só assim se valoriza de fato o presente que se vive. Pode-se perguntar se, vivendo nesta ilusão da eterna juventude, os homens não estão se esquecendo de experimentar a plenitude própria de cada momento de sua existência, a dinâmica natural de sua vida interior.

Viu, que história é essa? Está tentando pular etapas? Volte e leia tudo, não podemos ter preguiça não! Moçada, é sério, a preguiça mata qualquer possibilidade de sucesso em questões de interpretação, principalmente de concursos. Não podemos ser reféns dela não, ok?

Pronto, agora que você leu tudo, vamos discutir de forma bem objetiva. Se fosse para citar o tema principal desse texto, o que você me diria?

Vamos lá...

O texto em questão, intitulado "A eterna juventude" (*Já é uma pista!*), fala sobre muitas coisas. Por exemplo, faz-se, no 1º parágrafo, referência à lenda da Fonte da Eterna Juventude. No 2º parágrafo, fala-se da indústria da beleza, e como esta consegue tirar bastante proveito (lucro) do culto obsessivo pela juventude (*Opa, tá ficando quente!*). O 3º parágrafo assume uma postura mais crítica no que se refere ao artificialismo daqueles que tentam imitar os mais jovens. No 4º parágrafo, fala-se do medo de envelhecer, como motivador para a manutenção de uma aparência jovem.

Essas informações que listamos estão a serviço de um tema mais abrangente. Como podemos defini-lo? Vamos sintetizar da seguinte maneira: **O CULTO OBSESSIVO DA JUVENTUDE.**

Definimos, assim, o norte do texto. As informações que foram nele mencionadas parágrafo a parágrafo são meros desdobramentos desse tema central, portanto. A menção à lenda da Fonte da Juventude, por exemplo, é apenas um ensejo (motivador) para a tratativa do tema; a referência à indústria da beleza é para evidenciar uma consequência desse culto exagerado da juventude; a crítica ao artificialismo da juventude é um juízo de valor emitido pelo autor; por fim, o medo de envelhecer é apresentado como uma das causas para a juventude ser tão cultuada.

Veja só, todas as informações giram em torno do tema central. Moçada, o que fica claro? Para dar o pontapé no entendimento do texto, precisamos entender do que ele fala, ou melhor, precisamos identificar o seu norte, o seu **TEMA PRINCIPAL**. Não podemos perder esse norte, sob pena de chegarmos a conclusões precipitadas.

Você já iniciou uma conversa entre amigos e aquele assunto inicial foi se perdendo ao longo do caminho? Quando você percebeu, estavam falando de coisas completamente diferentes do assunto inicial da conversa. Pois é, na leitura do texto, não podemos perder o norte da conversa. Vamos identificando as informações e constatando: essa está dentro dessa, que está dentro dessa, que está dentro daquela.

Identifique o OBJETIVO PRINCIPAL.

Depois de identificar a temática principal do texto – *já sabemos sobre o que ele fala* -, precisamos entender qual o propósito, qual o objetivo, qual a intenção do autor do texto. A resposta a essa pergunta, muitas vezes, é um verbo. Como assim, professor? Você responde: "O objetivo do texto é informar..." ou "O objetivo do texto é alertar..." ou "O objetivo do texto é criticar...", etc.

Um cuidado especial deve ser tomado aqui. Muitas vezes, o texto traz informações secundárias que podem confundir o leitor. Por exemplo, o texto conta uma longa história, dando a entender que o objetivo do texto é narrar! Mas, na verdade, a narrativa serve apenas de pano de fundo para uma crítica.

Eis um exemplo bem bobo, mas que explica, de forma didática, a diferença entre as informações secundárias e a informação principal, que consiste na mensagem principal, aquela que resume o texto! Vejamos:

(EQI 2018)

A alienação

Em meus anos moços, fui caixa de banco. Recordo, entre os clientes, um fabricante de camisas. O gerente do banco renovava suas promissórias só por piedade. O pobre camiseiro vivia em perpétua soçobra. Suas camisas não eram ruins, mas ninguém as comprava. Certa noite, o camiseiro foi visitado por um anjo. Ao amanhecer, quando despertou, estava iluminado. Levantou-se de um salto. A primeira coisa que fez foi trocar o nome de sua empresa, que passou a se chamar Uruguai Sociedade Anônima, patriótico nome cuja sigla é U. S. A. A segunda coisa que fez foi pregar nos colarinhos de suas camisas uma etiqueta que dizia, e não mentia: Made in U. S. A. A terceira coisa que fez foi vender camisas feito louco. E a quarta coisa que fez foi pagar o que devia e ganhar muito dinheiro.

Podemos inferir que o objetivo principal da crônica acima é:

- a) criticar o comportamento de uma minoria da sociedade que se seduz facilmente pela cultura americana.
- b) ironizar o comportamento da sociedade, muito suscetível a modismos.
- c) elogiar a criatividade do pequeno empreendedor, que consegue, com muito esforço, ser bem-sucedido em seus negócios.
- d) criticar marcas que, de forma mentirosa, estampam "Made in U.S.A" em suas grifes.
- e) promover o empreendimento U.S.A. (Uruguai Sociedade Anônima) como exemplo de criatividade e sucesso nos negócios.

RESOLUÇÃO

Professor, de cara, fiquei com uma dúvida! O que significa "EQI – 2018"? Galera, "EQI" significa "Eu Que Inventei"! Rs. Vocês, eu conheço bem, vão resolver todas as questões do mundo e, de vez em quando, precisam de questões novas, não é mesmo?

Brincadeiras à parte, vamos analisar o texto.

Observe que se trata de uma narrativa. Nela, conta-se a história de um camiseiro, que vivia numa situação financeira difícil. Suas camisas eram muito boas, mas poucas eram vendidas. Até que um anjo surgiu num sonho e deu a brilhante ideia de mudar o nome da empresa para "Uruguai Sociedade Anônima (USA)". No que o camiseiro estampou nas camisas a etiqueta "Made in USA.", passou a vender camisas feito água.

Ora, essa história, como você percebeu, é só um pano de fundo. O objetivo principal é criticar a postura da sociedade.

Analisemos as alternativas:

Letra A – ERRADO – De fato, o texto critica o comportamento da sociedade que se deixa seduzir pelos modismos. Observemos que as camisas eram de boa qualidade, mas, como não carregavam uma marca forte, quase ninguém as comprava. Bastou se empregar a etiqueta “Made in U.S.A.”, numa referência bem-humorada a “Fabricado nos EUA”, que rapidamente os produtos encontraram compradores.

O que torna o item errado é um pequeno detalhe. Diz o item que se trata de um comportamento da minoria, o que não é verdade. Essa influência por modismos atinge é a maioria da sociedade, e não uma pequena amostra.

Letra B – CERTO – O verbo “ironizar” quer dizer “fazer pouco caso”, “criticar”, “desdenhar”. O autor do texto, ao fazer uso da narrativa como pano de fundo, critica o comportamento da sociedade que privilegia não a qualidade, mas as marcas, as famas, o “status”.

Letra C – ERRADO – Embora tenha sido criativa a ideia do camiseiro, não é isso o objetivo principal da crônica. A narrativa é apenas um pretexto, um pano de fundo, para se tratar de algo mais amplo, a saber: a influência de grande parte da sociedade por modismos.

Letra D – ERRADO – Como dito antes, a narrativa lida é apenas um pano de fundo para uma discussão bem mais ampla. Além disso, a crítica não é direcionada às empresas, e sim à sociedade.

Letra E – ERRADO – Como dito antes, a narrativa lida é apenas um pano de fundo para uma discussão bem mais ampla. Além disso, o texto tem por finalidade não promover, e sim criticar.

Resposta: Letra B

Identificar o objetivo principal do texto é essencial, principalmente quando se trata de textos longos. Ora, para que vocês não se percam no emaranhado de informações, **QUESTIONEM SEMPRE AO FINAL DO TEXTO QUAL A TEMÁTICA E QUAL O OBJETIVO PRINCIPAL DO TEXTO**. Esses simples questionamentos dão um norte, ajudando na identificação da coluna dorsal do texto, ou seja, seu ponto de sustentação. A partir dessa identificação, torna-se mais fácil responder as diversas questões sobre interpretação de texto.

Peço paciência a vocês para lerem o texto a seguir:

Texto

Com um pouco de exagero, costumo dizer que todo jogo é de azar. Falo assim referindo-me ao futebol que, ao contrário da roleta ou da loteria, implica tática e estratégia, sem falar no principal, que é o talento e a habilidade dos jogadores. Apesar disso, não consegue eliminar o azar, isto é, o acaso.

E já que falamos em acaso, vale lembrar que, em francês, “acaso” escreve-se “hasard”, como no célebre verso de Mallarmé, que diz: “um lance de dados jamais eliminará o acaso”. Ele está, no fundo, referindo-se ao fazer do poema que, em que pese a mestria e lucidez do poeta, está ainda assim sujeito ao azar, ou seja, ao acaso.

Se no poema é assim, imagina numa partida de futebol, que envolve 22 jogadores se movendo num campo de amplas dimensões. Se é verdade que eles jogam conforme esquemas de marcação e ataque, seguindo a orientação do técnico, deve-se, no entanto, levar em conta que cada jogador tem sua percepção da jogada e decide deslocar-se nesta ou naquela direção, ou manter-se parado, certo de que a bola chegará a seus pés. Nada disso se pode prever, daí resultando um alto índice de probabilidades, ou seja, de ocorrências imprevisíveis e que, portanto, escapam ao controle.

Tomemos, como exemplo, um lance que quase sempre implica perigo de gol: o tiro de canto. Não é à toa que, quando se cria essa situação, os jogadores da defesa se afligem em anular as possibilidades que têm os adversários de fazerem o gol. Sentem-se ao sabor do acaso, da imprevisibilidade. O time adversário desloca para a área do que sofre o tiro de canto seus jogadores mais altos e, por isso mesmo, treinados para cabecear para dentro do gol. Isto reduz o grau de imprevisibilidade por aumentar as possibilidades do time atacante de aproveitar em seu favor o tiro de canto e fazer o gol. Nessa mesma medida, crescem, para a defesa, as dificuldades de evitar o pior. Mas nada disso consegue eliminar o acaso, uma vez que o batedor do escanteio, por mais exímio que seja, não pode com precisão absoluta lançar a bola na cabeça de determinado jogador. Além do mais, a inquietação ali na área é grande, todos os jogadores se movimentam, uns tentando escapar à marcação, outros procurando marcá-los. Essa movimentação, multiplicada pelo número de jogadores que se movem, aumenta fantasticamente o grau de imprevisibilidade do que ocorrerá quando a bola for lançada. A que altura chegará ali? Qual jogador estará, naquele instante, em posição propícia para cabeceá-la, seja para dentro do gol, seja para longe dele? Não existe treinamento tático, posição privilegiada, nada que torne previsível o desfecho do tiro de canto. A bola pode cair ao alcance deste ou daquele jogador e, dependendo da sorte, será gol ou não.

Não quero dizer com isso que o resultado das partidas de futebol seja apenas fruto do acaso, mas a verdade é que, sem um pouco de sorte, neste campo, como em outros, não se vai muito longe; jogadores, técnicos e torcedores sabem disso, tanto que todos querem se livrar do chamado “pé frio”. Como não pretendo passar por supersticioso, evito aderir abertamente a essa tese, mas quando vejo, durante uma partida, meu time perder “gols feitos”, nasce-me o desagradável temor de que aquele não é um bom dia para nós e de que a derrota é certa.

Que eu, mero torcedor, pense assim, é compreensível, mas que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a lemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

Mas não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; tanto isso é certo que, hoje, entre os preparadores das equipes há sempre um psicólogo. De fato, se o jogador não estiver psicologicamente preparado para vencer, não dará o melhor de si.

Exemplifico essa crença na psicologia com a história de um técnico inglês que, num jogo decisivo da Copa da Europa, teve um de seus jogadores machucado. Não era um craque, mas sua perda desfalcava o time. O médico da equipe, depois de atender o jogador, disse ao técnico: "Ele já voltou a si do desmaio, mas não sabe quem é". E o técnico: "Ótimo! Diga que ele é o Pelé e que volte para o campo imediatamente".

(Ferreira Gullar. Jogos de azar. Em: Folha de S. Paulo, 24/06/2007.)

O autor defende a tese de que

- a) os técnicos de futebol são supersticiosos.
- b) o fator psicológico atua sobre os jogadores.
- c) o tiro de canto é uma jogada que aflige os jogadores do time que o sofre.
- d) o jogo de futebol está sujeito ao acaso, apesar da preparação dos jogadores.
- e) os resultados dos jogos de futebol são somente fruto do acaso.

RESOLUÇÃO

Analisando o texto, conseguimos identificar a temática do acaso. Como já vimos, é muito importante fazer boa delimitação. Quanto mais delimitado o tema, mais facilmente identificaremos seu propósito. Notemos que a temática do acaso se limita aos jogos, em especial aos jogos de futebol.

Toda a exposição de exemplos de lances numa partida de futebol e a descrição dos técnicos de futebol como supersticiosos deixam em evidência o objetivo central do texto: o acaso é fator decisivo numa partida de futebol, suplantando, em muitas situações, até mesmo, o preparo técnico e psicológico dos jogadores.

Analisemos cada uma das opções:

Letra A – ERRADO – Trata-se de um fato, e não uma opinião, serem muitos técnicos supersticiosos. Lembremos de que uma tese (opinião) está sujeita a contrapontos, diferentemente do fato. O autor não precisou argumentar para provar que muitos técnicos são assim. Bastou apenas descrevê-los como tais. Além disso, a superstição dos técnicos não é propriamente a tese, mas sim uma consequência advinda do fator de aleatoriedade presente nos jogos de futebol.

Letra B – ERRADO – Mais uma vez, não se trata de uma tese (opinião), mas de um fato. No trecho "Mas não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte", o emprego da expressão "como se sabe" atesta o caráter de fato.

Letra C – ERRADO – Trata-se apenas de um exemplo, que serve para a ilustrar a tese de que o acaso atua significativamente numa partida de futebol.

Letra D – CERTO – Como dito no texto, em certas situações, mesmo um time preparado tecnicamente e taticamente pode ser surpreendido pelo acaso.

Letra E – ERRADO – O autor não considera o acaso o único fator determinante de um resultado. Isso fica bem claro no seguinte trecho: Não quero dizer com isso que o resultado das partidas de futebol seja apenas fruto do acaso. O que o autor defende é a impossibilidade de eliminar o acaso das partidas de futebol, por mais que haja preparo técnico e tático.

Resposta: Letra D

Identifique as INFORMAÇÕES EXPLÍCITAS E IMPLÍCITAS

O maior desafio da análise textual está na identificação das informações presentes no texto. Não apenas as explícitas, mas principalmente as implícitas. Veja bem, não são informações invisíveis, ok? De jeito nenhum! São informações implícitas, escondidas, mas que podem ser identificadas a partir de algumas pistas deixadas no texto. Como assim, professor?

Observe a seguinte frase:

Fiz faculdade, mas aprendi alguma coisa.

Professor, mas que frase esquisita! Estranha!

De fato, o emprego da conjunção adversativa nos gera uma sensação de estranheza, levando-nos num primeiro impulso a concluir que a frase não tem coerência. Mas calma! Analisemos com mais atenção, por favor!

Primeiramente, identifiquemos as informações explícitas, ou seja, aquelas que estão visíveis. Nessa etapa, não é preciso interpretar, mas apenas ler o que lá no texto está escrito. Há duas informações que já podemos extrair: a primeira é que “Eu fiz faculdade.”; a segunda é que “Eu aprendi alguma coisa.”

Agora vamos em busca dos implícitos, ok? O que no texto vai nos fornecer a pista, o rastro, para que sejamos capazes de “descortinar” a informação implícita? Ora, investiguemos justamente a conjunção “mas”, que tanto nos causou estranheza! Sabemos que o “mas” é adversativo. O que isso significa? Que esse conector estabelece uma relação de oposição entre as ideias que ele conecta. Isso significa que o autor da frase opõe “fazer faculdade” a “aprender algo”. É como se esses dois fatos não combinassem.

Será que já somos capazes de decifrar o implícito?

Faz sentido atestar que essa frase é uma crítica velada (implícita) ao ensino superior? Seria coerente afirmar que, segundo o autor, não se aprende muito nas faculdades? Que seria algo tão atípico (incomum) que ele, por ter feito faculdade e aprendido algo, é uma exceção à regra?

Sim, são as respostas!

A essa habilidade de identificar implícitos, que considero o pilar de sustentação da interpretação, damos o nome de **INFERÊNCIA** ou **DEPREENSÃO**.

INFERIR OU DEPREENDER é deduzir a partir dos implícitos.

Vamos praticar? Veja o exercício a seguir:

QUESTÃO - Analise as frases extraídas de anúncios e assinale a opção cuja inferência é válida:

a) Revista XYZ: uma revista tão boa que as notícias nem precisam ser ruins."

Inferência: O leitor lê a revista XYZ porque a revista não traz notícias ruins.

b) "Não acredito que você errou essa questão, Fulano!"

Inferência: A questão que Fulano errou era difícil.

c) "Ele era um garoto ajuizado, apesar de jovem."

Inferência: O autor da frase alega que o jovem geralmente não tem juízo.

d) "Ele foi o único aluno que acertou a questão difícil da prova."

Inferência: Grande parte dos alunos acertaram a questão difícil da prova.

e) "Não resolvemos as questões que eram difíceis."

Inferência: Não havia questões de nível fácil ou mediano na prova.

RESOLUÇÃO:

Letra A – ERRADO – O anúncio dá a entender que o público geralmente considera boas as revistas que trazem notícias ruins – desastres, denúncias, sofrimento, etc. No caso da revista XYZ, ela apresenta tantas outras qualidades, que não precisa trazer notícias ruins. Sendo assim, o leitor lê a revista XYZ, porque ela apresenta outras qualidades.

Letra B – ERRADO – Não necessariamente a questão que Fulano errou era difícil. Simplesmente se esperava que Fulano acertasse a questão, ou por ser fácil ou por ser difícil. O fato é que se julgava Fulano como apto a acertá-la, o que não ocorreu.

Letra C – CERTO – Pode não ter sido a intenção, mas foi isso que o autor da frase disse. Ao estabelecer a relação de sentido pelo conector "embora", dá a entender que não é comum um jovem ser ajuizado, pois "ser ajuizado" e "jovem" são contrastantes.

Letra D – ERRADO – Ora, se ele foi o único, logo somente ele acertou, e não grande parte da turma.

Letra E – ERRADO – Observe que a oração "que eram difíceis" é adjetiva restritiva, dando a entender que nem todas as questões da prova eram difíceis, apenas algumas. Sendo assim, é possível afirmar que algumas questões ou eram fáceis ou eram medianas.

Resposta: Letra C

Converta a LINGUAGEM CONOTATIVA EM DENOTATIVA.

Muitas vezes, o texto não diz de forma direta o quer dizer!

Expressar-se de forma direta é empregar uma linguagem predominantemente denotativa. E o que seria a denotação? Trata-se do sentido literal, ou seja, o sentido dicionário dos termos e expressões.

Mas imagine se a todo momento nos expressássemos de forma literal? O mundo seria muito chato, não concorda? Por isso, costumamos empregar uma linguagem, muitas vezes, conotativa. E o que seria a conotação? Trata-se do sentido figurado, ou seja, o sentido que vai além do literal.

Não é difícil perceber o emprego da linguagem conotativa. Quando você me diz que “está morrendo de estudar”, é claro que não posso imaginar que o estudo esteja levando você a um risco de óbito! Devo entender aí um sentido figurado, atestando que você está estudando muito, certo?

Vamos a um exemplo mais elaborado. Leia o seguinte fragmento e me diga o que exatamente você entendeu, ok?

Se você quer construir um navio, não peça as pessoas que consigam madeira, não dê a elas tarefas e trabalhos. Fale, antes, a elas, longamente, sobre a grandeza e a imensidão do mar. (Saint-Exupéry)

Vem cá, a menção ao navio, à madeira, ao mar, pode ser levada ao pé da letra? É isso mesmo? Será que o ditado acima reproduzido não nos quer dizer algo a mais? Olhe bem, para que falar sobre a grandeza e imensidão do mar? E longamente. Qual o propósito? Professor, eu penso que, se a pessoa se conscientiza do desafio que é navegar por um mar imenso e misterioso, ela se sente bem mais motivada e inspirada a construir suas embarcações. Seria isso? Vamos mais a fundo e resuma com uma única palavra o que esse ditado quer nos dizer. Deixe-me ajudá-lo. A palavra que buscamos é ... **MOTIVAÇÃO**.

Vamos traduzir da linguagem conotativa para a denotativa? Fica assim: ***primeiro devemos motivar as pessoas para o trabalho, e não simplesmente passar tarefas sem um propósito bem claro para quem vai as executar.***

Uma maneira excelente de se treinar a habilidade de conversão da linguagem conotativa em denotativa é traduzir alguns dos ditados populares, alguns mais conhecidos, outros nem tanto.

Vejamos:

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

= A persistência leva à superação dos obstáculos.

Antes de se matar a onça não se faz negócio com o couro.

= O indivíduo não deve tomar decisões baseadas na pressuposição daquilo que ainda não ocorreu.

Vamos ver mais um exemplo?

"E agora, José?"

Há versos célebres que se transmitem através das idades do homem, como roteiros, bandeiras, cartas de marear, sinais de trânsito, bússolas – ou segredos. Este, que veio ao mundo muito depois de mim, pelas mãos de Carlos Drummond de Andrade, acompanha-me desde que nasci, (...)

Considero privilégio meu dispor deste verso, porque me chamo José e muitas vezes na vida me tenho interrogado: "E agora?" Foram aquelas horas em que o mundo escureceu, em que o desânimo se fez muralha, fosso de víboras, em que as mãos ficaram vazias e atônitas. "E agora, José?" Grande, porém, é o poder da poesia para que aconteça, como juro que acontece, que esta pergunta simples aja como um tônico, um golpe de espora, e não seja, como poderia ser, tentação, o começo da interminável ladainha que é a piedade por nós próprios.

Em todo o caso, há situações de tal modo absurdas (ou que o pareceriam vinte e quatro horas antes), que não se pode censurar a ninguém um instante de desconforto total, um segundo em que tudo dentro de nós pede socorro, ainda que saibamos que logo a seguir a mola pisada, violentada, se vai distender vibrante e verticalmente armar. Nesse momento veloz tocara-se o fundo do poço.

SARAMAGO, José. In: _____. A bagagem do viajante. São Paulo: Companhia das Letras

COMENTÁRIOS

O autor usa uma linguagem figurada carregada de significados. A "mola pisada, violentada" faz menção a situações de desalento, desesperança, que, no entanto, são passageiras. Tanto o são que, passados os momentos de tensão, "a mola se distende vibrante", dando a entender que a situação de desespero cede lugar à sensação de esperança e satisfação. Resumidamente, faz-se menção ao caráter passageiro das adversidades. A expressão "Em todo o caso" relativiza (atenua) o conteúdo do parágrafo anterior, ao afirmar que nem sempre a motivação será uma resposta possível a situações adversas. Há situações em que se toca o "fundo do poço", resultando numa sensação de desconforto total. Dessa forma, nesses casos, a desesperança é praticamente inevitável.

Identifique OS RECURSOS E AS ESTRATÉGIAS empregados.

Identificado o tema e o propósito principal do texto lido, é preciso detalhar como se chegou a esse resultado, reconhecendo os recursos e as estratégias nele empregados pelo autor. Esse caminho também pode ser invertido. Como assim? Em alguns textos, é mais fácil identificar os recursos e estratégias empregados e, assim, identificar seu tema e objetivos. Fique tranquilo! Trabalharemos exemplos a seguir que ilustrarão essa técnica.

Para cada tipo de texto, assim como para cada propósito, há recursos mais ou menos pertinentes. Por exemplo, se se trata de um texto de caráter jornalístico, cujo objetivo principal é informar da forma mais clara possível, com certeza o emprego de metáforas não é nem um pouco apropriado; seria bem mais adequado o emprego da linguagem denotativa para se cumprir esse propósito. Se se trata de um texto de caráter literário, cujo objetivo é enfatizar um lirismo (sentimento), o emprego da denotação não é nem um pouco bem-vindo (costuma-se dizer que “a denotação é a morte do texto literário”); seria bem mais adequado o emprego das metáforas e outras figuras de linguagem.

Não há, contudo, um gabarito já pré-formatado. Não é possível, de antemão, apenas pela identificação do tipo de texto e do seu objetivo principal, já identificar o recurso ou estratégia empregada no texto. Lembre-se de que a criatividade humana não possui teto. Muitas vezes, entra em cena a originalidade, que dá ao texto um caráter singular ou, até mesmo, inesperado. Quer um exemplo?

Com o declínio da velha lavoura e a quase concomitante ascensão dos centros urbanos, precipitada grandemente pela vinda, em 1808, da Corte Portuguesa e depois pela Independência, os senhorios rurais principiam a perder muito de sua posição privilegiada e singular. Outras ocupações reclamam agora igual eminência, ocupações nitidamente citadinas, como a atividade política, a burocracia, as profissões liberais.

É bem compreensível que semelhantes ocupações venham a caber, em primeiro lugar, à gente principal do país, toda ela constituída de lavradores e donos de engenhos. E que, transportada de súbito para as cidades, essa gente carregue consigo a mentalidade, os preconceitos e, tanto quanto possível, o teor de vida que tinham sido atributos específicos de sua primitiva condição.

Não parece absurdo relacionar a tal circunstância um traço constante de nossa vida social: a posição suprema que nela detêm, de ordinário, certas qualidades de imaginação e “inteligência”, em prejuízo das manifestações do espírito prático ou positivo. O prestígio universal do “talento”, com o timbre particular que recebe essa palavra nas regiões, sobretudo, onde deixou vinco mais forte a lavoura colonial e escravocrata, como o são eminentemente as do Nordeste do Brasil, provém sem dúvida do maior decoro que parece conferir a qualquer indivíduo o simples exercício da inteligência, em contraste com as atividades que requerem algum esforço físico.

O trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros. Não significa forçosamente, neste caso, amor ao pensamento especulativo, – a verdade é que, embora presumindo o contrário, dedicamos, de modo geral, pouca estima às especulações intelectuais – mas amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à

erudição ostentosa, à expressão rara. E que para bem corresponder ao papel que, mesmo sem o saber, lhe conferimos, inteligência há de ser ornamento e prenda, não instrumento de conhecimento e de ação.

Numa sociedade como a nossa, em que certas virtudes senhoriais ainda merecem largo crédito, as qualidades do espírito substituem, não raro, os títulos honoríficos, e alguns dos seus distintivos materiais, como o anel de grau e a carta de bacharel, podem equivaler a autênticos brasões de nobreza. Aliás, o exercício dessas qualidades que ocupam a inteligência sem ocupar os braços, tinha sido expressamente considerado, já em outras épocas, como pertinente aos homens nobres e livres, de onde, segundo parece, o nome de liberais dado a determinadas artes, em oposição às mecânicas que pertencem às classes servis.

(Sérgio Buarque de Holanda. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984, p. 50-51)

No texto, há predominância do tom

- a) saudosista.
- b) crítico.
- c) sarcástico.
- d) cômico.
- e) revoltado.

RESOLUÇÃO

Há no texto uma caracterização daquilo a que costumamos chamar de "inteligência", bem como uma tentativa do autor de explicar o seu significado sob o ponto de vista da História. Segundo o texto, a súbita transição da vida rural para a urbana, com a substituição das atividades na lavoura pelas atividades ditas liberais, fez surgir um conceito de inteligência associado ao exercício de atividades que não demandassem esforço físico.

Não se tratava, portanto, de valorizar o intelecto, mas sim de distinguir aqueles praticantes de atividades braçais dos afortunados praticantes de atividades nobres.

Isso fica bem claro no seguinte trecho: *"O trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros. Não significa forçosamente, neste caso, amor ao pensamento especulativo, – a verdade é que, embora presumindo o contrário, dedicamos, de modo geral, pouca estima às especulações intelectuais – mas amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à expressão rara."*

Há, dessa forma, uma crítica à sociedade brasileira e às suas tradições. Fala-se da divisão de classes e da utilização da "inteligência" não como marca de conhecimento, mas sim como mera distinção ou titulação social.

Não manifesta o autor saudosismo (*saudade*) tampouco revolta.

Muito menos trata o assunto de forma cômica (*engraçada*).

Alguns poderiam atestar que o texto apresenta trechos irônicos, como de fato expressa. Mas seria errado afirmar que o texto é sarcástico, pois este implica um sentimento de regozijo (*prazer*) com o sofrimento ou tormento alheio, o que não é o caso.

Resposta: Letra B

IMPORTANTE!

Ser irônico é simplesmente falar uma coisa para significar outra. O texto, ao citar “inteligência” – note seu uso entre aspas –, deixa claro que não fala do seu sentido estrito, original, associado a conhecimento. Diz, portanto, uma coisa para significar outra.

Ser sarcástico é se regozijar (*se satisfazer*) com o sofrimento ou tormento alheio. É o chamado “humor negro”. No popular é “rir das desgraças”! Não é o caso do texto, cujo teor é crítico, com passagens irônicas, mas que não chegam a ser sarcásticas.

A BOA MORTE

Aparentemente ninguém deu muita bola para a proposta, feita pela comissão de juristas que revê o Código Penal, de descriminalizar certos tipos de eutanásia. Esse, entretanto, é um assunto importantíssimo e que tende a ficar cada vez mais premente, à medida que a população envelhece e a medicina amplia seu arsenal terapêutico.

Desligar as máquinas que mantêm um paciente vivo pode ser descrito como um caso de homicídio, ainda que com o objetivo nobre de evitar sofrimento, ou como uma recusa em prosseguir com tratamento fútil, o que é perfeitamente legal.

Como sempre, acho que cabe a cada qual fazer suas próprias escolhas. Mas, já que nem sempre sabemos o que é melhor, convém dar uma espiadela em como pensam aqueles que, de fato, entendem do assunto.

Num artigo que está movimentando a blogosfera sanitária e já foi reproduzido no “Wall Street Journal” e no “Guardian”, o doutor Ken Murray sustenta que, embora os médicos apliquem todo tipo de manobra heroica para prolongar a vida de seus pacientes, quando se trata de suas próprias vidas e das de seus entes queridos, eles são bem mais comedidos.

Como estão familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres. Murray diz que um de seus colegas chegou a tatuar o termo “no code” (sem ressuscitação) no próprio corpo.

A pergunta que fica, então, é: se não são sádicos, por que os médicos fazem aos outros o que não desejam para si mesmos? E a resposta de Murray é que ocorre uma perversa combinação de variáveis emocionais, econômicas, mal-entendidos linguísticos, além, é claro, da própria lógica do sistema. Em geral, para o médico é muito mais fácil e seguro apostar no tratamento, mesmo que ele se estenda para muito além do razoável.

(Hélio Schwartsman - Folha de São Paulo, 18/03/2012)

No artigo de Hélio Schwartsman, levanta-se o debate acerca da eutanásia e do impasse ético que a permeia. A principal estratégia argumentativa empregada pelo jornalista visando a destacar a necessidade de uma maior discussão sobre o problema consiste em:

- a) evidenciar a insegurança com o tema de parcela da classe médica.
- b) exemplificar um comportamento incoerente de parcela da classe médica.
- c) denunciar os interesses econômicos escusos no sistema de saúde vigente.
- d) denunciar o comportamento incoerente e sádico dos juristas favoráveis à eutanásia.

e) criticar a intransigência de familiares de pacientes em estado terminal.

RESOLUÇÃO

A letra A está errada, pois parcela da classe médica é criticada não pela insegurança, mas pela incoerência das ações. Recomendam-se para pacientes tratamentos que os médicos não recomendariam nem para si nem para seus familiares.

A letra C está errada, pois, apesar de ser possível inferir o interesse econômico na continuidade de tratamentos ineficazes, não é este o principal argumento que norteia o texto do autor. O destaque da argumentação está no comportamento incoerente dos médicos.

A letra D está errada, pois a crítica não é dirigida aos juristas, e sim às pessoas que pouco deram atenção às propostas que visavam a descriminalizar certos tipos de eutanásia.

A letra E está errada, pois não são os familiares os alvos de crítica, e sim parcela da classe médica que recomenda a pacientes tratamentos que os próprios médicos não indicariam para si e para parentes.

Por essas razões, a resposta é a letra B.

Resposta: Letra B

Tente PARAFRASEAR o texto de forma resumida.

Depois analisar os pontos principais envolvidos na Interpretação de Textos, é interessante que, daqui para frente, otimizemos nossa leitura, de modo a criar fluência em textos de diversos tipos e gêneros. Uma técnica interessante consiste em PARAFRASEAR de forma sucinta o texto ao final de sua leitura.

Professor, o que significa parafrasear? Parafrasear é reproduzir o conteúdo original empregando suas próprias palavras. Meus amigos, eu só me convenço de que entendi um texto quando eu consigo reproduzir com as minhas próprias palavras o que foi dito pelo autor.

Tente fazer isso, não na forma escrita obviamente, pois tomará muito tempo seu, mas na forma oral e mental, para você mesmo, entende? A técnica da paráfrase de forma resumida é muito eficiente, pois mostra que você foi capaz de identificar as principais informações presentes no texto.

O que necessariamente deve estar presente em seu resumo?

- i) o tema principal (vide o item 1.1);
- ii) a intenção principal (vide o item 1.2);
- iii) os fatos, os dados ou os argumentos principais (vide o item 1.5);
- iv) a conclusão, se houver

Vejamos um exemplo de como isso pode ser feito. Leia o texto a seguir, por favor! Vamos lá, moçada, sem preguiça! Está cansado? Então para um pouco e depois continua, meu amigo! Vamos lá, tenhamos persistência!

Você está conectado?

Alguns anos atrás, a palavra "conectividade" dormia em paz, em desuso, nos dicionários, lembrando vagamente algo como ligação, conexão. Agora, na era da informática e de todas as mídias, a palavra pulou para dentro da cena e ninguém mais admite viver sem estar conectado. Desconfio que seja este o paradigma dominante dos últimos e dos próximos anos, em nossa aldeia global: o primado das conexões.

No ônibus de viagem, de que me valho regularmente, sou quase uma ilha em meio às mais variadas conexões: do vizinho da direita vaza a chiadeira de um fone de ouvido bastante ineficaz; do rapazinho à esquerda chega a viva conversa que mantém há quinze minutos com a mãe, pelo celular; logo à frente um senhor desliza os dedos no laptop no colo, e se eu erguer um pouquinho os olhos dou com o vídeo – um filme de ação – que passa nos quatro monitores estrategicamente posicionados no ônibus. Celulares tocam e são atendidos regularmente, as falas se cruzam, e eu nunca mais consegui me distrair com o lento e mudo crepúsculo, na janela do ônibus.

Não senhor, não são inocentes e efêmeros hábitos modernos: a conectividade irrestrita veio para ficar e conduzir a humanidade a não sabemos qual destino. As crianças e os jovens nem conseguem imaginar um mundo que não seja movido pela fusão das mídias e surgimento de novos suportes digitais. Tanta movimentação faz crer que, enfim, os homens estreitaram de vez os laços da comunicação.

Que nada. Olhe bem para o conectado ao seu lado. Fixe-se nele sem receio, ele nem reparará que está sendo observado. Está absorto em sua conexão, no paraíso artificial onde o som e a imagem valem por si mesmos, linguagens prontas em que mergulha para uma travessia solitária. A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou. É disfarce tão eficaz que os próprios disfarçados não se reconhecem como tais. Emitimos e cruzamos frenéticos sinais de vida por todo o planeta: seria esse, Dr. Freud, o sintoma maior de nossas carências permanentes?

Será que eu entendi corretamente o texto? Vamos conferir! Respondamos às perguntas:

i) Qual o tema principal?

Resposta: *O texto fala sobre a conectividade, palavra que adquiriu um significado mais amplo nos dias atuais, associada à comunicação irrestrita.*

ii) Qual a intenção principal do texto?

Resposta: *Evidenciar a contradição entre o fato de estarmos mais conectados do que nunca e de, mesmo assim, sentirmo-nos sós.*

iii) Quais os fatos, os dados ou os argumentos principais presentes no texto?

Resposta: *O autor cita exemplos do dia a dia, como numa viagem de ônibus, em que praticamente todos os passageiros estão fazendo uso de algum equipamento eletroeletrônico, concentrados num mundo virtual com regras e linguagens próprias.*

iv) Qual a conclusão?

Resposta: *A conectividade é um eficiente disfarce utilizado pela solidão humana.*

Eis o nosso resumo:

O texto fala sobre a conectividade, palavra que adquiriu um significado mais amplo nos dias atuais, associada à comunicação irrestrita. Sua principal intenção é evidenciar a contradição entre o fato de estarmos mais conectados do que nunca e de, mesmo assim, sentirmo-nos sós. O autor cita exemplos do dia a dia, como numa viagem de ônibus, em que praticamente todos os passageiros estão fazendo uso de algum equipamento eletroeletrônico, concentrados num mundo virtual com regras e linguagens próprias. A conectividade é, portanto, um eficiente disfarce da solidão humana.

Tome cuidado com os DISTRATORES!

Moçada, ao resolver uma questão de Interpretação de Textos, vocês já devem ter se deparado com a seguinte situação: *de cinco opções, uma já se elimina com facilidade, pois é absurda; outras duas se eliminam com um pouco mais de esforço; mas duas restam e é quase imperceptível identificar o erro presente em uma ou outra.*

"Professor, é exatamente isso que ocorre! E sabe o que é de lascar? Entre as duas que sobram, eu sempre assinalo no gabarito a errada. Já aconteceu até de marcar a correta, mas, na hora de passar para o gabarito, eu mudei de ideia e assinalei a errada. Que ódio!!!".

Calma, jovem! Essa dúvida não se dá por acaso. Ao elaborar uma questão, denominada tecnicamente de item de avaliação, as bancas examinadoras procuram inserir os chamados **distratores**. *E o que seriam esses distratores, professor?* Note que há uma correspondência com "distração", você percebeu?

Os distratores são, assim, pequenos acréscimos que tornam o item errado. Quanto mais explícitos os distratores, mais fácil fica perceber que o item está falso. São aquelas opções que já eliminamos "de primeira", pois são absurdas. No entanto, quando os distratores são muito discretos, fica difícil perceber que o item está falso e isso gera os malditos erros nas questões de que você e eu tanto temos raiva.

Um exercício muito salutar consiste em, numa questão de Interpretação, não só se convencer da validade da opção que é gabarito, mas também se convencer por que as demais não podem ser nossa resposta. Claro que, no dia da sua prova, sua análise precisa ser mais objetiva, mas, nesta fase de treinamento em que nos encontramos, considero importante "forçar" um pouco! Responder por que tal letra está correta e as demais estão falsas fará você calibrar sua atenção no sentido de identificar mais facilmente os distratores. Sua fluência na leitura e seu grau de acerto nas questões tende a subir significativamente!

Vamos ver isso na prática?

Conheço inúmeras pessoas que mentem, inventando origens fidalgas. Para falar a verdade, mente-se por qualquer motivo: as pessoas ficam com vergonha quando estão doentes e dizem que estão ótimas; comentam que a amiga está bem vestida, quando acham um horror; elogiam alguém que emagreceu, para comentar nas costas que continua gordíssima. Eu mesmo minto: digo que vou viajar para fugir de um almoço; reclamo que não me sinto bem e fujo de um compromisso; finjo para mim mesmo que no próximo mês começo um regime e perderei a barriga. Faço promessas para depois da novela. Para um amigo, prometo visitá-lo em Los Angeles. Outro em San Francisco. Marquei uma viagem à Rússia com um grupo, só falta "definir a data". Ao meu editor, digo que escreverei um livro. Combino de montar um grupo de cozinha gourmet. E deixo tudo para depois, quem sabe? Ultimamente, tento parar com isso. Se me convidam, digo que não posso. Se vou a uma peça de teatro e não gosto, digo isso mesmo, que não gostei. Sempre dá errado, a pessoa preferia uma mentira. A franqueza, descobri, é muito malvista. Até considerada falta de educação.

CARRASCO, Walcyr. In: <http://epoca.globo.com/colunas-blogs/walcycrarrasco/noticia/2013/10/mentem-bcomo-respiramb.html> (acesso em 15/12/2013).

QUESTÃO 01 - Com base no texto, é possível afirmar que a mentira, para o autor, é uma atitude muito comum no convívio social.

() CERTO () ERRADO

QUESTÃO 02 - O autor desse texto considera a mentira algo imprescindível para a vida em sociedade.

() CERTO () ERRADO

QUESTÃO 03 - Com base no trecho "Ultimamente, tento parar com isso", infere-se que a honestidade do escritor revela a sua disposição firme de expressar-se com mais sinceridade.

() CERTO () ERRADO

QUESTÃO 04 - O autor assume que é mentiroso, contudo mostra-se desejoso de mudar essa condição.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Você deve ter sentido facilidade nos itens 01 e 04. Os distratores neles presentes são muito frágeis, o que torna fácil a avaliação dos itens.

O texto, logo no seu início, afirma que "Para falar a verdade, mente-se por qualquer motivo...", o que dá a entender que a mentira é algo comum no convívio social. Os exemplos enumerados de desculpas mentirosas reforçam essa afirmação, o que torna o **item 01 CERTO!**

Já os trechos "Eu mesmo minto" e "Ultimamente tento parar com isso!" evidenciam que o autor se reconhece como mentiroso, mas se mostra disposto a parar de mentir, o que torna o **item 04 CERTO!**

Já os itens 02 e 03 são mais sutis!

No item 02, afirma-se que, segundo o autor, a mentira é algo imprescindível para a vida em sociedade. Aqui é necessário atentar para o significado da palavra "imprescindível", resultado da união do prefixo de negação "im-" com o adjetivo "prescindível". Esse adjetivo deriva do verbo "prescindir", que significa "dispensar", "abrir mão". Dessa forma, algo "imprescindível" pode ser traduzido como "indispensável".

Mas calma lá! O autor está tentando parar de mentir, correto? Ora, se ele está tentando parar de mentir, é porque ele acredita que seja possível viver sem mentir, correto? Ora, se ele acredita poder viver sem mentir, ele crê que a mentira seja algo dispensável, prescindível, correto? Isso torna, portanto, o **item 02 ERRADO**. Note que o distrator é bem sutil! O item está ERRADO por culpa exclusivamente do prefixo de negação "IM-". A ausência deste tornaria CERTO o item!

Já no item 03, o distrator é mais discreto ainda! O item afirma que o autor se mostra disposto a se expressar com "mais sinceridade". Ora, se a intenção é ser mais sincero, pressupõe-se que ele já seja sincero, correto? Se uma pessoa quer ser mais habilidosa, pressupõe-se que ela já seja habilidosa, não é verdade? Mas, segundo o próprio autor, ele era sincero? Ele mesmo disse "Eu mesmo minto.". O autor não está buscando ser mais sincero, pois ele não o era. Ele está, na verdade, é buscando ser sincero! Isso torna, portanto, o **item 03 ERRADO**. Note que o distrator é muuuuito sutil! O item está ERRADO por culpa exclusivamente do advérbio "MAIS". A ausência deste tornaria CERTO o item!

Vamos para mais um exemplo?

"Não pensar mais em si"

Seria necessário refletir sobre isso seriamente: por que saltamos à água para socorrer alguém que está se afogando, embora não tenhamos por ele qualquer simpatia particular? Por compaixão: só pensamos no próximo – responde o irrefletido. Por que sentimos a dor e o mal-estar daquele que cospe sangue, embora na realidade não lhe queiramos bem? Por compaixão: nesse momento não pensamos mais em nós – responde o mesmo irrefletido.

A verdade é que na compaixão – quero dizer, no que costumamos chamar erradamente compaixão – não pensamos certamente em nós de modo consciente, mas inconscientemente pensamos e pensamos muito, da mesma maneira que, quando escorregamos, executamos inconscientemente os movimentos contrários que restabelecem o equilíbrio, pondo nisso todo o nosso bom senso.

O acidente do outro nos toca e faria sentir nossa impotência, talvez nossa covardia, se não o socorrêssemos. Ou então traz consigo mesmo uma diminuição de nossa honra perante os outros ou diante de nós mesmos. Ou ainda vemos nos acidentes e no sofrimento dos outros um aviso do perigo que também nos espia; mesmo que fosse como simples indício da incerteza e da fragilidade humanas que pode produzir em nós um efeito penoso.

Rechaçamos esse tipo de miséria e de ofensa e respondemos com um ato de compaixão que pode encerrar uma sutil defesa ou até uma vingança. Podemos imaginar que no fundo é em nós que pensamos, considerando a decisão que tomamos em todos os casos em que podemos evitar o espetáculo daqueles que sofrem, gemem e estão na miséria: decidimos não deixar de evitar, sempre que podemos vir a desempenhar o papel de homens fortes e salvadores, certos da aprovação, sempre que queremos experimentar o inverso de nossa felicidade ou mesmo quando esperamos nos divertir com nosso aborrecimento. Fazemos confusão ao chamar compaixão ao sofrimento que nos causa um tal espetáculo e que pode ser de natureza muito variada, pois em todos os casos é um sofrimento de que está isento aquele que sofre diante de nós: diz-nos respeito a nós tal como o dele diz respeito a ele. Ora, só nos libertamos desse sofrimento pessoal quando nos entregamos a atos de compaixão. [...]

QUESTÃO 01 - Sobre as ideias apresentadas no texto lido, é correto afirmar:

- a) O conceito de "compaixão" apresentado pelo autor do texto ratifica a definição empregada costumeiramente pelo público em geral.
- b) O autor defende a ideia de que o sentimento de compaixão é condicionado à vontade do indivíduo em se portar de forma altruísta.
- c) O ato de compaixão, na visão do autor do texto, tem natureza involuntária, sendo, muitas vezes, uma espécie de resposta à vulnerabilidade a que estamos naturalmente sujeitos.
- d) A prática dos atos de compaixão, de acordo com o autor do texto, é prescindível para que nos libertemos do sentimento que é presenciar os variados tipos de sofrimento alheio.
- e) A entrega aos atos de compaixão, de acordo com o autor, significa a predominância do sentimento altruísta, sintetizado no título do texto "Não pensar em si".

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADO – O conceito de “compaixão” tomado pelo público é o associado à solidariedade e ao altruísmo. Isso fica claro nas duas respostas apresentadas no primeiro parágrafo: “Por compaixão: só pensamos no próximo” e “Por compaixão: nesse momento não pensamos mais em nós”.

Esse conceito, no entanto, é contrariado pelo autor do texto, que associa à compaixão um sentimento inconsciente de se pensar muito em si, como um ato reflexo que tenta estabelecer o equilíbrio do corpo quando se escorrega. A discordância do autor fica bem clara em “quero dizer, no que costumamos chamar erradamente compaixão”.

O **DISTRATOR** presente na Letra A, portanto, está no emprego do parônimo “ratificar”, que significa “confirmar”. É ele o responsável por tornar o item ERRADO.

Letra B – ERRADO – O autor entende que a compaixão é um ato involuntário, ou seja, não está condicionado à vontade, mas sim a uma reação instintiva que impede que deixemos os outros sofrerem por acreditarmos que nossa inação seja uma desonra, uma prova de impotência ou um sinal de que o perigo também nos ronda.

O **DISTRATOR** presente na Letra B, portanto, está no emprego do particípio “condicionado”. Na verdade, os atos de compaixão se apresentam incondicionados pela vontade do indivíduo.

Letra C – CERTO – De fato, o autor compara os gestos de compaixão às reações instintivas do nosso corpo que tentam restabelecer o equilíbrio quando escorregamos. E uma das justificativas para essa decisão inconsciente é que temos medo de ser atingidos pelos mesmos perigos que fazem um semelhante sofrer, evidenciando, assim, nossa fraqueza e vulnerabilidade.

Essa ideia pode facilmente ser percebida no seguinte trecho: “Ou ainda vemos nos acidentes e no sofrimento dos outros um aviso do perigo que também nos espia; mesmo que fosse como simples indício da incerteza e da fragilidade humanas que pode produzir em nós um efeito penoso.”.

Letra D – ERRADO – Observemos o trecho: “Ora, só nos libertamos desse sofrimento pessoal quando nos entregamos a atos de compaixão.”. A presença do advérbio “só” (= somente) indica que a prática de atos de compaixão é indispensável para que nos libertemos desse sofrimento. Dessa forma, nunca nos libertaremos desse sofrimento se não nos entregarmos aos atos de compaixão, provando, assim, que a compaixão é imprescindível.

O **DISTRATOR** presente na Letra D, portanto, está no emprego do adjetivo “prescindível”.

Letra E – ERRADO – De acordo com o autor do texto, quando nos entregamos a atos de compaixão, estamos na verdade pensando em nós mesmos, o que torna equivocada a afirmação de que o altruísmo predomina sobre o “pensar em si”. Isso fica bem claro no seguinte trecho: “Podemos imaginar que no fundo é em nós que pensamos, considerando a decisão que tomamos em todos os casos em que podemos evitar o espetáculo daqueles que sofrem, gemem e estão na miséria”.

O **DISTRATOR** presente na Letra E, portanto, está no emprego do substantivo “predominância”.

Resposta: Letra C

QUESTÃO 02 - O objetivo principal do texto é

- a) incentivar a prática voluntariosa de atos de compaixão, visando à busca do bem-estar predominantemente coletivo.
- b) criticar o excesso de individualismo que muitas vezes impede a prática de atos de compaixão.
- c) simbolizar no sofrimento alheio a prova inconteste de nossa fragilidade e vulnerabilidade como seres humanos.
- d) apontar o pensar em si como componente de destaque presente nas tomadas de decisão que resultam em atos de compaixão.
- e) relativizar a necessidade de afinidade com a pessoa que sofre como requisito para a prática de atos de compaixão.

RESOLUÇÃO

O **DISTRATOR**, muitas vezes, já vem no próprio enunciado. Quando a questão pergunta o “objetivo principal”, perceba que algumas opções tentarão induzir você a considerar uma informação secundária como principal. Tome cuidado!

Letra A – ERRADO – Primeiramente, a mensagem do texto não é de incentivo, mas de esclarecimento. Visa o autor do texto provar a tese de que a prática de atos de compaixão é estimulada inconscientemente por decisões individuais, baseadas no “pensar em si”. Com a prática dos atos de compaixão, busca-se não um bem-estar coletivo, mas um bem-estar individual, que resulta da libertação do sentimento de sofrimento pessoal quando nos deparamos com uma dor alheia.

Letra B – ERRADO – Não se critica o individualismo no texto. Na verdade, afirma-se que são as decisões inconscientes que buscam um bem-estar individual que levam à prática de atos de compaixão. O individualismo não seria, portanto, um impeditivo, pois a compaixão é resultado de atos involuntários, que ocorrem de forma automática, como atos reflexos que tentam reequilibrar o corpo quando este escorrega.

Letra C – ERRADO – De fato, o sofrimento alheio desperta a noção de nossa fragilidade e vulnerabilidade. Isso fica bem claro no trecho: “Ou ainda vemos nos acidentes e no sofrimento dos outros um aviso do perigo que também nos espia; mesmo que fosse como simples indício da incerteza e da fragilidade humanas que pode produzir em nós um efeito penoso.”. No entanto, essa é uma das justificativas que estimulam a prática de atos de compaixão, não a única. Portanto, o objetivo principal do texto não pode ser reduzido à ideia de que o sofrimento dos outros é sinal da nossa fraqueza.

O objetivo é mostrar que motivações individuais inconscientes, e não o simples “pensar no outro”, desencadeiam atos de compaixão.

Letra D – CERTO – O autor desconstrói a ideia original de que os atos de compaixão são motivados pelo pensar no outro, e não mais em si. De forma inconsciente, ao se praticar um ato de compaixão, está-se pensando muito em si.

Letra E – ERRADO – As duas perguntas formuladas no 1º parágrafo, de certa forma, atenuam (relativizam) a necessidade de afinidade para que pratiquemos atos de compaixão. O ato de solidariedade diante do sofrimento alheio independe, pois, da boa relação entre os indivíduos. No entanto, não é esse o foco central do texto. Trata-

se apenas de um exemplo, que ilustra a tese de que a prática dos atos de compaixão é motivada inconscientemente pelo “pensar em si”.

Resposta: Letra D

Questões comentadas pelo professor

1. VUNESP - Analista de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

A destruição da humanidade por uma guerra nuclear está prestes a ser detonada por uma “pirraça impulsiva”, alertou neste domingo [10.12.2017] a Campanha Internacional para Abolir Armas Nucleares (Ican), vencedora do Nobel da Paz deste ano.

“Será o fim das armas nucleares ou será o nosso fim?”, afirmou a líder da Ican, Beatrice Fihn, em discurso ao receber o prêmio, em Oslo, na Noruega.

Também discursou em Oslo Setsuko Thurlow, 85, sobrevivente do ataque atômico de Hiroshima, em 1945 no Japão, durante a Segunda Guerra Mundial. Hoje ela é ativista da Ican.

Ela foi resgatada dos escombros de um prédio a 1,8 km do epicentro da bomba. A maioria de seus colegas morreu queimada viva.

(Mundo. Folha de S.Paulo, 10.12.2017. Adaptado)

No contexto da premiação, a presença de Setsuko Thurlow justifica

- a) o ativismo a favor do armamento nuclear, uma vez que um país não deve ficar desprotegido de seus principais inimigos.
- b) o apoio à Campanha Internacional para Abolir Armas Nucleares, cuja atenção se volta para os sobreviventes da Segunda Guerra.
- c) a preocupação das pessoas com a possibilidade de um conflito nuclear, cuja consequência pode ser o fim da humanidade.
- d) a certeza da humanidade de que, em determinados momentos históricos, a destruição serve para conscientização acerca do poder.
- e) o desconhecimento por grande parte da população mundial em relação à vida em Hiroshima após o ataque atômico de 1945.

RESOLUÇÃO

O texto trata primordialmente do perigo iminente e fatal de uma guerra nuclear que pode extinguir a raça humana. O relato de Setsuko Thurlow, sobrevivente do ataque nuclear de Hiroshima, em 1945 no Japão, é o exemplo histórico que justifica **“a preocupação das pessoas com a possibilidade de um conflito nuclear, cuja consequência pode ser o fim da humanidade.”**

Resposta: C

Texto para as questões 02 a 03**Ensino com diretriz**

Está quase pronto o documento que definirá o padrão nacional para o que crianças e jovens devem aprender até o 9º ano do ensino fundamental. Trata-se da quarta versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Caso aprovada até janeiro, a diretriz deve começar a ser implementada nos próximos dois anos.

A BNCC define conteúdos a serem estudados e competências e habilidades que os alunos devem demonstrar a cada passo da vida escolar. Soa como obviedade, mas não existe norma válida em todo o país que estabeleça de modo preciso a progressão do ensino e o que se deve esperar como resultado.

Note-se ainda que a base curricular não especifica como alcançar seus objetivos – isso será papel dos currículos a serem elaborados por estados e municípios, que podem fazer acréscimos conforme necessidades regionais.

A existência de um padrão pode permitir a correção de desigualdades do aprendizado e avaliações melhores. A partir de um limiar mediano de clareza, inteligência pedagógica e pragmatismo, qualquer modelo é melhor do que nenhum. Nesse aspecto, a nova versão da BNCC está perto de merecer nota de aprovação.

O programa ainda se mostra extenso em demasia, não muito diferente do que se viu nas escolas das últimas décadas, quando raramente foi cumprido. O excesso de assuntos dificulta abordagens mais aprofundadas e criativas.

A BNCC lembra a Constituição de 1988. Detalhista, arrojada e generosa, mas de difícil aplicação imediata e integral. É indiscutível, de todo modo, a urgência de pôr em prática esse plano que pode oferecer educação decente e igualitária às crianças.

(Editorial. Folha de S.Paulo, 10.12.2017. Adaptado)

2. VUNESP - Analista de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

No editorial, fica claro que

- a) a aprovação da BNCC é importante, considerando-se que não existe, em nível nacional, norma válida que define a progressão do ensino e os resultados que dele devem ser esperados.
- b) o papel da BNCC a ser aprovada é questionável, uma vez que a ação maior ficará com estados e municípios na elaboração de seus currículos.
- c) a organização da BNCC corresponde a um programa cuja extensão permitirá sua execução, garantindo abordagens mais aprofundadas e criativas.
- d) a validade da BNCC é relevante, considerando-se que se trata de um documento que não especifica como alcançar os objetivos em relação à progressão de ensino.
- e) o impacto da BNCC será a longo prazo, considerando-se que ela trata de questão educacional sobejamente discutida, cuja aplicação educacional não é de caráter de urgência.

RESOLUÇÃO:

O texto trata primordialmente da importância da aprovação da BNCC, considerando que não há, em nível nacional, um regramento válido que proponha a progressão do ensino e seus respectivos resultados. É o que está exposto com clareza na **ALTERNATIVA A**.

ALTERNATIVA B – ERRADA – Embora execução fique a cargo de estados e municípios, a BNCC estabelece um norte importante a ser seguido, algo inexistente até então.

ALTERNATIVA C – ERRADA – A extensão do documento, com muitos assuntos, é um dificultador para abordagens mais aprofundadas e criativas.

ALTERNATIVA D – ERRADA – A BNCC é relevante, não porque não explicita como alcançar os objetivos – tarefa que cabe a estados e municípios -, mas porque define um norte a ser seguido, algo inexistente até então.

ALTERNATIVA E – ERRADA – O último parágrafo do texto deixa clara a urgência de implementação da BNCC.

Resposta: A

3. VUNESP - Analista de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

De acordo com o editorial, a implementação da BNCC

- a) pode comprometer a qualidade da educação, com o excesso de assuntos nela previstos.
- b) fortalece uma ação cidadã, com o objetivo de ofertar educação decente e igualitária às crianças.
- c) merece ser aprovada, com a convicção de que é melhor ter essa base do que nenhuma.
- d) ameaça a qualidade do ensino, com base na ideia de que raramente será cumprida.
- e) recupera a esperança de uma educação de qualidade, com sua semelhança à Constituição.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A – ERRADA – O texto entende que a implementação da BNCC poderá trazer benefícios para a educação, como a correção de desigualdades do aprendizado e avaliações melhores. Tudo isso, apesar do seu conteúdo extenso.

ALTERNATIVA B – CERTA – É o que fica bem claro no trecho: “É indiscutível, de todo modo, a urgência de pôr em prática esse plano que pode oferecer educação decente e igualitária às crianças.”.

ALTERNATIVA C – ERRADA – Sutil o erro! O texto não afirma que a BNCC merece ser aprovada, mas sim que ela “está perto de merecer nota de aprovação”.

ALTERNATIVA D – ERRADA – O autor mostra preocupações com o cumprimento da BNCC, mas isso não o impede de afirmar sua implementação pode trazer benefícios à educação.

ALTERNATIVA E – ERRADA – A semelhança com a Constituição se deve ao fato de a BNCC ser extensa, detalhista e de difícil implementação. Assim, tal semelhança não é um sinal positivo, mas negativo no que diz respeito à busca por uma educação de qualidade.

Resposta: B

Texto para as questões 04 a 05

O crescimento dos robôs colaborativos é a parte mais visível de uma transição que vem ocorrendo no mercado de trabalho no mundo todo. A mecanização das linhas de montagem e a automação de tarefas antes feitas por humanos vêm se acelerando nas empresas. A cada ano, mais 240 000 robôs industriais são vendidos no mundo e esse número tem crescido a uma taxa média de 16% ao ano desde 2010, puxado principalmente pela China. Atividades rotineiras nas fábricas, como instalar uma peça, hoje podem ser feitas usando máquinas como os braços robóticos de baixo custo. Com o advento de novas tecnologias, como a inteligência artificial, os carros autônomos e a análise de grandes volumes de dados (o chamado big data), a expectativa é que as máquinas e os computadores passem a substituir outras tarefas que hoje só podem ser realizadas por pessoas. Já existem algoritmos que fazem a seleção de candidatos a vagas de emprego no recrutamento de empresas e também carrinhos autônomos que transportam produtos dentro de uma central de distribuição. Muito mais está por vir.

Diante desse cenário, muitos especialistas vêm se perguntando se o rápido avanço da tecnologia chegará a tal ponto que tornará boa parte do trabalho obsoleto. Para os economistas, o que determina se uma profissão tende a ser substituída por um robô ou um software não é se o trabalho é manual, mas se as tarefas executadas pelas pessoas são repetitivas. Um famoso estudo publicado em 2013 por pesquisadores da Universidade de Oxford, no Reino Unido, analisou 702 profissões nos Estados Unidos e o risco de elas serem trocadas por computadores e algoritmos nos próximos dez ou 20 anos. O resultado é alarmante. Quase metade dos empregos dos Estados Unidos está ameaçada, segundo os pesquisadores.

(Exame, 02.08.2017)

4. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018**O objetivo do texto é discutir**

- a) a dificuldade enfrentada pelos robôs colaborativos para ocupar postos de trabalho.
- b) a mecanização das linhas de montagem na China e seus reflexos pelo mundo.
- c) a redução das profissões nos Estados Unidos após o advento das novas tecnologias.
- d) a acelerada substituição do trabalho humano pelo uso de robôs e softwares.
- e) a relutância das empresas para a utilização de robôs colaborativos rotineiramente.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADA – Segundo o texto, o crescimento dos robôs colaborativos é visível, ou seja, representa já uma tendência observável.

ALTERNATIVA B – ERRADA – De fato! O texto faz menção à mecanização de linhas de montagem na China, mas isso é apenas um exemplo dentro de uma discussão mais ampla, que é a substituição do trabalho humano pelas máquinas.

ALTERNATIVA C – ERRADA – De fato, o texto faz menção ao mercado de trabalho norte-americano e à tendência de desaparecimento de algumas profissões nos EUA, mas isso é apenas um exemplo dentro de uma discussão mais ampla, que é a substituição do trabalho humano pelas máquinas.

ALTERNATIVA D – CERTA – De fato! O objetivo principal é discutir acerca da substituição de diversas atividades laborais, sobretudo as repetitivas, por máquinas.

ALTERNATIVA E – ERRADA – Não ocorre relutância (resistência) por parte das empresas em substituir por máquinas algumas atividades realizadas por humanos. De acordo com o texto, isso tem se tornado uma tendência cada vez mais visível.

Resposta: D

5. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

O estudo da Universidade de Oxford revela que

- a) os computadores e algoritmos encontram dificuldades para substituir os humanos nas tarefas executadas manualmente.
- b) as profissões que se baseiam em tarefas repetitivas tenderão a ser realizadas pelos computadores e algoritmos.
- c) as relações de trabalho, no futuro, terão influência das tecnologias, mas poucas pessoas serão substituídas pelas máquinas.
- d) os Estados Unidos têm incentivado a substituição do trabalho manual pelos realizados por computadores.
- e) os softwares e algoritmos perderam espaço no mercado de trabalho, por causa da ênfase dada ao trabalho manual.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADA – Segundo o texto, o crescimento dos robôs colaborativos é visível, ou seja, representa já uma tendência observável.

ALTERNATIVA B – CERTA – De fato! O objetivo principal do texto é discutir acerca da substituição de diversas atividades laborais, sobretudo as repetitivas, por máquinas.

ALTERNATIVA C – ERRADA – Não é o que afirma a pesquisa. O resultado é considerado alarmante, apontando que quase metade dos empregos nos EUA tende a desaparecer.

ALTERNATIVA D – ERRADA – Não se trata de um incentivo externo, mas sim uma tendência natural observável.

ALTERNATIVA E – ERRADA – O oposto! Os softwares e algoritmos ganharam espaço visível.

Resposta: B

6. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018



(Folha de S.Paulo, 30.11.2017)

No plano verbal, o efeito de humor da tira vem do emprego da

- a) palavra “medo”, que se mostra aparentemente incoerente no contexto.
- b) pergunta, com que a menina atenua o sentimento de medo do rato.
- c) frase “Não sei!”, gerando ambiguidade no segundo quadrinho.
- d) palavra “Ele”, que não tem um referente explícito anteriormente.
- e) palavra “desconhecido”, cujo sentido se modifica entre os quadrinhos.

RESOLUÇÃO

Ao se falar em plano verbal, a questão pede a atenção do aluno à parte escrita da ilustração, que deve ser lida em conjunto com a parte não escrita.

O elemento responsável por gerar o efeito de humor é a palavra “desconhecido”. Na fala da menina, a palavra “desconhecido” funciona como adjetivo; já na fala do ratinho, funciona como substantivo, substituindo a palavra “gato”.

Dessa forma, o sentido da palavra “desconhecido” varia entre os quadrinhos.

Resposta: E

Texto para as questões 07 e 08**Para se alfabetizar de verdade, Brasil deve se livrar de algumas ideias tortas**

Meses atrás, quando falei aqui do livro de Zinsser, um leitor deixou o seguinte comentário: “É de uma pretensão sem tamanho, a vaidade elevada ao maior grau, o sujeito se meter a querer ensinar os outros a escrever”.

Pois é. Muita gente acredita que, ao contrário de todas as demais atividades humanas, da música à mecânica de automóveis, do macramê à bocha, a escrita não pode ser ensinada.

Por quê? Porque é especial demais, elevada demais, dizem alguns. É o caso do leitor citado, que completou seu comentário com esta pérola: “Saber escrever é uma questão de talento, quem não tem, não vai nunca aprender...”

Há os que chegam à mesma conclusão pelo lado oposto, a ilusão de que toda pessoa alfabetizada domina a escrita, e o resto é joguinho de poder espúrio.

Talento literário é raro mesmo, mas não se trata disso. Também não estamos falando só de correção gramatical e ortográfica, aspecto que será cada vez mais delegado à inteligência artificial.

Estamos falando de pensamento. Escrever com clareza e precisão, sem matar o leitor de confusão ou tédio, é uma riqueza que deve ser distribuída de forma igualitária por qualquer sociedade que se pretenda civilizada e justa.

(Sérgio Rodrigues. Folha de S.Paulo, 07.12.2017)

7. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

De acordo com as informações do texto, conclui-se corretamente que uma ideia torta é acreditar que

- a) existem técnicas que melhoram a escrita.
- b) ter talento é um fato raro realmente.
- c) escrever com clareza e precisão é uma riqueza.
- d) saber escrever é uma questão de talento.
- e) escrever é um direito numa sociedade justa.

RESOLUÇÃO

No texto, o autor critica abertamente a opinião de um de seus leitores, que dizia: “Saber escrever é uma questão de talento, quem não tem, não vai nunca aprender...”.

O que o autor mostra ao longo o texto é que escrever com clareza não é uma questão de talento, e sim uma necessidade para uma sociedade que se diz justa e civilizada.

Resposta: D

8. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

Ao levar para seu texto os comentários do leitor, o autor pretende

- a) apresentar uma opinião da qual discorda radicalmente, já que ele defende que a escrita pode ser ensinada.
- b) fundamentar a sua argumentação a favor da inspiração para escrever, o que encontra eco nesses comentários.
- c) buscar um caminho alternativo para o modo como as pessoas escrevem, marcadamente confuso e enfadonho.
- d) tratar de novas nuances da boa escrita, que ele acredita estar sob responsabilidade da inteligência artificial.
- e) mostrar que o que interessa de fato na produção escrita é o atendimento à correção ortográfica e gramatical.

RESOLUÇÃO

No texto, o autor critica abertamente a opinião de um de seus leitores, que dizia: "Saber escrever é uma questão de talento, quem não tem, não vai nunca aprender...".

O que o autor mostra ao longo o texto é que escrever com clareza não é uma questão de talento, e sim uma necessidade para uma sociedade que se diz justa e civilizada. Escrever com clareza pode e deve ser ensinado, segundo o autor.

Resposta: A

9. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

Leia a tira.



(Alexandre Beck. Armandinho. <http://tinyurl.com/yd9qyey7>)

Armandinho atribui ao vocábulo **responsável** o sentido de

- a) adulto.
- b) aplicado.
- c) culpado.
- d) obediente.
- e) prudente.

RESOLUÇÃO

Armandinho associou ao adjetivo “responsável” um sentido negativo, associado a culpado por algum erro ou travessura. A pessoa ao telefone, obviamente, associa “responsável” à pessoa que responde por tal assunto ou atividade.

Resposta: C

Texto para as questões 10 e 12

“Quando eu tinha mais ou menos uma semana de idade, eu me lembro de estar enrolada em um cobertor rosa de algodão”, conta Rebecca Sharrock. Considerando que a memória da maioria das pessoas não é capaz de gravar acontecimentos anteriores aos quatro anos de idade, **pode ser fácil pensar que a descrição de Sharrock seja um sonho nostálgico em vez de uma memória real.** Mas a mulher australiana de 27 anos não tem uma memória comum – ela foi diagnosticada com uma síndrome rara chamada “Memória Autobiográfica Altamente Superior”, ou HSAM na sigla em inglês, também conhecida como Síndrome da Supermemória. **Essa condição neurológica única significa que Sharrock consegue se lembrar de absolutamente tudo que ela fez em qualquer data.**

Pessoas com essa síndrome podem se lembrar instantaneamente e sem esforço algum de qualquer coisa que fizeram, o que vestiram ou onde estavam em qualquer momento da vida. Elas podem se lembrar de notícias e acontecimentos pessoais com tantos detalhes e com uma exatidão tão perfeita que são comparáveis a uma gravação.

Por que algumas pessoas nascem com a supermemória? **As pesquisas ainda estão em andamento, já que existem poucos indivíduos com a síndrome no mundo, e a área ainda é relativamente nova.** Mas alguns estudos indicam que o lobo temporal (que ajuda no processamento de memória.) é maior nos cérebros das pessoas com HSAM.

Ter uma supermemória significa que as memórias são gravadas em detalhes vívidos, o que é fascinante em termos científicos, mas pode ser uma praga para quem tem a síndrome. Algumas pessoas com HSAM dizem que suas memórias são muito organizadas, mas Sharrock descreve seu cérebro como “entupido” e diz que reviver memórias lhe dá dor de cabeça e insônia. Apesar disso, **ela aprendeu a tentar usar memórias positivas para superar as negativas:** “No começo de todo mês, eu escolho todas as melhores memórias que tive naquele mês em outros anos”. **Reviver acontecimentos positivos facilita na hora de lidar com as “memórias invasivas” que a fazem se sentir mal.**

(Sarah Keating, BBC. 17.11.2017. www.bbc.com. Adaptado)

10. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

Um esclarecimento do que seja a Síndrome da Supermemória está expresso na seguinte passagem:

- a) ... pode ser fácil pensar que a descrição de Sharrock seja um sonho nostálgico em vez de uma memória real.
- b) Essa condição neurológica única significa que Sharrock consegue se lembrar de absolutamente tudo que ela fez em qualquer data.
- c) As pesquisas ainda estão em andamento, já que existem poucos indivíduos com a síndrome no mundo, e a área ainda é relativamente nova.
- d) ... ela aprendeu a tentar usar memórias positivas para superar as negativas...

e) Reviver acontecimentos positivos facilita na hora de lidar com as “memórias invasivas” que a fazem se sentir mal.

RESOLUÇÃO

Questão relativamente simples!

A letra B vai direto ao ponto, apontando o significado da HSAM.

Resposta: B

11. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

De acordo com o terceiro parágrafo, os estudos acerca da supermemória

- a) ainda não avaliaram fisicamente o cérebro de pessoas com HSAM.
- b) confirmam que o crescimento anormal do lobo temporal leva à síndrome.
- c) rejeitam a hipótese de que esteja relacionada ao tamanho do cérebro.
- d) não permitem fazer afirmações conclusivas acerca de suas causas.
- e) não avançaram porque as pessoas com a síndrome são muito reservadas.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Alguns estudos já apontam uma diferenciação física no lobo temporal das pessoas com HSAM.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não é o crescimento do lobo temporal que leva à síndrome. Na verdade, aqueles que possuem a síndrome tem esse lobo maior. Não se fala em crescimento, portanto, e sim apenas em tamanho.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Alguns estudos já apontam uma diferenciação física no lobo temporal das pessoas com HSAM, mostrando que nelas essa região é maior.

ALTERNATIVA D – CERTO – De fato! As pesquisas ainda são muito embrionárias, o que não permite se chegar a conclusões claras.

ALTERNATIVA E – ERRADO – As pesquisas têm encontrado dificuldades de avanço, não porque as pessoas são reservadas, mas sim porque são raras.

Resposta: D

12. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

A partir do último parágrafo, conclui-se que Sharrock

- a) tem mais facilidade em se lembrar de memórias recentes.
- b) apaga as más memórias concentrando-se nas boas.
- c) gosta de se envolver em experimentos científicos.
- d) não é capaz de selecionar o que vai lembrar.
- e) não tem total controle sobre suas memórias.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Segundo o texto, Sharrock é capaz de se lembrar de tudo.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não é que ela apaga as memórias ruins, pois estas permanecem vivas. Na verdade, o que ela faz é dar ênfase às memórias boas, sem apagar as ruins.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Em nenhum momento o texto afirma isso.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Segundo o texto, Sharrock tenta selecionar as memórias boas, com o objetivo de superar as ruins. Isso mostra que é equivocado julgá-la como incapaz de selecionar o que vai lembrar.

ALTERNATIVA E – CERTO – Como dito anteriormente, Sharrock tenta selecionar as memórias boas. O fato de tentar dá a entender que nem sempre é possível ter esse controle, o que gera, segundo ela própria, momentos de insônia e incômodo.

Resposta: E

Texto para as questões 13 a 14

Ei, você aí. Se fosse possível apagar da sua memória o que lhe causa dor, você apagaria? Seria perfeito, pois **manteríamos tudo de bom e esqueceríamos completamente o ruim**. Mas não, não seria perfeito. E sabe por quê? Porque **precisamos das perdas** para valorizar os ganhos, **o bom precisa do ruim** para ser compreendido e vice-versa. Simples assim. Só que geralmente **nos agarramos às derrotas e não enxergamos as conquistas**. Escondemos as **recordações bonitas** lá no fundo da gaveta, enquanto carregamos as mágoas agarradas pela mão, para cima e para baixo.

É possível, sim, **seguir adiante sem tanta culpa** pelo erro e sem o medo de falhar novamente, a partir do momento em que entendemos que **as quedas são necessárias** para que nos tornemos pessoas mais completas, aptas a resolver problemas e encontrar saídas. Então, passamos a enxergar a dor como **um mal necessário**. Inclusive, é ela que, muitas vezes, nos tira da inércia e nos impulsiona a reagir.

Usemos as decepções a nosso favor para que nos tornemos grandiosos diante da vida, aptos a receber o que nos mandam e transformar tudo o que vier em aprendizado. É impossível esquecer as tristezas, mas que elas não sejam lembradas a todo instante.

13. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

Na opinião da autora, as experiências negativas devem ser compreendidas como fonte de aprendizado,

- a) mas infelizmente as pessoas as esquecem com facilidade.
- b) por isso mesmo precisam ser cultuadas com regularidade.
- c) porém não devem ser constantemente evocadas.
- d) portanto deveriam ser frequentemente estimuladas.
- e) embora sejam menos eficazes que as experiências positivas.

RESOLUÇÃO

A frase ao final do texto deixa bem clara a ideia da autora: "É impossível esquecer as tristezas, mas que elas não sejam lembradas a todo instante."

Resposta: C

14. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

Duas construções que, no texto, expressam a mesma ideia estão em:

- a) ... esqueceríamos completamente o ruim... ... o bom precisa do ruim...
- b) ... manteríamos tudo de bom... ... não enxergamos as conquistas.
- c) ... recordações bonitas... ... um mal necessário.
- d) ... nos agarramos às derrotas... ... seguir adiante sem tanta culpa...
- e) ... precisamos das perdas... ... as quedas são necessárias...

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Temos duas ideias opostas. A primeira construção diz que precisamos "esquecer completamente o ruim"; já a segunda afirma que o "ruim" é necessário.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Temos duas ideias opostas. A primeira construção afirma que tudo de bom precisa ser mantido; já a segunda diz que não conseguimos enxergar nossas conquistas.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Temos duas ideias opostas. A construção "recordações bonitas" faz menção a algo positivo; já "mal necessário", a algo negativo, porém essencial.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Temos duas ideias opostas. A primeira construção eleva a importância das derrotas, ao passo que a segunda as relativiza (atenua).

ALTERNATIVA E – CERTO – Temos duas ideias convergentes. As perdas (quedas) são necessárias, segundo a autora, para que busquemos um aprendizado.

Resposta: E

15. VUNESP - Diretor (CM 2 Córregos)/2018



(André Dahmer. [http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada /cartum/cartunsdiarios/#27/10/2017](http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#27/10/2017). 27.10.2017)

A leitura da tira permite concluir que

- a) os internautas têm sido cada vez mais cautelosos com relação ao teor das postagens nas redes sociais.
- b) as possíveis consequências das publicações em redes sociais deixaram de ser uma preocupação na atualidade.
- c) os internautas vêm recorrendo sistematicamente ao anonimato para fazer comentários considerados ofensivos.
- d) a disseminação do acesso às redes sociais, diferentemente do que se esperava, fez com que se perdesse o interesse por elas.
- e) os comentários considerados agressivos vêm perdendo espaço na internet para mensagens que pregam tolerância e respeito.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O anonimato é apontado como uma “frescura” não mais necessária, o que dá a entender que as pessoas estão menos comedidas na hora de publicar opiniões na internet.

ALTERNATIVA B – CERTO – Como dito anteriormente, o anonimato é caracterizado como uma “frescura”, dando a entender que as pessoas estão expondo comentários muitas vezes agressivos sem temer tanto as consequências.

ALTERNATIVA C – ERRADO – É justamente o oposto. As pessoas não estão mais se prendendo ao anonimato

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não é esse o ponto. O que se discute nas tirinhas é o fato de as pessoas não estarem mais recorrendo ao anonimato para emitir comentários ofensivos na rede.

ALTERNATIVA E – ERRADO – É justamente o contrário! Eles vêm ganhando espaço e não precisam mais ser anônimos.

Resposta: B

Texto para as questões 16 e 17

Destruindo Riqueza

A economia cresce encontrando soluções, em geral tecnológicas, para reduzir ineficiências e, nesse processo, libera mão de obra.

Um exemplo esclarecedor é o do emprego agrícola nos EUA. Até 1800, a produção de alimentos exigia o trabalho de 95% da população do país. Em 1900, a geração de comida para uma população já bem maior mobilizava 40% da força de trabalho e, hoje, essa proporção mal chega a 3%. Quem abandonou a roça foi para cidades, integrando a força de trabalho da indústria e dos serviços.

Esse processo pode ser cruel para com indivíduos que ficam sem emprego e não conseguem se reciclar, mas é dele que a sociedade extrai sua prosperidade. É o velho fazer mais com menos.

A internet, com sua incrível capacidade de conectar pessoas, abriu novos veios de ineficiências a eliminar. Se você tem um carro e não é chofer de praça nem caixeiro viajante, ele passa a maior parte do dia parado, o que é uma ineficiência. Se você tem um imóvel vago ou mesmo um dormitório que ninguém usa, está sendo improdutivo. O mesmo vale para outros apetrechos que você possa ter, mas são subutilizados. Os aplicativos de compartilhamento, ao ligar de forma instantânea demandantes a ofertantes, permitem à sociedade fazer muito mais com aquilo que já foi produzido (carros, prédios, tempo disponível etc.), que é outro jeito de dizer que ela fica mais rica.

É claro que isso só dá certo se não forem criadas regulações desnecessárias que embaracem os acertos voluntários entre as partes. A burocratização da oferta de serviços de aplicativos torna-os indistinguíveis. Dá para descrever isso como a destruição de riqueza.

(Hélio Schwartsman. Folha de S.Paulo. 31.10.2017. Adaptado)

16. VUNESP - Diretor (CM 2 Córregos)/2018

Conforme o texto, as soluções encontradas pela economia, em geral tecnológicas, para reduzir ineficiências

a) são socialmente condenáveis, na medida em que a produção de riquezas passa a depender menos de mão de obra, causando desemprego.

b) constituem um retrocesso, já que prejudicam especialmente a força de trabalho que veio do campo, e que não está adaptada a tecnologias.

c) não provocam grandes impactos, uma vez que a totalidade dos trabalhadores oriundos da agricultura e da indústria acabam sendo absorvidos.

d) são muito positivas econômica e socialmente, pois exigem que os trabalhadores se reciclem e requerem grande volume de mão de obra especializada.

e) podem ser danosas aos trabalhadores que, não conseguindo se adaptar a essa realidade, ficam sem emprego, mas necessárias para a prosperidade social.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Justamente o oposto. Segundo o autor, as tecnologias produzem riqueza e contribuem com o bem-estar das pessoas.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O texto ataca não as tecnologias, mas sim as regulamentações que inibem a oferta de serviços por meio de aplicativos.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O exemplo da agricultura, por si só, evidencia o impacto que as tecnologias são capazes de gerar na economia. Não são irrelevantes esses efeitos.

ALTERNATIVA D – ERRADO – De fato! As tecnologias trazem ganhos econômicos e sociais. No entanto, não é correto afirmar que uma grande quantidade de mão de obra é exigida com as tecnologias. Haverá redução da demanda por mão de obra.

ALTERNATIVA E – CERTO – É o que fica evidente no seguinte trecho: “Esse processo pode ser cruel para com indivíduos que ficam sem emprego e não conseguem se reciclar, mas é dele que a sociedade extrai sua prosperidade.”.

Resposta: E

17.VUNESP - Diretor (CM 2 Córregos)/2018

Conforme o autor do texto, a internet possibilitou

a) a eliminação da ineficiência do trabalho no campo e na indústria, mas teve menos sucesso nos resultados do setor de serviços.

b) ganhos econômicos com soluções tecnológicas que garantiram maior eficiência na produção de bens de consumo como automóveis.

c) novas formas de produção, fornecendo soluções tecnológicas que tornaram os carros mais eficientes e os imóveis mais confortáveis.

d) novas maneiras de gerar riqueza a partir de bens improdutivos ou subutilizados, por meio dos aplicativos de compartilhamento.

e) a abolição de vagas de trabalho e em áreas específicas de prestação de serviços, arruinando a geração de riquezas e comprometendo economias.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Não é o que afirma o texto. O exemplo dos aplicativos são o exemplo mais evidente para ilustrar os ganhos de produtividade no setor de serviços.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O ganho de produtividade se deu não na produção de automóveis, mas na utilização destes.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Mais uma vez, o ganho de produtividade se deu não na produção de automóveis ou construção de imóveis, mas na utilização destes.

ALTERNATIVA D – CERTO – De fato! As tecnologias trazem ganhos de produtividade, dando utilidade a bens ociosos ou subutilizados, como carros e imóveis.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Segundo o texto, a internet, apesar de ter abolido alguns empregos, possibilitou o progresso econômico e social.

Resposta: D

Texto para as questões 18 a 19

Quem assiste a “Tempo de Amar” já reparou no português extremamente culto e correto que é falado pelos personagens da novela. Com frases que parecem retiradas de um romance antigo, mesmo nos momentos mais banais, os personagens se expressam de maneira correta e erudita.

Ao UOL, o autor da novela, Alcides Nogueira, diz que o linguajar de seus personagens é um ponto que leva a novela a se destacar. “Não tenho nada contra a linguagem coloquial, ao contrário. Acho que a língua deve ser viva e usada em sintonia com o nosso tempo. Mas colocar um português bastante culto torna a narrativa mais coerente com a época da trama. Fora isso, é uma oportunidade de o público conhecer um pouco mais dessa sintaxe poucas vezes usada atualmente”.

O escritor, que assina o texto da novela das 18h ao lado de Bia Corrêa do Lago, conta que a decisão de imprimir um português erudito à trama foi tomada por ele e apoiada pelo diretor artístico, Jayme Monjardim. Ele revela que toma diversos cuidados na hora de escrever o texto, utilizando, inclusive, o dicionário. “Muitas vezes é preciso recorrer às gramáticas. No início, o uso do coloquial era tentador. Aos poucos, a escrita foi ficando mais fácil”, afirma Nogueira, que também diz se inspirar em grandes escritores da literatura brasileira e portuguesa, como Machado de Assis e Eça de Queiroz.

Para o autor, escutar os personagens falando dessa forma ajuda o público a mergulhar na época da trama de modo profundo e agradável. Compartilhou-lhe o sentimento Jayme Monjardim, que também explica que a estética delicada da novela foi pensada para casar com o texto. “É uma novela que se passa no fim dos anos 1920, então tudo foi pensado para que o público entrasse junto com a gente nesse túnel do tempo. Acho que isso é importante para que o telespectador consiga se sentir em outra época”, diz.

(Guilherme Machado. UOL. <https://tvefamosos.uol.com.br>. 15.11.2017. Adaptado)

18. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

De acordo com o texto, entende-se que as formas linguísticas empregadas na novela

- a) constituem usos comuns na linguagem moderna, porém a maior parte das pessoas não os entende.
- b) estão associadas ao coloquial, o que dá mais vivacidade à linguagem e desperta o interesse do público.
- c) harmonizam-se com a linguagem dos dias atuais porque deixam de lado os usos corretos e formais.
- d) divergem dos usos linguísticos atuais, caracterizados pela adoção de formas mais coloquiais.
- e) correspondem a um linguajar que, apesar de ser antigo, continua em amplo uso na linguagem atual.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O linguajar empregado na novela se distancia bastante da empregada no dia a dia, a chamada linguagem coloquial.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O linguajar empregado na novela se distancia bastante da empregada no dia a dia, a chamada linguagem coloquial.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O linguajar empregado na novela se distancia bastante da empregada no dia a dia, a chamada linguagem coloquial. Na novela se privilegia o emprego formal e correto da língua.

ALTERNATIVA D – CERTO – De fato! Emprega-se uma linguagem bem distante da utilizada coloquialmente. Na novela, privilegia-se o emprego correto e formal da língua.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não! O linguajar empregado se distancia do linguajar atual, mais preso a coloquialismo.

Resposta: D

19. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

As informações textuais permitem afirmar corretamente que

- a) a harmonização entre a linguagem e a estética da novela contribui para que a caracterização de uma época seja mais bem entendida pelo público.
- b) a opção por escrever uma novela de época implica a transposição de elementos visuais e linguísticos para o tempo presente, modernizando-os.
- c) a linguagem coloquial atrai sobremaneira os autores de novelas, como é o caso de Alcides Nogueira, que desconhecia o emprego de formas eruditas.
- d) a linguagem erudita deixa de ser empregada na novela quando há necessidade de retratar os momentos mais banais vividos pelas personagens.
- e) a proximidade entre a literatura e as novelas exige que haja um senso estético aguçado em relação à linguagem, por isso essas artes primam pelo erudito.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – CERTO – De fato! Um dos diferenciais da novela está na aliança entre a estética e linguagem da época retratada, o que permite ao público compreender melhor esse período.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O que dá a entender o texto é que períodos do passado devem ser reproduzidos fielmente. Portanto, há de se preservar a estética e a linguagem de época.

ALTERNATIVA C – ERRADO – É errado afirmar que Alcides Nogueira desconhecia as formas eruditas. A decisão de empregar o linguajar culto partiu dele.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Embora o autor reconheça a tentação de se empregar a linguagem coloquial, foi mantido no enredo o emprego da linguagem erudita.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O que o texto afirma é que as novelas, de um modo geral, optam pelo linguajar coloquial.

Resposta: A

20. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

Leia o texto para responder à questão.

Se determinado efeito, lógico ou artístico, mais fortemente se obtém do emprego de um substantivo masculino apenso a substantivo feminino, não deve o autor hesitar em fazê-lo. Quis eu uma vez dar, em uma só frase, a ideia – pouco importa se vera ou falsa – de que Deus é simultaneamente o Criador e a Alma do mundo. Não encontrei melhor maneira de o fazer do que tornando transitivo o verbo “ser”; e assim dei à voz de Deus a frase:

– Ó universo, eu sou-te, em que o transitivo de criação se consubstancia com o intransitivo de identificação.

Outra vez, porém em conversa, querendo dar incisiva, e portanto concentradamente, a noção verbal de que certa senhora tinha um tipo de rapaz, empreguei a frase “aquela rapaz”, violando deliberadamente e justissimamente a lei fundamental da concordância.

A prosódia, já alguém o disse, não é mais que função do estilo.

A linguagem fez-se para que nos sirvamos dela, não para que a sirvamos a ela.

(Fernando Pessoa. A língua portuguesa, 1999. Adaptado)

No texto, o autor defende que

- a) a forma como muitas pessoas se comunicam cotidianamente tem deturpado a essência da língua, comprometendo-lhe a clareza.
- b) os discursos lógicos e artísticos, para serem mais coerentes, têm evitado as violações linguísticas a que poderiam recorrer.
- c) a transformação das formas de comunicação está restrita à linguagem oral, normalmente menos formal que a escrita.
- d) o estilo dos escritores rompe com a tradição da linguagem, o que implica que eles, cada vez mais, estão submissos a ela.
- e) a linguagem deve atender às necessidades comunicativas das pessoas, nem que para isso suas regras tenham de ser violadas.

RESOLUÇÃO

O último período do texto traduz fielmente a tese do autor: “A linguagem fez-se para que nos sirvamos dela, não para que a sirvamos a ela.”. Analisemos as alternativas:

ALTERNATIVA A – ERRADO – O autor não julga que haja falta de clareza na comunicação cotidiana, não é esse o ponto. O centro da discussão está na adequação da linguagem às necessidades do cotidiano, e não o oposto.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O próprio exemplo do autor contradiz essa afirmação. Ele, visando a dar mais expressividade ao seu discurso, viola algumas normas gramaticais de gênero, por exemplo.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Em nenhum momento o texto limita as variações de comunicação à linguagem oral. O próprio autor serve de exemplo, quando, em uma de suas produções, redigiu a frase: – Ó universo, eu sou-te.

ALTERNATIVA D – ERRADO – A última frase sugere que os autores não devem se submeter à tradição da linguagem. É a linguagem que deve se adaptar às necessidades do cotidiano, não o inverso.

ALTERNATIVA E – CERTO – Exato! É o que está exposto na última frase do texto. A linguagem deve se adaptar às necessidades do cotidiano. O próprio autor, visando a dar mais expressividade às suas produções, comete deslizes normativos propositais.

Resposta: E

Texto para as questões 21 a 25

Ai, Gramática. Ai, vida.

O que a gente deve aos professores!

Este pouco de gramática que eu sei, por exemplo, foram Dona Maria de Lourdes e Dona Nair Freitas que me ensinaram. E vocês querem coisa mais importante do que gramática? La grammaire qui sait régenter jusqu'aux rois – dizia Molière: a gramática que sabe reger até os reis, e Montaigne: La plus part des occasions des troubles du monde sont grammairiens – a maior parte de confusão no mundo vem da gramática.

Há quem discorde. Oscar Wilde, por exemplo, dizia de George Moore: escreveu excelente inglês, até que descobriu a gramática. (A propósito, de onde é que eu tirei tantas citações? Simples: tenho em minha biblioteca três livros contendo exclusivamente citações. Para enfeitar uma crônica, não tem coisa melhor. Pena que os livros são em inglês. Aliás, inglês eu não aprendi na escola. Foi lendo as revistas MAD e outras que vocês podem imaginar).

Discordâncias à parte, gramática é um negócio importante e gramática se ensina na escola – mas quem, professoras, nos ensina a viver? Porque, como dizia o Irmão Lourenço, no schola sed vita – é preciso aprender não para a escola, mas para a vida.

Ora, dirão os professores, vida é gramática. De acordo. Vou até mais longe: vida é pontuação. A vida de uma pessoa é balizada por sinais ortográficos. Podemos acompanhar a vida de uma criatura, do nascimento ao túmulo, marcando as diferentes etapas por sinais de pontuação.

Infância: a permanente exclamação: Nasceu! É um menino! Que grande! E como chora! Claro, quem não chora não mama!

Me dá! É meu!

Ovo! Uva! Ivo viu o ovo! Ivo viu a uva! O ovo viu a uva!

Olha como o vovô está quietinho, mamãe!

Ele não se mexe, mamãe! Ele nem fala, mamãe!

Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste! Criança – não verás nenhum país como este!

Dá agora! Dá agora, se tu és homem! Dá agora, quero ver!

(Moacyr Scliar. Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar, 1996. Adaptado)

21. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

No texto, o autor recorre a várias citações, com a finalidade de

- a) enfatizar as discrepâncias quanto à necessidade da gramática para a vida, concluindo que ela é inútil e só tem servido como atividade escolar.
- b) discutir a falta de necessidade do ensino de gramática, uma vez que seu domínio não implica necessariamente saber usar a língua de forma adequada.
- c) questionar a fascinação que grandes personalidades têm em relação à gramática, a qual, na maioria das vezes, ultrapassa os limites do contexto escolar.
- d) mostrar diferentes perspectivas em relação à gramática, concluindo que ela é relevante e que algumas de suas partes assemelham-se a fases da vida.
- e) propor a obrigatoriedade do ensino da gramática dentro e fora da escola, possibilitando que as pessoas usem melhor a língua materna.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – De fato, as citações apresentadas evidenciam diferentes visões acerca do emprego da gramática. No entanto, o autor não defende a tese de que a gramática seja inútil. Ele apenas alega que ela talvez não seja capaz de explicar todas as situações de comunicação.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O autor não defende a tese de que a gramática seja inútil. Ele apenas alega que ela talvez não seja capaz de explicar todas as situações de comunicação.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O autor cita exemplos de celebridades que rejeitam a gramática e, para se aproximar mais do público, fazem uso de uma linguagem mais cotidiana.

ALTERNATIVA D – CERTO – De fato! O autor atesta a importância da gramática, alegando não ser ela suficiente para o entendimento de todas as situações de comunicação. Compara a infância a uma permanente exclamação, relacionando uma fase da vida com um aspecto gramatical.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não propõe o autor a obrigatoriedade do ensino da gramática,

Resposta: D

22. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

Observe as passagens do texto:

O que a gente deve aos professores! (1º parágrafo)

... mas quem, professoras, nos ensina a viver? (4º parágrafo)

Observando-se o contexto em que ocorrem e a pontuação nelas presentes, conclui-se que as frases apontam, correta e respectivamente, para os seguintes sentidos:

- a) o narrador ironiza a educação e os ensinamentos de seus professores; o narrador sugere que a gramática não tem importância nenhuma na vida das pessoas.
- b) o narrador sente que está em dívida com os professores, por tudo o que aprendeu; o narrador acredita que o papel da gramática no cotidiano é incompreendido.
- c) o narrador questiona os ensinamentos gramaticais que recebeu dos professores; o narrador discorda da ideia de que a gramática seja a disciplina mais importante.
- d) o narrador demonstra reconhecimento pelo que lhe foi ensinado pelos professores; o narrador questiona qual é o papel da gramática na vida cotidiana das pessoas.
- e) o narrador expressa certo descontentamento com o que os professores lhe ensinaram; o narrador tem plena certeza de que a gramática transforma a vida das pessoas.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O narrador não ironiza (faz pouco caso) o papel dos professores. Ao contrário, reconhece-os como importantes na formação das pessoas. Também não sugere o narrador que a gramática não tenha nenhuma importância, mas sim que ela não é suficiente para a compreensão das situações cotidianas.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não é que o autor esteja devendo de fato algo aos professores. Na verdade, ele se sente grato pela formação que teve. Além disso, julga o autor que a gramática não seja suficiente para a compreensão das situações cotidianas.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O autor não questiona (põe em dúvida) o ensinamento dado pelos professores, mas sim reconhece o papel destes e se mostra grato por isso. De fato, o autor relativiza o papel da gramática, pois a considera insuficiente para descrever todas as situações do cotidiano.

ALTERNATIVA D – CERTO – De fato! O autor reconhece o papel dos professores e põe em dúvida (questiona) a gramática, no sentido de que esta não seja suficiente para explicar as diversas situações do cotidiano.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O narrador se mostra grato aos professores pelos ensinamentos. Além disso, julga a gramática como incapaz para descrever todas as situações de comunicação.

Resposta: D

23. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

Quando o autor diz que a vida é pontuação e associa a infância à exclamação, seu objetivo é mostrar que

- a) as crianças normalmente descobrem o mundo sem reagir aos acontecimentos que marcam essa etapa de seu desenvolvimento.
- b) o pleno encantamento marca esse período da vida, e as emoções tendem a mostrar-se com mais intensidade e espontaneidade.
- c) os adultos têm dificuldade para atender o encantamento das crianças pelas suas descobertas com o mundo que as circunda.
- d) os adultos tendem a ficar incomodados com a forma como as crianças vão descobrindo os segredos do mundo.
- e) a percepção exagerada das crianças não tem como se justificar na relação que elas estabelecem com os adultos e o mundo.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Justamente o oposto! O texto dá a entender que as crianças expressam suas reações de forma frequente, o que justifica o emprego do sinal de exclamação. O próprio texto define a infância como uma permanente exclamação.

ALTERNATIVA B – CERTO – De fato! Como dito no texto, a infância é uma permanente exclamação.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O texto não destaca a dificuldade dos adultos, mas sim o encantamento das crianças.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Em nenhuma passagem do texto, faz-se menção à sensação de incômodo por parte dos adultos. Destaca-se sim o encantamento das crianças.

ALTERNATIVA E – ERRADO – De acordo com o texto, dá-se a entender que a permanente exclamação se deve ao encantamento das crianças com o mundo. Não se trata de uma reação exagerada, mas sim de algo natural.

Resposta: B

24. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

O que Oscar Wilde afirma acerca de George Moore – escreveu excelente inglês, até que descobriu a gramática – significa que

- a) o contato com a gramática ocasionou, na obra de George Moore, o comprometimento da qualidade de sua escrita.
- b) o fato de escrever com excelência em inglês não impediu George Moore de buscar linguagem mais contemporânea.
- c) a gramática agiu, na obra de George Moore, para acentuar sua tendência a uma escrita de alta qualidade técnica.
- d) George Moore passou a escrever em inglês popular somente depois que descobriu a riqueza da gramática.
- e) a descoberta da gramática por George Moore surpreendeu a todos, pelo padrão de excelência de sua obra.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – CERTO – O emprego da expressão “até que” dá entender que a obra de George Moore era excelente e passou a não mais ser a partir do momento em que esse autor privilegiou a gramática em suas obras. Dessa forma, a preocupação com os aspectos gramaticais teve como contrapartida uma perda de qualidade.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O que o texto dá a entender é o oposto. O fato de o autor privilegiar a gramática fez com que ele perdesse qualidade em suas obras, talvez pelo fato de a linguagem empregada ser diferente da contemporânea.

ALTERNATIVA C – ERRADO – A preocupação com os aspectos gramaticais teve como contrapartida uma perda de qualidade.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O que o texto dá a entender é o oposto. Possivelmente a linguagem empregada pelo autor começou a se distanciar do popular à medida que ele passou a privilegiar a gramática.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O que o texto dá a entender é justamente o oposto. Com a descoberta da gramática por parte do autor, seus fãs se decepcionaram com a queda de qualidade de suas obras.

Resposta: A

25.VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP) /2018

Assinale a alternativa em que as frases da passagem “Infância: a permanente exclamação” expressam as vivências infantis relacionadas à possessividade e à escolarização, respectivamente.

- a) Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste! / Dá agora, quero ver!
- b) Claro, quem não chora não mama! / Olha como o vovô está quietinho, mamãe!
- c) Que grande! E como chora! / Ele nem fala, mamãe!
- d) Dá agora! Dá agora, se tu és homem! / Ele não se mexe, mamãe!
- e) Me dá! É meu! / Ovo! Uva! Ivo viu o ovo! Ivo viu a uva! O ovo viu a uva!

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O primeiro trecho carrega uma ideia de natividade, que pode até ser interpretada como possessividade (*trata-se da minha terra, da terra onde nasci*). No entanto, o segundo trecho não tem a ver com escolarização, e sim com o emprego cotidiano da linguagem nas brigas de crianças.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O primeiro trecho faz menção a um ditado popular que vai além do universo infantil. Quer dizer que é preciso insistir para se obterem barganhas. Já o segundo trecho nada tem a ver com escolarização, mas sim com a linguagem cotidiana no contexto familiar.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Não há uma ideia de posse, e sim de admiração por parte dos adultos. Já o segundo trecho nada tem a ver com escolarização, mas sim com a linguagem cotidiana no contexto familiar.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O primeiro trecho faz menção a uma provocação, e não a uma ideia de posse. Já o segundo trecho nada tem a ver com escolarização, mas sim com a linguagem cotidiana no contexto familiar.

ALTERNATIVA E – CERTO – O primeiro trecho dá a entender um sentimento de possessividade, bem comum entre crianças em formação. Já o segundo trecho faz menção à escolarização, na medida em que se destaca a repetição dos fonemas nas frases citadas. Trata-se, inclusive, de exemplos tradicionais apresentados pelos professores nas aulas de fonética.

Resposta: E

26. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

Ei-lo agora, adolescente recluso em seu quarto, diante de um livro que não lê. Todos os seus desejos de estar longe erguem, entre ele e as páginas abertas, uma tela esverdeada que perturba as linhas. Ele está sentado diante da janela, a porta fechada às costas. Página 48. Ele não tem coragem de contar as horas passadas para chegar a essa quadragésima oitava página. O livro tem exatamente quatrocentas e quarenta e seis. Pode-se dizer 500 páginas! Se ao menos tivesse uns diálogos, vai. Mas não! Páginas completamente cheias de linhas apertadas entre margens minúsculas, negros parágrafos comprimidos uns sobre os outros e, aqui e acolá, a caridade de um diálogo – um travessão, como um oásis, que indica que um personagem fala a outro personagem. Mas o outro não responde. E segue-se um bloco de doze páginas! Doze páginas de tinta preta! Falta de ar! Ufa, que falta de ar! Ele xinga. Muitas desculpas, mas ele xinga. Página quarenta e oito... Se ao menos conseguisse lembrar do conteúdo dessas primeiras quarenta e oito páginas!

(Daniel Pennac. Como um romance, 1993. Adaptado)

O texto relata que

- a) o adolescente considera penosa a tarefa de ler um livro de 446 páginas.
- b) a história do livro desanima o adolescente, que pula páginas em busca de um diálogo.
- c) o livro cativa o adolescente, ansioso por terminar logo a leitura das quase 500 páginas.
- d) o xingamento do adolescente é inevitável, mas ele se arrepende e volta a ler o livro.
- e) a recordação do conteúdo do livro ameniza o sofrimento do adolescente com a leitura.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – CERTO – Sem dúvida! Tanto que ele se mostra resistente em prosseguir a leitura, não pelo fato de o conteúdo não agradar, mas pela forma de apresentação ser pouco amistosa.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não se faz uma crítica ao conteúdo, e sim à forma de apresentação da obra, com parágrafos comprimidos e textos longos sem diálogos.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Justamente o oposto. O livro inibe o jovem de dar prosseguimento à leitura.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não é possível afirmar que o jovem prosseguiu com a leitura. Termina o texto e ele continua estacionado na página 48. Além disso, não há indícios de que ele se mostre arrependido pelo xingamento.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Soma-se à dificuldade de prosseguir com a leitura o fato de que o jovem não lembra o que leu nas 48 páginas.

Resposta: A

27. VUNESP - Professor (SME Barretos)/2018

Black Friday? Levantamento feito pela Folha* mostrou que boa parte dos “descontos” oferecidos nesta sexta-feira não passa de manipulações até meio infantis de preços, com o objetivo de iludir o consumidor.

Antes, porém, de imprecisar contra a ganância dos capitalistas, convém perguntar se os consumidores não desejam ser enganados. E há motivos para acreditar que pelo menos uma parte deles queira.

No recém-lançado *Dollars and Sense* (dinheiro e juízo), Dan Ariely e Jeff Kreisler relatam um experimento natural que mostra que pessoas podem optar por ser “ludibriadas” voluntariamente e que, em algum recôndito do cérebro, isso faz sentido.

A JCPenney é uma centenária loja de departamentos dos EUA que se celebrizou por jogar seus preços na lua para depois oferecer descontos “irresistíveis”. Ao fim e ao cabo, os preços efetivamente praticados estavam em linha com os da concorrência, mas os truques utilizados proporcionavam aos consumidores a sensação, ainda que ilusória, de ter feito um bom negócio, o que lhes dava prazer.

Em 2012, o então novo diretor executivo da empresa Ron Johnson, numa tentativa de modernização, resolveu acabar com a ginástica de remarcações e descontos e adotar uma política de preços “justa e transparente”.

Os clientes odiaram. Em um ano, a companhia perdera US\$ 985 milhões e Johnson ficou sem emprego. Logo em seguida, a JCPenney remarcou os preços de vários de seus itens em até 60% para voltar a praticar os descontos irresistíveis. Como escrevem Ariely e Kreisler, “os clientes da JCPenney votaram com suas carteiras e escolheram ser manipulados”.

Num mundo em que o cliente sempre tem razão, não é tão espantoso que empresas se dediquem a vender-lhe as fantasias que deseja usar, mesmo que possam ser desmascaradas com um clique de computador.

* Jornal Folha de São Paulo

(‘Caveat emptor’. Hélio Schwartzman. <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/2017/11/1937658-caveat-emptor.shtml> 24.11.2017. Adaptado)

Segundo as informações do texto, a afirmação de que parte dos consumidores agem como se desejassem ser enganados é

- a) contestável, pois o experimento comprovou que esses consumidores são vítimas de uma política obscura de maquiagem de preços pelas empresas.
- b) justificável, já que ficou comprovado que alguns consumidores não resistem ao prazer experimentado nessas situações de desconto aparente.
- c) procedente, mas o experimento mostrou que os consumidores deixam de comprar quando as lojas tentam fazer os descontos parecerem grandes demais.
- d) controversa, pois a política de remarcações de preços para forjar descontos trouxe grande prejuízo a uma loja de departamentos nos EUA.
- e) falsa, já que ficou demonstrado que os consumidores tendem a preferir situações em que os preços são apresentados de forma transparente.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O texto não considera o cliente uma vítima, pois ele voluntariamente se deixa enganar.

ALTERNATIVA B – CERTO – De fato! O experimento evidenciou de forma bem clara que os clientes se sentem atraídos por descontos “irresistíveis”. E uma prova disso é que o faturamento da loja alvo do experimento despencou quando se resolveu praticar uma política justa de preços.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Justamente o oposto. Quando o desconto é “irresistível”, o cliente se sente atraído pela aparente promoção.

ALTERNATIVA D – ERRADO – A prática de preços justos é que fez o faturamento despencar.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O experimento mostrou justamente o contrário.

Resposta: B

28. VUNESP - Professor (SME Barretos)/2018

(Bill Watterson. O mundo é mágico: as aventuras de Calvin e Haroldo. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010. Adaptado)

É correto concluir, da leitura da tira, que os meios de comunicação

- a) prezam pela expressão da arte pautada por valores estéticos.
- b) têm tentado, sem sucesso, reproduzir elementos da realidade atual.
- c) como a televisão e o cinema não refletem aspectos da realidade atual.
- d) tornaram-se monótonos devido à insistência em retratar a realidade atual.
- e) têm sua programação pautada pela viabilidade econômica do que é veiculado.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Calvin deixa bem claro na sua fala que os meios de comunicação propagam valores distorcidos, como ódio e violência. Dessa forma, a estética não é o critério precípua (principal) nessas produções.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não é verdade! Os meios de comunicação, nas palavras de Calvin, refletem a realidade dos nossos tempos.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Justamente o oposto. Filmes, músicas e programas de TV, nas palavras de Calvin, refletem a realidade dos nossos tempos.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não é o que dá a entender o texto. Na verdade, se os programas explorassem coisas belas e valorosas, tornar-se-iam monótonos e perderiam a audiência. O fato de explorarem valores distorcidos, como ódio e violência, dá audiência porque esse tipo de abordagem “vende”.

ALTERNATIVA E – CERTO – De fato! Os meios de comunicação exploram valores distorcidos, como ódio e violência, pois coisas valorosas e belas não “vendem”.

Resposta: E

Texto para as questões 29 a 30**Novo Analfabetismo**

O Instituto de Estatísticas da Unesco alerta, em informe recente, que grande parte dos jovens da América Latina não alcança níveis apropriados de proficiência em leitura. São 19 milhões de adolescentes que concluem o ensino fundamental sem conseguir ler parágrafos simples e deles extrair informações, num fenômeno que Silvia Montoya, dirigente do instituto, chama de “nova definição do analfabetismo”.

A preocupação da diretora procede, pois a falta de competência leitora fragiliza a cidadania. Afinal, quem não consegue ler jornais ou livros depende do que a televisão lhe recomenda como condutas corretas e não consegue formular seus próprios juízos.

Além disso, em tempos em que o mundo do trabalho extermina postos baseados em tarefas rotineiras, que não demandam capacidade de concepção, as chances de sucesso profissional e de realização pessoal de quem tem letramento insuficiente se tornam muito limitadas.

Aqui, só 30% dos alunos saem do 9º ano com aprendizado adequado em leitura e interpretação, de acordo com dados do Inep. É menos que a média da América Latina, que tanto chocara Silvia Montoya.

Ora, num país de elites não leitoras, o fato de tantos jovens não estarem aptos a ler livros talvez não choque.

Não é mais suficiente ter um nível mínimo de alfabetização. Não ter competência leitora traz obstáculos para a vida em sociedade, especialmente no tocante à dificuldade em compreender os próprios direitos e deveres como cidadão, ainda mais num mundo em turbulência como o que vivemos.

(Claudia Costin. Folha de S.Paulo, 27.10.2017. Adaptado)

29. VUNESP - Professor (SME Barretos)/2018

Conforme o texto, o frágil e insuficiente desenvolvimento da competência leitora dos jovens que concluem o ensino fundamental na América Latina impacta diretamente

- a) nas políticas educacionais da Unesco para a região, que passa a pressionar governantes a fim de que adotem medidas capazes de reverter esse quadro.
- b) na cidadania de milhões desses jovens, que desistem da escola em face à dificuldade para extrair informações de contextos de leitura simples.
- c) na formação desses leitores enquanto cidadãos, já que a proficiência em leitura é fundamental para a formação da capacidade de julgamento.
- d) na formação social desses jovens, que não conseguem se apropriar de normas de conduta divulgadas pela televisão indispensáveis para esse fim.
- e) no modo como informações são transmitidas em livros e jornais, que acabam tendo de adaptar sua linguagem ao nível de entendimento dos leitores.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Não é a UNESCO a principal afetada, e sim os próprios países onde o nível de letramento é pífio. Nesses, a população não consegue exercer plenamente sua cidadania, além de ser facilmente descartada no competitivo mercado de trabalho.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Segundo o texto, não é a evasão escolar o problema principal decorrente da frágil e insuficiente competência leitora. É sim a incapacidade de as pessoas exercerem plenamente sua cidadania e se adaptarem ao mercado de trabalho o principal impacto.

ALTERNATIVA C – CERTO – Exato! Sem a proficiência leitora, as pessoas não conseguem emitir juízos próprios e não são capazes, assim, de exercer a cidadania.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O que ocorre, segundo o texto, é que, como os jovens não conseguem emitir juízos próprios, passam a seguir o que a TV indica como conduta.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Em nenhum momento, o texto fala que livros e jornais estão tendo de adaptar suas linguagens. O foco do texto está na dificuldade de as pessoas assimilarem os conteúdos, pois carecem de uma proficiência leitora.

Resposta: C

30. VUNESP - Professor (SME Barretos)/I/2018

Conforme a autora do texto,

- a) a dificuldade com leitura não chega a ser preocupante quanto à colocação no mercado de trabalho, ainda marcado por atividades que não requerem instrução.
- b) a passividade ante um número tão alto de leitores inaptos pode ser justificada pelo desinteresse pela leitura inclusive dos que estão no topo da sociedade.
- c) a demanda por qualificação em detrimento do trabalho em atividades rotineiras por enquanto não compromete o futuro de quem tem letramento insuficiente.
- d) a constatação do quadro de competência leitora abaixo do esperado tem obrigado o mercado de trabalho a adequar suas exigências a essa realidade.
- e) o baixo nível de letramento, embora crie dificuldades para a leitura de livros e jornais, não chega a constituir um empecilho para a vida em sociedade.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – A empregabilidade é a principal afetada pela pífia proficiência leitora. As pessoas se tornam mais descartáveis no competitivo mercado de trabalho.

ALTERNATIVA B – CERTO – Isso fica bem evidente no seguinte trecho: “Ora, num país de elites não leitoras, o fato de tantos jovens não estarem aptos a ler livros talvez não choque.”. Como os que estão no topo também leem pouco, não há uma preocupação ou senso de urgência no que diz respeito à pífia proficiência leitora de grande parte da população.

ALTERNATIVA C – ERRADO – É exatamente o oposto. Com a mudança no perfil de profissional buscado hoje no mercado de trabalho, aqueles cuja capacidade leitora é insuficiente são diretamente afetados.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Em nenhum momento o texto afirma isso. São na verdade as pessoas com proficiência leitora deficiente que estão sendo descartadas no mercado de trabalho.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Chega sim, pois as pessoas não são capazes de exercer plenamente sua cidadania, emitindo juízos próprios.

Resposta: B

Leia a tira para responder às questões 31 a 32.



(Folha de S.Paulo, 26.10.2017)

31. VUNESP - Pref Mogi Cruzes/2018

Ao referir-se a escrever uma monstruosidade nas redes sociais, a personagem constata que isso

- a) é algo reprovado por todos os internautas.
- b) era prática inexistente na época do Orkut.
- c) ocorre com facilidade atualmente.
- d) deixou de acontecer depois do Orkut.
- e) tende a sumir muito brevemente.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Não é o que dá a entender a tirinha. Hoje as pessoas podem dizer quaisquer monstruosidades sem se preocupar com o anonimato, deixando claro que existe um público que não se choca com esse tipo de mensagem.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Era praticado sim, mas se tomava o cuidado de manter o anonimato, algo que não mais ocorre hoje.

ALTERNATIVA C – CERTO – De fato! Hoje não há mais a necessidade de manter o anonimato, dando a entender que as pessoas estão mais à vontade para falar qualquer coisa.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Continuou a ocorrer, e de forma mais facilitada, segundo o texto.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não há indício algum que nos faça crer que se trata de algo passageiro.

Resposta: C

32. VUNESP - Pref Mogi Cruzes/2018

No último quadrinho, a expressão “essas frescuras” faz referência ao fato de as pessoas

- a) comunicarem-se pelo Orkut.
- b) escreverem algumas monstruosidades.
- c) postarem comentários no Orkut.
- d) lembrarem-se da época do Orkut.
- e) comentarem de forma anônima.

RESOLUÇÃO

Questão bem tranquila!

A expressão “frescuras” remete ao fato de as pessoas, no passado, terem cautela ao postar qualquer tipo de mensagem. Antes prezavam pelo anonimato. Hoje não mais.

Resposta: E

Texto para as questões 33 a 34

Estima-se que, até o fim deste ano, o número de pessoas vivendo na miséria no Brasil crescerá de 2,5 milhões a 3,6 milhões, segundo o Banco Mundial. O número de brasileiros vivendo abaixo da linha da pobreza passou dos 16 milhões, em 2014, para cerca de 22 milhões neste ano, de acordo com o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social). Em momentos assim, o Brasil depara com outra chaga, diferente da pobreza: a desigualdade. Os mais ricos se protegem melhor da crise, que empurra para baixo a parcela da população já empobrecida. Por isso, o FGV Social alerta sobre um aumento relevante da desigualdade no país. Ela já subiu no ano passado, na medição que usa um índice chamado Gini. Foi a primeira vez que isso ocorreu em 22 anos. Trata-se de um fenômeno especialmente ruim num país em que a desigualdade supera a normalmente encontrada em democracias capitalistas. Para piorar, descobrimos recentemente que subestimávamos o problema.

Até o ano retrasado, a régua da desigualdade era organizada só com o Índice de Gini, baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). Por esse método, ficavam de fora do quadro os rendimentos que principalmente os mais ricos conseguem de outras fontes, que não o salário – a renda do capital, oriunda de ativos como aplicações financeiras, participação em empresas e propriedade de imóveis. Isso mudou quando a Receita Federal publicou números do Imposto de Renda (IR) de pessoa física de 2007 em diante. Os números mais recentes, referentes a 2015, foram abertos em julho deste ano. Eles evidenciam que a concentração de renda no topo da pirâmide social brasileira é muito maior do que se pensava. A análise restrita às entrevistas domiciliares indicava que o 1% mais rico de brasileiros concentrava 11% da renda. Com os dados do IR e do Produto Interno Bruto (PIB), essa fatia saltou para 28%.

(Época, 13.11.2017)

33. VUNESP - Auxiliar de Apoio Administrativo (Pref Mogi Cruzes)/2018

O texto traz uma série de dados com o objetivo de

- a) mostrar que a condição de pobreza no Brasil se agrava, o que reforça a desigualdade social.
- b) enfatizar que a desigualdade social no Brasil, que já foi um problema, diminuiu significativamente.
- c) comparar a situação de pobreza atual com a de 22 anos atrás, que gerava muita desigualdade.
- d) denunciar a desigualdade social no Brasil, que é a menor entre as chamadas democracias capitalistas.
- e) relativizar o impacto da desigualdade social no Brasil, já que há estabilidade no número de pobres no país.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – CERTO – De fato! O número de pessoas vivendo abaixo da linha de pobreza subiu de 16 para 22 milhões. Como os ricos se protegem mais da crise os pobres ficam mais expostos, isso agravou o quadro de desigualdade.

ALTERNATIVA B – ERRADO – A desigualdade não arrefeceu, e sim se acentuou com a crise.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O objetivo principal do texto não é simplesmente comparar períodos, e sim evidenciar que o número de miseráveis aumentou com a crise, assim como a desigualdade.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O objetivo principal do texto não é comparar o Brasil com outros países, e sim evidenciar que o número de miseráveis aumentou com a crise, assim como a desigualdade.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O texto não relativiza (atenua) o aumento da desigualdade, e sim enfatiza (destaca).

Resposta: A

34. VUNESP - Auxiliar de Apoio Administrativo (Pref Mogi Cruzes)/2018

Com base nos dados estatísticos apresentados no texto, é correto afirmar que houve

- a) aumento no número de pessoas na miséria no Brasil, as quais superaram o contingente das que vivem abaixo da linha da pobreza.
- b) inexpressiva alteração na concentração de renda no topo da pirâmide social brasileira com os dados do IR e do PIB.
- c) diminuição dos mais ricos e também aumento dos mais pobres nos últimos 22 anos na sociedade brasileira.
- d) aumento na desigualdade social no Brasil, já que nos últimos 22 anos houve um aumento de 22 milhões de pessoas na pobreza.
- e) aumento no número de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza no Brasil, no período de 2014 a 2017.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O número de pessoas na miséria atingirá 3,6 milhões, ao passo que o de pessoas abaixo da linha de pobreza atingirá 22 milhões.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O salto foi de 11% a 28% com a mudança dos critérios, o que é bastante significativo.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Não menciona o texto que o número de ricos diminuiu, e sim que o número de pobres aumentou.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não houve um aumento de 22 milhões, e sim se alcançou esse patamar.

ALTERNATIVA E – CERTO – Houve um salto de 16 milhões para 22 milhões.

Resposta: E

35. VUNESP - Delegado de Polícia (PC BA)/2018

Vamos partir de uma situação que grande parte de nós já vivenciou. Estamos saindo do cinema, depois de termos visto uma adaptação de um livro do qual gostamos muito. Na verdade, até que gostamos do filme também: o sentido foi mantido, a escolha do elenco foi adequada, e a trilha sonora reforçou a camada afetiva da narrativa. Por que então sentimos que algo está fora do lugar? Que está faltando alguma coisa?

O que sempre falta em um filme sou eu. Parto dessa ideia simples e poderosa, sugerida pelo teórico Wolfgang Iser em um de seus livros, para afirmar que nunca precisamos tanto ler ficção e poesia quanto hoje, porque nunca precisamos tanto de faíscas que ponham em movimento o mecanismo livre da nossa imaginação. Nenhuma forma de arte ou objeto cultural guarda a potência escondida por aquele monte de palavras impressas na página.

Essa potência vem, entre outros aspectos, do tanto que a literatura exige de nós, leitores. Não falo do esforço de compreender um texto, nem da atenção que as histórias e os poemas exigem de nós – embora sejam incontornáveis também. Penso no tanto que precisamos investir de nós, como sujeitos afetivos e como corpos sensíveis, para que as palavras se tornem um mundo no qual penetramos.

Somos bombardeados todo dia, o dia inteiro, por informações. Estamos saturados de dados e de interpretações. A literatura – para além do prazer intelectual, inegável – oferece algo diferente. Trata-se de uma energia que o teórico Hans Ulrich Gumbrecht chama de “presença” e que remete a um contato com o mundo que afeta o corpo do indivíduo para além e para além do pensamento racional.

Muitos eventos produzem presença, é claro: jogos e exercícios esportivos, shows de música, encontros com amigos, cerimônias religiosas e relações amorosas e sexuais são exemplos óbvios. Por que, então, defender uma prática eminentemente intelectual, como a experiência literária, com o objetivo de “produzir presença”, isto é, de despertar sensações corpóreas e afetos? A resposta está, como já evoquei mais acima, na potência guardada pela ficção e pela poesia para disparar a imaginação. Mas o que é, afinal, a imaginação, essa noção tão corriqueira e sobre a qual refletimos tão pouco?

Proponho pensar a imaginação como um espaço de liberdade ilimitada, no qual, a partir de estímulos do mundo exterior, somos confrontados (mas também despertados) a responder com memórias, sentimentos, crenças e conhecimentos para forjar, em última instância, aquilo que faz de cada um de nós diferente dos demais. A leitura de textos literários é uma forma privilegiada de disparar esse mecanismo imenso, porque demanda de nós todas essas reações de modo ininterrupto, exige que nosso corpo esteja ele próprio presente no espaço ficcional com que nos deparamos, sob pena de não existir espaço ficcional algum.

(Ligia G. Diniz. <https://brasil.elpais.com>. 22.02.2018. Adaptado)

Uma frase em consonância com o que se argumenta no texto é:

- a) Essencialmente racional, a literatura diferencia-se das demais manifestações artísticas por ser ela incapaz de despertar reações corpóreas.
- b) Um texto literário exige mais concentração e esforço intelectual para ser compreendido, em comparação com outros tipos de texto.
- c) A literatura é imprescindível para que o pensamento racional seja cultivado em detrimento de percepções motivadas pelo instinto.
- d) Somos incapazes de ver aspectos positivos na adaptação de um filme do qual gostamos muito, pois nosso julgamento é puramente emocional.
- e) Inseridos em um contexto impregnado de informação, precisamos da literatura mais do que nunca para aguçar nossa imaginação.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – É justamente o oposto. A literatura desperta nossa imaginação e desencadeia em nós reações corpóreas.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não são exatamente o esforço intelectual ou a concentração que são exigidos de nós quando lemos um texto literário. O que mais é exigido de nós é a capacidade de imaginar.

ALTERNATIVA C – ERRADO – A literatura desperta reações e percepções nos indivíduos.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Segundo o texto, é possível sim ver aspectos positivos na adaptação para filmes, a despeito da carência do elemento imaginação presente na leitura.

ALTERNATIVA E – CERTO – Trata-se de uma conclusão decorrente das seguintes passagens: "...nunca precisamos tanto ler ficção e poesia quanto hoje, porque nunca precisamos tanto de faíscas que ponham em movimento o mecanismo livre da nossa imaginação..." e "Somos bombardeados todo dia, o dia inteiro, por informações. Estamos saturados de dados e de interpretações. A literatura – para além do prazer intelectual, inegável – oferece algo diferente.".

Resposta: E

36. VUNESP - Investigador de Polícia (PC BA)/2018**Algoritmos e desigualdade**

Virginia Eubanks, professora de ciências políticas de Nova York, é autora de *Automating Inequality* (Automatizando a Desigualdade.), um livro que explora a maneira como os computadores estão mudando a prestação de serviços sociais nos Estados Unidos. Seu foco é o setor de serviços públicos, e não o sistema de saúde privado, mas a mensagem é a mesma: com as instituições dependendo cada vez mais de algoritmos preditivos para tomar decisões, resultados peculiares – e frequentemente injustos – estão sendo produzidos.

Virginia Eubanks afirma que já acreditou na inovação digital. De fato, seu livro tem exemplos de onde ela está funcionando: em Los Angeles, moradores de rua que se beneficiaram dos algoritmos para obter acesso rápido a abrigos. Em alguns lugares, como Allegheny, houve casos em que “dados preditivos” detectaram crianças vulneráveis e as afastaram do perigo.

Mas, para cada exemplo positivo, há exemplos afortunados de fracassos. Pessoas de uma mesma família de Allegheny foram perseguidas por engano porque um algoritmo as classificou como propensas a praticar abuso infantil. E em Indiana há histórias lastimáveis de famílias que tiveram assistência de saúde negada por causa de computadores com defeito. Alguns desses casos resultaram em mortes.

Alguns especialistas em tecnologia podem alegar que esses são casos extremos, mas um padrão similar é descrito pela matemática Cathy O’Neill em seu livro *Weapons of Math Destruction*. “Modelos matemáticos mal concebidos agora controlam os mínimos detalhes da economia, da propaganda às prisões”, escreve ela.

Existe alguma solução? Cathy O’Neill e Virginia Eubanks sugerem que uma opção seria exigir que os tecnólogos façam algo parecido com o julgamento de Hipócrates: “em primeiro lugar, fazer o bem”. Uma segunda ideia – mais custosa – seria forçar as instituições a usar algoritmos para contratar muitos assistentes sociais humanos para complementar as tomadas de decisões digitais. Uma terceira ideia seria assegurar que as pessoas que estão criando e rodando programas de computador sejam forçadas a pensar na cultura, em seu sentido mais amplo.

Isso pode parecer óbvio, mas até agora os nerds digitais das universidades pouco contato tiveram com os nerds das ciências sociais – e vice-versa. A computação há muito é percebida como uma zona livre de cultura e isso precisa mudar.

(Gillian Tett. www.valor.com.br. 23.02.2018. Adaptado)

Ao aproximar os pontos de vista de Virginia Eubanks e de Cathy O’Neill, o autor defende a tese de que os algoritmos preditivos

- a) necessitam manter-se restritos à economia e a áreas afins.
- b) devem ser abandonados, pois ainda não beneficiaram os cidadãos.
- c) podem levar à tomada de decisões equivocadas e injustas.
- d) são bem-sucedidos no setor privado, mas não no setor público.
- e) precisam ser confiáveis ao ponto de substituir as escolhas humanas.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O autor não defende que haja uma limitação nas áreas de atuação dos algoritmos preditivos. O que se propõe é que haja uma complementação a esse trabalho, com uma análise mais criteriosa dos resultados obtidos.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não se propõe que os algoritmos sejam abandonados, mas que seus resultados sejam interpretados de forma mais criteriosa e aprofundada.

ALTERNATIVA C – CERTO – Exatamente! O autor apresenta exemplos de problemas de tomada de decisão por algoritmos preditivos tanto no setor público como no privado.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O autor apresenta exemplos de problemas de tomada de decisão por algoritmos preditivos tanto no setor público como no privado.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O autor propõe a participação de “nerds” das ciências humanas, no sentido de aprimorar a eficácia da tomada de decisões baseadas em algoritmos preditivos.

Resposta: C

37. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

Leia a charge para responder à questão.



(Malika. *Em tempo*. <http://d.emtempo.com.br/charges>. 07.10.2017)

A charge tem como assunto principal

- a) a evolução dos aparelhos de comunicação.
- b) a interação estabelecida nas redes sociais.
- c) as limitações da comunicação via internet.
- d) o acesso limitado aos meios de comunicação.
- e) o uso excessivo de dispositivos tecnológicos.

RESOLUÇÃO

Temos na charge um antigo telefone com fio, um celular e um tablet (pelo menos é o que parece). O assunto principal não se concentra na interação pela rede nem nas limitações de comunicação, mas sim na evolução com o tempo das tecnologias de comunicação.

Resposta: A

Leia o texto para responder às questões 38 a 39.

Pela primeira vez, vício em games é considerado distúrbio mental pela OMS

A 11ª Classificação Internacional de Doenças (CID) irá incluir a condição sob o nome de “distúrbio de games”. O documento descreve o problema como padrão de comportamento frequente ou persistente de vício em games, tão grave que leva “a preferir os jogos a qualquer outro interesse na vida”. A última versão da CID foi finalizada em 1992, e a nova versão do guia será publicada neste ano. Ele traz códigos para as doenças, sinais ou sintomas e é usado por médicos e pesquisadores para rastrear e diagnosticar uma doença.

O documento irá sugerir que comportamentos típicos dos viciados em games devem ser observados por um período de mais de 12 meses para que um diagnóstico seja feito. Mas a nova CID irá reforçar que esse período pode ser diminuído se os sintomas forem muito graves. Os sintomas do distúrbio incluem: não ter controle de frequência, intensidade e duração com que joga video game; priorizar jogar video game a outras atividades.

Richard Graham, especialista em vícios em tecnologia no Hospital Nightingale em Londres, reconhece os benefícios da decisão. “É muito significativo, porque cria a oportunidade de termos serviços mais especializados.” Mas para ele é preciso tomar cuidado para não se cair na ideia de que todo mundo precisa ser tratado e medicado. “Pode levar pais confusos a pensar que seus filhos têm problemas quando eles são apenas ‘empolgados’ jogadores de video game”, afirmou.

(Jane Wakefield. BBC Brasil. www.bbc.com/portuguese. 02.01.2018. Adaptado)

38. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

Segundo o texto, uma vantagem de o vício em games estar incluso no guia de Classificação Internacional de Doenças (CID) diz respeito

- a) ao barateamento imediato dos tratamentos especializados no controle da doença.
- b) à rapidez com que os viciados em games decidem procurar um médico.
- c) à facilidade em diferenciar o vício em games de dependências que ainda não foram catalogadas.
- d) à possibilidade da ampliação da oferta de serviços mais especializados no tratamento dessa condição.
- e) ao acesso mais fácil a medicamentos que impedem o surgimento desse tipo de vício.

RESOLUÇÃO

A vantagem da catalogação no CID não tem a ver com barateamento de medicamentos ou acesso mais facilitado a estes, como apontam as letras A e E. A rapidez com que supostos viciados procuram um médico acreditando que são viciados em videogames – letra B – pode levar a equívocos de interpretação, sendo isso apontado não como um benefício, mas como um ponto negativo. Na letra C, há um erro sutil: com a catalogação

no CID, o vício em videogames passa a ser melhor diferenciado de dependências já catalogadas. Ora, não já como diferenciar essa dependência de outras que ainda sequer foram identificadas e catalogadas.

A letra D é que traduz corretamente a ideia apresentada no seguinte trecho: "É muito significativo, porque cria a oportunidade de termos serviços mais especializados. "

Resposta: D

39. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

De acordo com Richard Graham,

- a) a decisão de se considerar o vício em games como distúrbio mental é benéfica e não existe restrição para ser posta em prática.
- b) os pais de jovens viciados em games também precisam de tratamento especializado, para saberem como medicar os filhos.
- c) os serviços especializados no tratamento de pessoas com inclinações ao vício carecem de maior apoio dos governantes.
- d) nem todos os jovens viciados em games precisam ser tratados e medicados, já que essa condição costuma ser passageira.
- e) a classificação de um indivíduo como viciado em games deve ser feita com cautela, pois ele pode ser apenas um jogador entusiasta.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Segundo o especialista, é preciso ter cuidado, pois se corre o risco de achar que todo mundo que joga bastante videogame deve ser tratado e medicado. Dá a entender que há a necessidade de se estabelecerem critérios claros, havendo, assim, restrições para se pôr em prática qualquer diagnóstico que ateste distúrbio mental.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não é que os pais precisem ser tratados, e sim que eles sejam orientados a diferenciar o vício de um simples entretenimento.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O texto não aponta a falta de apoio dos governantes como um problema. No entendimento do autor, a falta de serviços especializados se devia à não identificação do vício em games como um distúrbio.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O texto não dá a entender que o vício em games seja passageiro. Ele afirma que nem todos os jovens precisam ser tratados e medicados, porque não sofrem de um distúrbio, sendo apenas entusiastas dos games.

ALTERNATIVA E – CERTO – Como explicado nos itens anteriores, essa é a ideia correta.

Resposta: E

40. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

Leia o cartaz para responder à questão.



(www.sintracoop.com.br/?p=58879. Adaptado)

A partir do texto verbal, conclui-se que

- a) a prevenção de acidentes deve ocorrer de forma esporádica.
- b) os riscos do trabalho devem ser compensados pelo patrão.
- c) desobediência ao empregador pode causar acidentes.
- d) o trabalhador deve se responsabilizar por sua imperícia.
- e) acidentes de trabalho podem e devem ser prevenidos.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O termo “esporádico” significa “de vez em quando”. Não é essa a mensagem do texto. A segurança deve ser algo a ser observado a todo momento, segundo o texto.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não é uma questão de compensação (troca), e sim prevenção.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O acidente de trabalho, segundo o texto, não é causado por uma desobediência, e sim por falta de prudência.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não é uma questão de imperícia (falta de habilidade), e sim de falta de precaução.

ALTERNATIVA E – CERTO – Exatamente! Trata-se de um direito.

Resposta: E

Leia o texto para responder às questões 41 a 42

O trabalho dignifica o homem. O lazer dignifica a vida

“Escolha um trabalho que você ame e não terá que trabalhar um único dia em sua vida.” A frase do pensador Confúcio tem sido o mantra de muitos que, embalados pela concepção de que ofício e prazer não precisam se opor, buscam um estilo de vida no qual a fonte de renda seja também fonte de alegria e satisfação pessoal. A questão é: trabalho é sempre trabalho. Pode ser bom, pode ser até divertido, mas não substitui a capacidade que só o lazer possui de tirar o peso de um cotidiano regido por prazos, horários, metas.

Não são poucas as pessoas que eu conheço que negligenciam o descanso em prol da produção desenfreada, da busca frenética por resultado, ascensão, status, dinheiro. Algo de errado em querer tudo isso? A meu ver, não. E sim. Não, porque é digna a recusa à estagnação. Sim, quando ela compromete momentos de entretenimento, minando, aos poucos, a saúde física e mental de quem acha que sombra e água fresca são luxo e não merecimento.

Recentemente, um construtor com o qual eu conversava me disse que estava havia nove anos sem férias, e lamentou o pouco tempo passado com os netos. O patrimônio veio de dedicação e empenho, mas custou caro também. Na hora me perguntei se era realmente preciso escolher entre sucesso e diversão.

Poucas coisas são tão eficazes na função de honrar alguém quanto o ofício que se exerce. Momentos de pausa, porém, honram o próprio ofício. A vida se equilibra justamente na possibilidade de converter o dinheiro advindo do esforço em ingressos para o show da banda preferida, passeios no parque, pipoca quentinha e viagens de barco.

(Larissa Bittar. Revista Bula. www.revistabula.com. Adaptado)

41. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

A autora defende a opinião de que

- a) a busca por ascensão e dinheiro não deve ser vista como dignificante, pois compromete o lazer.
- b) o ideal é que se encontre prazer no trabalho, mas o lazer não deve ser negligenciado.
- c) o lazer não pode ser substituído pelo trabalho, especialmente porque este não é fonte de prazer.
- d) o lazer deveria ser a única preocupação das pessoas e não o trabalho, como é comum.
- e) a dedicação exclusiva ao trabalho é justificável, quando gera alegria e satisfação pessoal.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – A autora considera sim digna a busca por ascensão e dinheiro, que, nas palavras dela, significa uma recusa à estagnação.

ALTERNATIVA B – CERTO – Segundo a autora, mesmo o trabalho sendo prazeroso, este não consegue suprir os benefícios trazidos pelo lazer.

ALTERNATIVA C – ERRADO – A autora julga que o trabalho pode sim ser uma fonte de prazer. Apenas poderá que ele não é capaz de suprir os benefícios trazidos pelo lazer.

ALTERNATIVA D – ERRADO – A autora não defende que o prazer seja a única preocupação das pessoas. Defende apenas que ele não pode ser negligenciado.

ALTERNATIVA E – ERRADO – É preciso dividir o tempo, segundo a autora, entre trabalho e lazer.

Resposta: B

42. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

A referência ao construtor, no terceiro parágrafo, serve para

- a) ilustrar o quanto o trabalho pode destruir a saúde física e mental de alguém.
- b) exemplificar que a opção pelo lazer pressupõe a recusa do sucesso.
- c) demonstrar que a preocupação com os bens materiais é antiética.
- d) mostrar como a dedicação excessiva ao trabalho pode levar à frustração.
- e) denunciar um comportamento cada vez mais raro entre as pessoas.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O construtor não se mostra destruído física e mentalmente. Apenas se mostra frustrado por não ter aproveitado mais seu tempo para o lazer.

ALTERNATIVA B – ERRADO – A opção por um não significa, na visão da autora, a recusa pelo outro. Há de se conciliar trabalho e lazer.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O exemplo apresentado do construtor em nada tem a ver com escolhas éticas.

ALTERNATIVA D – CERTO – Exato! É esse o sentimento transparecido pelo construtor.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não se trata de um comportamento raro, e sim de algo comum.

Resposta: D

Texto para as questões 43 a 44**Escravos no século XXI**

Esses retratos, junto com muitos outros, formam uma galeria que o país não gosta de ver. São vários Antônio, vários Francisco, vários José que dão carne e osso a um grande drama brasileiro: o trabalho em condições análogas às de escravidão. Sim, todas essas pessoas foram escravizadas – em pleno século XXI.

Enredadas em dívidas impagáveis, manipuladas pelos patrões e submetidas a situações deploráveis no trabalho, elas chegaram a beber a mesma água que os porcos, e algumas sofreram a humilhação máxima de ser espancadas, para não falar de constantes ameaças de morte.

Quando os livros escolares informam que a escravidão foi abolida no Brasil em 13 de maio de 1888, há exatos 130 anos, fica faltando dizer que se encerrou a escravidão negra – e que, ainda hoje, a escravidão persiste, só que agora é multiétnica.

Estima-se que atualmente 160 000 brasileiros trabalhem e vivam no país em condições semelhantes às de escravidão – ou seja, estão submetidos a trabalho forçado, servidão por meio de dívidas, jornadas exaustivas e circunstâncias degradantes (em relação a moradia e alimentação, por exemplo). Comparada aos milhões de africanos trazidos para o país para trabalhar como escravos, a cifra atual poderia indicar alguma melhora, mas abrigar 160 000 pessoas escravizadas é um escândalo humano de proporções épicas. Em 1995, o governo federal reconheceu oficialmente a continuidade daquele crime inclassificável – e criou uma comissão destinada a fiscalizar o trabalho escravo. O pior é que, em vez de melhorar, a situação está ficando mais grave.

(Jennifer Ann Thomas, Veja, 09 de maio de 2018. Adaptado)

43. VUNESP - Agente de Telecomunicações Policial (PC SP)/2018

É correto afirmar que o segundo parágrafo do texto

- a) mostra ações de intolerância de patrões, as quais não têm registro na história do país.
- b) apresenta argumentos que fundamentam a abolição da escravidão, ocorrida em 1888.
- c) aponta a necessidade de subsistência como fator motivador do trabalho escravo.
- d) critica a omissão do Estado e da sociedade, que se calam diante de fatos tão graves.
- e) expõe fatos que justificam a afirmação de que ainda se escravizam pessoas no Brasil.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Há registros históricos sim dessas práticas no país. Tanto é que o texto compara essa situação ao regime de escravidão outrora vigente no país.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Faz-se menção a práticas atuais de trabalho escravo, o que reforça a tese de que a escravidão no país não foi abolida em 1888.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O segundo parágrafo não busca justificar a existência do trabalho escravo, e sim denunciá-lo.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O segundo parágrafo não apresenta uma crítica direta ao Estado e à sociedade, mas sim expõe fatos no sentido de denunciar a existência do trabalho escravo.

ALTERNATIVA E – CERTO – O parágrafo explora exemplos de práticas que podem ser facilmente classificadas como trabalho escravo.

Resposta: E

44. VUNESP - Agente de Telecomunicações Policial (PC SP)/2018

Estima-se que atualmente 160 000 brasileiros trabalhem e vivam no país em condições semelhantes às de escravidão – ou seja, estão submetidos a trabalho forçado, servidão por meio de dívidas, jornadas exaustivas e circunstâncias degradantes (em relação a moradia e alimentação, por exemplo).

É correto afirmar que essa passagem

- a) retoma algumas informações anteriormente expressas, introduzindo um dado novo, referente ao número de escravizados.
- b) destaca a quantidade de escravizados atuais, equiparando- a à quantidade dos retratados na galeria de fotos.
- c) traz informações novas acerca das condições de trabalho escravo, evitando repetir fatos anteriormente mencionados.
- d) contradiz os dados expostos na sequência, evitando fazer comparações com a quantidade de escravos africanos.
- e) repete informações anteriormente expressas, inclusive a que se refere à quantidade de pessoas vivendo como escravas.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – CERTO – Exatamente. Nos parágrafos anteriores, fez-se a exposição das práticas que atestam a existência do trabalho escravo. O trecho em destaque deu números a essas práticas.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não há uma equiparação entre texto e charge, no que diz respeito à quantidade de trabalhadores escravos. O que a gravura mostra é a diversidade de rostos e tipos que se sujeitam hoje a condições de trabalho escravo.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O texto retoma sim ideias anteriormente expostas, relativas às práticas de trabalho escravo.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O fragmento não contradiz os dados apresentados na sequência, relativos aos escravos africanos. Apenas reforça que o número de escravos atuais não é insignificante.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O texto não havia citado a quantidade de pessoas em situação de escravidão até então.

Resposta: A

Leia o texto para responder às questões 45 a 46.

O físico e matemático inglês Isaac Newton é um dos maiores cientistas da humanidade. Filho de fazendeiros, Newton nasceu em Woolsthorpe, uma pequena aldeia da Inglaterra, em 1643. Desde criança, demonstrava mais interesse por desenvolver inventos do que pelos negócios da família. Aos 18 anos, foi aceito no Trinity College, da Universidade de Cambridge, onde recebeu o grau de Bacharel em Artes.

Em 1671, assumiu o cargo de professor catedrático de matemática na mesma universidade e, em 1703, foi eleito presidente da Real Sociedade de Londres para o Melhoramento do Conhecimento Natural, uma instituição destinada à promoção do conhecimento científico. Dois anos depois, tornou-se o primeiro cientista a receber o

título de “Sir”, sagrado cavaleiro da rainha da Inglaterra. Newton morreu em 1727, aos 84 anos, por complicações decorrentes da idade extremamente elevada para a época.

No período em que cursava faculdade em Cambridge, a Peste Negra assolou a Inglaterra e matou um décimo da população. Por 18 meses, a universidade ficou fechada, e Newton voltou para casa. Um belo dia, sentado à sombra de uma macieira (cujas descendentes ainda existem!), viu uma maçã cair no chão – ou na sua cabeça, a história vai do gosto do freguês – e formulou a Lei da Gravitação Universal, que explica a força da gravidade. Com essa descoberta, Newton deu início à ciência moderna. Como diria o cientista em um ensinamento que vale para a vida: “nenhuma grande descoberta foi feita jamais sem um palpite ousado”.

(Marília Marasciulo. O que você pode aprender com as descobertas de Isaac Newton. 17.01.2018. <http://revistagalileu.globo.com>. Adaptado)

45. VUNESP - Agente Previdenciário (PAULIPREV)/2018

De acordo com o texto,

- a) Newton deixou a faculdade com suspeita de ter contraído a Peste Negra, que já matara um décimo dos estudantes.
- b) a história de que Newton elaborou a Lei da Gravitação Universal após se sentar sob uma macieira é falsa.
- c) os familiares de Newton insistiram para que estudasse artes em vez de matemática, mas ele preferiu esta última.
- d) a ciência moderna teve início com uma lei formulada por Isaac Newton a partir de um palpite ousado.
- e) a Lei da Gravitação Universal, que revolucionou a ciência, levou dezoito meses para ser desenvolvida.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Nada a ver! Newton foi para casa, pois a Universidade esteve fechada no período em a Peste Negra se espalhou pela Europa. Além disso, Newton não contraiu a doença.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não é possível afirmar com exatidão se a história é verdadeira ou falsa. Existem diferentes versões.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Não há nenhuma passagem no texto que indique que houve pressão por parte dos familiares para que Newton seguisse uma ou outra formação.

ALTERNATIVA D – CERTO – Exato. Foi a Lei da Gravitação Universal, formulada a partir da inspiração da maçã caída no chão ou na cabeça do cientista.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não! 18 meses foi o período em que a Universidade esteve fechada, devido ao surto da Peste Negra.

Resposta: D

46. VUNESP - Agente Previdenciário (PAULIPREV)/2018 (e mais 2 concursos)

Os dois primeiros parágrafos apresentam fatos da vida de Newton

- a) certamente inventados.
- b) ocorridos em concomitância.
- c) que obtiveram repercussão idêntica.
- d) relacionados entre si por acaso.
- e) dispostos em ordem cronológica.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Não se trata de invenções. A dúvida que paira é se a maçã caiu no chão ou na cabeça do cientista.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não foram fatos simultâneos (concomitantes). Eles estão dispostos em sequência cronológica.

ALTERNATIVA C – ERRADO – A nomeação de Newton como Sir teve sem dúvida uma repercussão (impacto) bem maior do que sua conclusão do Bacharelado em Artes.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não estão dispostos ao acaso. O fato de a Universidade ter ficado fechada permitiu que Newton, num momento de ócio, tivesse a inspiração para formular a Teoria da Gravitação.

ALTERNATIVA E – CERTO – Como explicado anteriormente, os fatos estão em sequência cronológica.

Resposta: E

Leia o texto para responder às questões 47 a 48.

A revolução digital fortalece as previsões de que as casas ou lares inteligentes oferecerão mais conveniência e menos dispêndio de energia em um futuro.

A definição de conveniência para esses novos lares tecnológicos, com redução ou eliminação de trabalhos domésticos. Portanto, para que as edificações inteligentes tenham sucesso, elas deverão se estruturar com base nessa visão de conveniência como solução para os que vivem em um mundo acelerado e estar ancoradas em uma grande variedade de sistemas tecnológicos acessíveis e fáceis de operar, tornando a vida das pessoas mais simples.

Além da conveniência, outro relevante benefício das casas inteligentes, para os consumidores é a sua capacidade de incorporar aspectos relacionados à administração do gasto de energia, principalmente com iluminação, condicionamento de ar e eletrodomésticos. Um conjunto de sensores, adequadamente configurados para gerenciar esses sistemas, pode gerar diminuição considerável nos gastos com energia, com reflexos ambientais e econômicos importantes.

O departamento de engenharia da computação da Academia Árabe de Ciências e Tecnologia desenvolveu um estudo para avaliar a economia no consumo de energia gerada com o uso de sensores inteligentes, em um apartamento de um dormitório, cozinha, sala de estar, sala de jantar e banheiro. O estudo concluiu que a economia pode chegar a quase 40% do consumo médio mensal de energia.

A tendência de crescimento desse mercado é clara. A empresa de pesquisa Zion Research prevê que a tecnologia das casas inteligentes deve alcançar um faturamento de US\$ 53 bilhões (R\$170 bi) em 2022. O crescimento estará

calçado, principalmente, na conexão da casa com os ambientes digitais externos, como por exemplo, a conexão do refrigerador com os equipamentos dos fornecedores de alimentos.

Naturalmente, a tecnologia das casas inteligentes continuará a evoluir, tornando-se acessível e barata. Com isso, mais pessoas poderão utilizar-se dela, e novos padrões, modelos e estilos de vida devem se consolidar, principalmente nas áreas urbanas.

(Claudio Bernades. Casas inteligentes trarão conveniência e reduzirão gasto de energia. Folha de S. Paulo. www.folha.uol.com.br. 22.01.18. Adaptado)

47. VUNESP - Analista de Suporte à Regulação I (ARSESP)/2018

Na opinião do autor, a evolução da tecnologia das casas inteligentes

- a) permitirá que a conexão de eletrodomésticos com fornecedores de energia reduza as necessidades de consumo.
- b) levará a um menor gasto energético em decorrência do investimento público em fontes de energia renovável.
- c) ensejará o desenvolvimento de novos hábitos, especialmente entre os moradores de áreas urbanas.
- d) fará com que as pessoas passem a dedicar mais tempo a atividades domésticas em seu dia a dia.
- e) deverá se tornar mais barata em centros urbanos, o que acarretará uma intensificação do êxodo rural.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Não são as necessidades que vão diminuir, mas sim o dispêndio com consumo de energia.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não é propriamente o investimento em energia renovável que levará a um menor gasto de energia, e sim o uso de sensores inteligentes.

ALTERNATIVA C – CERTO – É o que fica bem claro no seguinte trecho: “Com isso, mais pessoas poderão utilizar-se dela, e novos padrões, modelos e estilos de vida devem se consolidar, principalmente nas áreas urbanas.”.

ALTERNATIVA D – ERRADO – A tendência, com as casas inteligentes, é que se diminua o tempo gasto com atividades domésticas.

ALTERNATIVA E – ERRADO – A evolução tecnológica, segundo o texto, tornar-se-á mais acessível e barata, mas isso não significa que o êxodo rural vá se intensificar.

Resposta: C

48. VUNESP - Analista de Suporte à Regulação I (ARSESP)/2018

O autor organiza sua argumentação de modo a apresentar.

- a) no último parágrafo, uma informação que contesta que foi exposto nos parágrafos anteriores.
- b) no parágrafo 1, uma opinião para a qual expõe um argumento a favor e outro contra nos parágrafos 2 e 3, respectivamente.
- c) no parágrafo 2, uma informação polêmica que é contrariada logo em seguida, no parágrafo 3
- d) nos parágrafos 2, 3 e 4, os dois principais benefícios das casas inteligentes apontados logo no parágrafo 1.
- e) no parágrafo 3, uma ressalva para o que se explicita no parágrafo 2 acerca das edificações inteligentes.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Não se contesta aquilo que foi exposto, e sim se reforça.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Os três primeiros parágrafos estão alinhados, defendendo o aumento da conveniência com a evolução das chamadas casas inteligentes.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Os parágrafos 2 e 3 se complementam, e não se opõem.

ALTERNATIVA D – CERTO – De fato, os parágrafos detalham os dois principais benefícios advindos com as chamadas casas inteligentes: o aumento da conveniência e a redução de gastos com energia.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não há a apresentação de uma ressalva (argumento contrário), mas sim de um reforço para a informação trazida já no 1º parágrafo.

Resposta: D

49. VUNESP - Juiz Estadual (TJ RS)/2018

Nas escolas da Catalunha, a separação da Espanha tem apoio maciço. É uma situação que contrasta com outros lugares de Barcelona, uma cidade que vive hoje em duas dimensões. De um lado, há a Barcelona dos turistas, que se cotovelam nos pontos turísticos da cidade, fazem fila para entrar nos museus e buscam mesa nos restaurantes. Para a maioria deles, a capital da Catalunha segue seu ritmo normal. Nos bairros afastados do centro turístico, onde se concentram os moradores de Barcelona, todas as conversas tratam da tensa situação política – e há muita divisão em relação à independência. Segundo a última pesquisa feita pelo jornal El Mundo, 33% dos catalães são a favor da criação de um estado independente, enquanto 58% são contra. A divisão pode ser verificada pelas bandeiras penduradas nas sacadas e janelas. Chama a atenção ver as esteladas, como são conhecidas as bandeiras independentistas, disputando o espaço com as bandeiras da Espanha.

Nesse quadro de cisão, o separatismo tem nas escolas suas grandes aliadas para propagar as ideias nacionalistas. Isso ocorre desde a redemocratização espanhola, no fim dos anos 1970. Antes disso, durante a ditadura comandada pelo general Francisco Franco, que governou a Espanha entre 1938 e 1973, os colégios públicos eram proibidos de ensinar em catalão. Somente os privados ofereciam aulas nessa língua. Em sua maioria, essas escolas tinham perfil inovador e vanguardista, se comparadas às tradicionais escolas católicas da época. Com a queda do general Franco, as escolas catalãs privadas foram incorporadas à rede pública e tornaram-se o modelo principal do sistema educacional, que hoje abriga 1,5 milhão de alunos e 71 mil professores. Como a educação pública na Espanha está a cargo dos governos regionais, os diretores dos centros escolares são escolhidos a dedo pelo governo catalão – que toma o cuidado de selecionar somente diretores separatistas. “A manipulação dos jovens é central para o independentismo catalão. É assim com qualquer movimento supremacista na Europa”, diz a historiadora espanhola Maria Elvira Roca. “É mais fácil convencer estudantes a apaixonarem-se por uma causa do que trabalhadores que estão encerrados num escritório”.

(Época, 13.11.2017. Adaptado)

Ao tratar do movimento separatista catalão, o texto

- a) resgata dados da história da dominação franquista na Espanha, com a finalidade de propiciar conclusões favoráveis ao retorno do sistema educacional aos moldes tradicionais.
- b) mostra-se tendencioso, apontando fatos e dados que levam o leitor a concluir que o objetivo da maioria dos catalães se justifica, em nome da liberdade ideológica.
- c) privilegia a objetividade na apresentação das diferenças de opinião da comunidade catalã e aponta ações oficiais para afirmar a ideia de independência da Catalunha.
- d) apresenta argumentos contraditórios, ao partir de premissas que contrapõem dados sem vínculo lógico, tais como o modo como os catalães e turistas se envolvem na causa.
- e) relata com subjetividade os princípios dos grupos ideologicamente divididos sobre a causa, enfatizando o argumento da importância dos jovens nas tomadas de decisão.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – A menção ao período de dominação franquista não tem por objetivo defender a volta do ensino tradicional. O objetivo é mostrar que as escolas catalãs hoje são centros de irradiação das ideias independentistas entre os jovens.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O texto deixa claramente exposta a divisão quanto à independência entre os próprios catalães, não tomando partido de uma corrente ou outra. O que o texto se limita a dizer é que o sentimento independentista é propagado sobretudo entre os jovens pelas escolas.

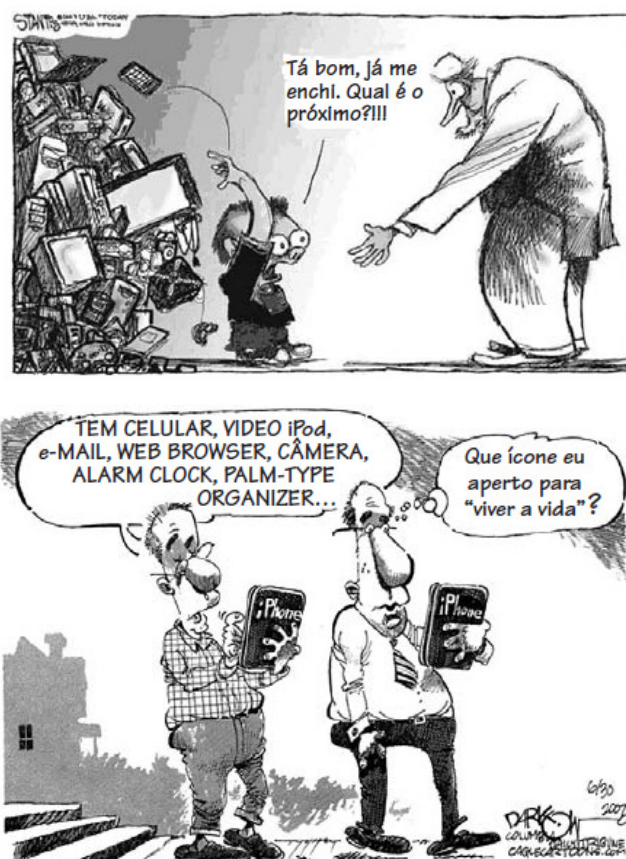
ALTERNATIVA C – CERTO – O texto se limita a expor opiniões acerca do movimento separatista e aponta a utilização das escolas pelo governo catalão como estratégia para se alcançar a independência.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não se trata de inexistência de vínculo lógico. Apenas o autor contrasta a realidade dos turistas, mais preocupados com entretenimento, com a dos moradores, divididos quanto à possibilidade de os catalães se tornarem independentes.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O texto não faz um relato subjetivo. Predomina sim a objetividade na descrição dos motivadores que levam os catalães a defenderem a independência.

Resposta: C

50. INÉDITA



A partir da comparação entre as charges, é possível afirmar que:

- a) As charges sugerem que diferentes gerações encaram a tecnologia de forma negativa e desinteressada.
- b) Os adultos da segunda charge são menos ávidos por tecnologia do que o menino.
- c) A segunda charge explicita as dificuldades da geração mais madura em identificar as funcionalidades presentes nos equipamentos eletroeletrônicos atuais.

d) A expressão facial e gestual do garoto demonstra que ele gostaria de receber outros presentes que não fossem eletroeletrônicos.

e) Ambas as charges explicitam as facilidades que o desenvolvimento tecnológico introduziu na vida contemporânea, apesar de alguns se aborrecerem com ela.

RESOLUÇÃO:

Analisemos as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – É errado afirmar que o garoto da primeira charge encara a tecnologia com desinteresse. Na verdade, ele se demonstra interessado até demais, o que é evidenciado pela pilha de eletroeletrônicos que se acumula atrás dele. Seu desejo por tecnologia é insaciável.

ALTERNATIVA B – CERTO – De fato, os adultos da segunda charge não demonstram tanto desejo (avidez) por tecnologia quanto o garoto. Este é insaciável.

ALTERNATIVA C – ERRADO - De acordo com a charge, a dificuldade da geração mais madura não está na identificação das funcionalidades presentes nos aparelhos. É possível ver que os adultos conseguem identifica-las. A real dificuldade dessa geração está em entender a utilidade de fato dessas ferramentas na vida cotidiana. Há um sentimento de desconfiança por parte dos adultos, ressaltado pela face, com olhar distante, sobrancelhas levantadas e testa franzida.

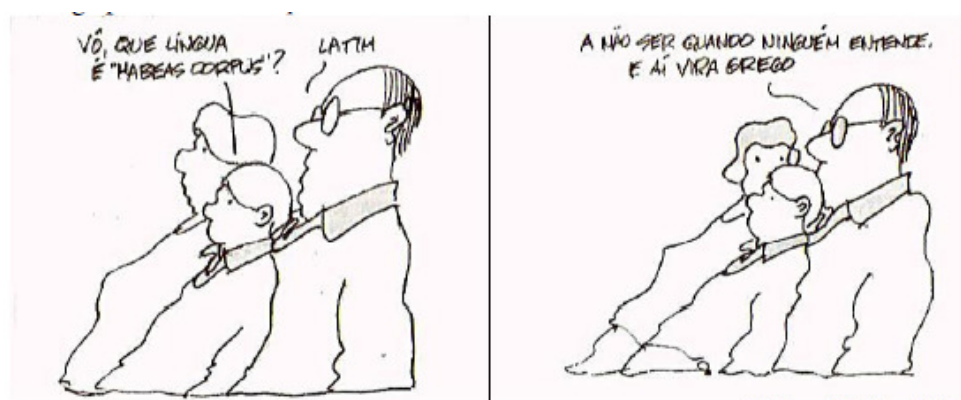
ALTERNATIVA D – ERRADO – Ao dizer “Qual o próximo?”, subentende-se que o garoto deseja mais um eletroeletrônico.

ALTERNATIVA E – ERRADO – A primeira charge explicita não facilidades, mas sim dificuldades que a tecnologia trouxe para o cotidiano: descarte excessivo, desejo insaciável das crianças por tecnologia e submissão dos adultos à vontade dos mais jovens.

Resposta: B

51. INÉDITA

A leitura da tirinha permite inferir que:



(Luís Fernando Veríssimo, O Estado de São Paulo, 27/07/2008)

a) O avô tenta disfarçar, por meio de suas respostas, seu desconhecimento sobre a origem etimológica da expressão “habeas corpus”.

- b) A resposta deixa pressuposta a ideia de que, na opinião do avô, o assunto em questão não deveria ser do interesse de uma criança.
- c) A pergunta da criança pode ser considerada retórica.
- d) A fala do avô deve ser compreendida como uma crítica explícita aos políticos de modo geral.
- e) O comentário do avô, no segundo quadrinho, contém uma crítica às iniquidades permitidas pelo judiciário.

RESOLUÇÃO:

Analisemos as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – O avô expressa conhecimento acerca da origem (etimologia) da expressão “habeas corpus”.

ALTERNATIVA B – ERRADO – A resposta não evidencia que o avô o recriminou o garoto pela pergunta.

ALTERNATIVA C – ERRADO – A pergunta do garoto não pode ser considerada retórica, entendida como uma pergunta de cuja resposta o enunciador já tem conhecimento. O garoto, de fato, expressa uma dúvida.

ALTERNATIVA D – ERRADO – A crítica do avô não é explícita, e sim implícita. Esta é dirigida não aos políticos, mas ao Poder Judiciário.

ALTERNATIVA E – CERTO – De fato, a crítica velada feita pelo avô denuncia à forma obscura como se concede o benefício do “habeas corpus”, dando a entender que, em alguns casos, não ocorre um juízo pautado pela equidade.

Resposta: E

52. INÉDITA

Um restaurante muito famoso uma certa vez lançou o seguinte slogan publicitário:

“Nossa meta é servir bem.”

Sobre esse anúncio é correto dizer:

- a) A escolha das palavras no anúncio tem por objetivo realçar o bom atendimento, que é característica do restaurante.
- b) A palavra “meta” estabelece um significado implícito que contraria a intenção inicial do anúncio.
- c) O intuito de persuasão, presente em todo texto de caráter publicitário, é plenamente atendido no anúncio, haja vista a escolha apropriada das palavras para tal fim.
- d) O texto não cumpre sua finalidade persuasiva devido ao emprego do pronome possessivo “Nossa”, que compromete o tom impessoal presente em textos publicitários.
- e) O emprego do substantivo “diferencial” no lugar de “meta” não alteraria o sentido original do anúncio.

RESOLUÇÃO:

Obviamente um anúncio publicitário tem por objetivo principal persuadir (convencer) o público-alvo a adquirir um determinado produto ou serviço. Para cumprir tal propósito, é importante escolher adequadamente as palavras.

Isso não ocorre no anúncio em questão, haja vista que a palavra “meta” é sinônima de “objetivo”, “propósito”, “algo que ainda se quer atingir”. Ora, se a meta é servir bem, dá-se a entender que o restaurante ainda não serve bem seus clientes.

Você iria a um restaurante que não serve bem seus clientes, mas está lutando para um dia, quem sabe, atingir esse objetivo? Claro que não, né? Eu esperaria o restaurante cumprir atingir essa meta, para só então pensar em frequentá-lo. Concorda?

Analisemos as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – A escolha da palavra “meta” é inapropriada, tendo em vista que ela dá a entender que o restaurante ainda não serve (atende) bem seus clientes.

ALTERNATIVA B – CERTO – De fato, de acordo com o anúncio, é possível inferir que o restaurante não serve bem seus clientes. Com certeza, não era essa a intenção inicial dos elaboradores da campanha publicitária.

ALTERNATIVA C – ERRADO – A escolha da palavra “meta” é inapropriada, tendo em vista o caráter persuasivo do texto.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O problema não foi a escolha da palavra “Nossa”, e sim da palavra “meta”. Além disso, não é característica de um texto publicitário a impessoalidade.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O sentido original deixa implícito que o restaurante anunciado ainda não serve bem seus clientes. Já, com o emprego do substantivo “diferencial”, dá-se a entender que os demais restaurantes não servem bem seus clientes. O sentido original é, portanto, alterado com a troca de palavras sugerida.

Resposta: B

53. INÉDITA

O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. “Muito!”, disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro — e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.

(Rubem Braga, “A mulher que ia navegar”.)

I – Há uma relação semântica de contraste “banhos intermitentes de sangue” e “ela era toda pálida e suave”

II – A resposta dada pela personagem à pergunta que lhe foi dirigida - “Muito!” – deixa evidente seu interesse pelo assunto tratado.

III – O termo sublinhado no trecho “Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo” faz uma alusão catafórica à percepção do efeito das luzes do anúncio no braço da personagem.

Está(ão) correta(s):

- a) I apenas
- b) II apenas
- c) III apenas
- d) I e II apenas
- e) II e III apenas

RESOLUÇÃO:**A assertiva I está correta.**

De acordo com a descrição do texto, a luminosidade do anúncio refletia na pele da personagem, dando a ela uma coloração avermelhada. É o que o texto descreve como “banhos intermitentes de sangue.

Nos intervalos (intermitências) entre o acender e o apagar do anúncio, a lua realçava a palidez da pele da personagem.

A assertiva II está errada.

É possível notar na resposta da personagem um tom vago, até mesmo irônico. Ela não se mostrava muito interessada em julgar o quadro que lhe fora apresentado, assunto da pergunta a ela dirigida. Estava, na verdade, mais entretida e distraída com os efeitos luminosos do anúncio em seu braço.

A assertiva III está errada.

De fato, o pronome “isso” faz referência à distração gerada pelos efeitos luminosos do anúncio no braço da personagem. No entanto, erra a assertiva ao afirmar que se trata de uma alusão catafórica – referência a algo ainda a ser citado. O correto é afirmar que se faz uma alusão anafórica – referência a algo citado anteriormente no texto.

Resposta: A

54. INÉDITA

Graciliano Ramos, em seu livro *Infância*, reflete sobre uma de suas marcantes impressões de menino. Leia o trecho a seguir, extraído dessa obra:

Bem e mal ainda não existiam, faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos. Contudo, as pancadas e os gritos figuravam na ordem dos acontecimentos, partiam sempre de seres determinados, como a chuva e o sol vinham do céu. E o céu era terrível, e os donos da casa eram fortes. Ora, sucedia que a minha mãe abrandava de repente e meu pai, silencioso, explosivo, resolvia contar-me histórias. Admirava-me, aceitava a lei nova, ingênuo, admitia que a natureza se houvesse modificado. Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.

Com base na leitura apresentada, é possível afirmar que o trecho “Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.”:

- a) simboliza no texto o início de um tratamento carinhoso atípico por parte do pai e da mãe do garoto.
- b) faz menção no texto à violência a que era submetida a criança, proveniente de diversos familiares.
- c) consiste em uma metáfora para o fim do repentino ínterim de atenção e afeto dirigidos à criança pelos pais.
- d) revela no texto um sentimento de saudosismo dos tempos de convívio entre pais e filhos.
- e) destaca no texto o quão consciente era o garoto da transitoriedade das mudanças de humor de seus pais.

RESOLUÇÃO:

O início do trecho dá a entender que os pais do garoto o espancavam. Isso fica evidente no trecho “*faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos.*”. A partir do trecho “*Ora, sucedia que a minha mãe abrandava de repente e meu pai, silencioso, explosivo, resolvia contar-me histórias.*”, o humor dos pais muda repentinamente e as pancadas e os gritos dão lugar a um abrandamento.

Nesse instante, abre-se um parêntese, sinalizando a interrupção do tratamento violento e a adoção de uma postura mais carinhosa por parte dos pais. No entanto, esse intervalo de trégua não dura muito e, logo depois, reiniciam-se as pancadarias e os gritos, ou seja, fecha-se o parêntese, para tristeza do garoto.

Analisemos as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – O trecho não simboliza o início, mas sim o término do tratamento carinhoso dado pelos pais ao garoto.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O item apresenta uma incorreção, ao afirmar que a violência partia de diversos familiares. Na verdade, a violência partia de “seres determinados”, numa alusão feita aos pais do garoto.

ALTERNATIVA C – CERTO – Exatamente. O fechamento do parêntese, como explicado acima, marca o término do curto período de trégua.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não há propriamente um sentimento de saudosismo por parte do autor, haja vista que esse tempo lhe trazia más recordações.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não é o que dá a entender o trecho “*Admirava-me, aceitava a lei nova, ingênuo, admitia que a natureza se houvesse modificado.*”. Na visão ingênua do garoto, tratava-se de uma mudança definitiva, sem volta.

Resposta: C

55. ADAPTADA

CALVIN E HAROLD

BY BILL WATTERSON



http://2.bp.blogspot.com/_wBWh8NqAZ78/TBWEMQ8147I/AAAAAAAAACE/zmfW9c8uAKk/s1600/Tirinha_Sensacionalismo.jpg
(Acesso em 12/05/2016)



http://4.bp.blogspot.com/-20adovrO4Kw/U_4ga8lc56I/AAAAAAAAAzQ/hq2oxMLA7yY/s1600/mafalda-1.jpg
(Acesso em 12/05/2016)

Analisando as duas tirinhas, NÃO se pode afirmar que

- a) Calvin se revela incapaz de compreender o noticiário, diferentemente do pai de Mafalda.
- b) Calvin e Mafalda, apesar de crianças, são críticos em relação ao conteúdo televisivo.
- c) a reação de Calvin e a de Mafalda são diferentes diante do conteúdo televisivo.
- d) ambas tratam da relação entre telespectador e mídia televisiva.
- e) ambas apresentam personagens que questionam o noticiário veiculado pela TV.

RESOLUÇÃO:

Analisemos as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – Calvin até compreende o teor do noticiário, associando a este o tom do sensacionalismo. No entanto, admite gostar daquele tipo de programação.

ALTERNATIVA B – CERTO – Calvin critica o tom sensacionalista dos diversos programas televisivos. Já Mafalda dá a entender que a mídia manipula as informações.

ALTERNATIVA C – CERTO – Calvin critica o tom sensacionalista, mas adota uma postura permissiva, ao afirmar que gosta daquele tipo de programação. Já Mafalda é mais incisiva na crítica, deixando bem claro para seu pai de que ele é manipulado pela mídia.

ALTERNATIVA D – CERTO – Ao retratar as reações de Calvin e Mafalda, a tirinha descreve duas diferentes posturas do telespectador: uma permissiva (a de Calvin) e outra mais incisiva (a de Mafalda).

ALTERNATIVA E – CERTO – Sim. Calvin critica o tom sensacionalista; já Mafalda, a manipulação exercida pelos meios de comunicação.

Resposta: A

Lista de questões

1. VUNESP - Analista de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

A destruição da humanidade por uma guerra nuclear está prestes a ser detonada por uma “pirraça impulsiva”, alertou neste domingo [10.12.2017] a Campanha Internacional para Abolir Armas Nucleares (Ican), vencedora do Nobel da Paz deste ano.

“Será o fim das armas nucleares ou será o nosso fim?”, afirmou a líder da Ican, Beatrice Fihn, em discurso ao receber o prêmio, em Oslo, na Noruega.

Também discursou em Oslo Setsuko Thurlow, 85, sobrevivente do ataque atômico de Hiroshima, em 1945 no Japão, durante a Segunda Guerra Mundial. Hoje ela é ativista da Ican.

Ela foi resgatada dos escombros de um prédio a 1,8 km do epicentro da bomba. A maioria de seus colegas morreu queimada viva.

(Mundo. Folha de S.Paulo, 10.12.2017. Adaptado)

No contexto da premiação, a presença de Setsuko Thurlow justifica

- a) o ativismo a favor do armamento nuclear, uma vez que um país não deve ficar desprotegido de seus principais inimigos.
- b) o apoio à Campanha Internacional para Abolir Armas Nucleares, cuja atenção se volta para os sobreviventes da Segunda Guerra.
- c) a preocupação das pessoas com a possibilidade de um conflito nuclear, cuja consequência pode ser o fim da humanidade.
- d) a certeza da humanidade de que, em determinados momentos históricos, a destruição serve para conscientização acerca do poder.
- e) o desconhecimento por grande parte da população mundial em relação à vida em Hiroshima após o ataque atômico de 1945.

Texto para as questões 02 a 03

Ensino com diretriz

Está quase pronto o documento que definirá o padrão nacional para o que crianças e jovens devem aprender até o 9º ano do ensino fundamental. Trata-se da quarta versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Caso aprovada até janeiro, a diretriz deve começar a ser implementada nos próximos dois anos.

A BNCC define conteúdos a serem estudados e competências e habilidades que os alunos devem demonstrar a cada passo da vida escolar. Soa como obviedade, mas não existe norma válida em todo o país que estabeleça de modo preciso a progressão do ensino e o que se deve esperar como resultado.

Note-se ainda que a base curricular não especifica como alcançar seus objetivos – isso será papel dos currículos a serem elaborados por estados e municípios, que podem fazer acréscimos conforme necessidades regionais.

A existência de um padrão pode permitir a correção de desigualdades do aprendizado e avaliações melhores. A partir de um limiar mediano de clareza, inteligência pedagógica e pragmatismo, qualquer modelo é melhor do que nenhum. Nesse aspecto, a nova versão da BNCC está perto de merecer nota de aprovação.

O programa ainda se mostra extenso em demasia, não muito diferente do que se viu nas escolas das últimas décadas, quando raramente foi cumprido. O excesso de assuntos dificulta abordagens mais aprofundadas e criativas.

A BNCC lembra a Constituição de 1988. Detalhista, arrojada e generosa, mas de difícil aplicação imediata e integral. É indiscutível, de todo modo, a urgência de pôr em prática esse plano que pode oferecer educação decente e igualitária às crianças.

(Editorial. Folha de S.Paulo, 10.12.2017. Adaptado)

2. VUNESP - Analista de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

No editorial, fica claro que

- a) a aprovação da BNCC é importante, considerando-se que não existe, em nível nacional, norma válida que define a progressão do ensino e os resultados que dele devem ser esperados.
- b) o papel da BNCC a ser aprovada é questionável, uma vez que a ação maior ficará com estados e municípios na elaboração de seus currículos.
- c) a organização da BNCC corresponde a um programa cuja extensão permitirá sua execução, garantindo abordagens mais aprofundadas e criativas.
- d) a validade da BNCC é relevante, considerando-se que se trata de um documento que não especifica como alcançar os objetivos em relação à progressão de ensino.
- e) o impacto da BNCC será a longo prazo, considerando-se que ela trata de questão educacional sobejamente discutida, cuja aplicação educacional não é de caráter de urgência.

3. VUNESP - Analista de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

De acordo com o editorial, a implementação da BNCC

- a) pode comprometer a qualidade da educação, com o excesso de assuntos nela previstos.
- b) fortalece uma ação cidadã, com o objetivo de ofertar educação decente e igualitária às crianças.
- c) merece ser aprovada, com a convicção de que é melhor ter essa base do que nenhuma.
- d) ameaça a qualidade do ensino, com base na ideia de que raramente será cumprida.
- e) recupera a esperança de uma educação de qualidade, com sua semelhança à Constituição.

Texto para as questões 04 a 05

O crescimento dos robôs colaborativos é a parte mais visível de uma transição que vem ocorrendo no mercado de trabalho no mundo todo. A mecanização das linhas de montagem e a automação de tarefas antes feitas por humanos vêm se acelerando nas empresas. A cada ano, mais 240 000 robôs industriais são vendidos no mundo e esse número tem crescido a uma taxa média de 16% ao ano desde 2010, puxado principalmente pela China. Atividades rotineiras nas fábricas, como instalar uma peça, hoje podem ser feitas usando máquinas como os braços robóticos de baixo custo. Com o advento de novas tecnologias, como a inteligência artificial, os carros autônomos e a análise de grandes volumes de dados (o chamado big data), a expectativa é que as máquinas e os computadores passem a substituir outras tarefas que hoje só podem ser realizadas por pessoas. Já existem algoritmos que fazem a seleção de candidatos a vagas de emprego no recrutamento de empresas e também carrinhos autônomos que transportam produtos dentro de uma central de distribuição. Muito mais está por vir.

Diante desse cenário, muitos especialistas vêm se perguntando se o rápido avanço da tecnologia chegará a tal ponto que tornará boa parte do trabalho obsoleta. Para os economistas, o que determina se uma profissão tende a ser substituída por um robô ou um software não é se o trabalho é manual, mas se as tarefas executadas pelas pessoas são repetitivas. Um famoso estudo publicado em 2013 por pesquisadores da Universidade de Oxford, no Reino Unido, analisou 702 profissões nos Estados Unidos e o risco de elas serem trocadas por computadores e algoritmos nos próximos dez ou 20 anos. O resultado é alarmante. Quase metade dos empregos dos Estados Unidos está ameaçada, segundo os pesquisadores.

(Exame, 02.08.2017)

4. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018**O objetivo do texto é discutir**

- a) a dificuldade enfrentada pelos robôs colaborativos para ocupar postos de trabalho.
- b) a mecanização das linhas de montagem na China e seus reflexos pelo mundo.
- c) a redução das profissões nos Estados Unidos após o advento das novas tecnologias.
- d) a acelerada substituição do trabalho humano pelo uso de robôs e softwares.
- e) a relutância das empresas para a utilização de robôs colaborativos rotineiramente.

5. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018**O estudo da Universidade de Oxford revela que**

- a) os computadores e algoritmos encontram dificuldades para substituir os humanos nas tarefas executadas manualmente.
- b) as profissões que se baseiam em tarefas repetitivas tenderão a ser realizadas pelos computadores e algoritmos.
- c) as relações de trabalho, no futuro, terão influência das tecnologias, mas poucas pessoas serão substituídas pelas máquinas.
- d) os Estados Unidos têm incentivado a substituição do trabalho manual pelos realizados por computadores.
- e) os softwares e algoritmos perderam espaço no mercado de trabalho, por causa da ênfase dada ao trabalho manual.

6. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018



(Folha de S.Paulo, 30.11.2017)

No plano verbal, o efeito de humor da tira vem do emprego da

- a) palavra "medo", que se mostra aparentemente incoerente no contexto.
- b) pergunta, com que a menina atenua o sentimento de medo do rato.
- c) frase "Não sei!", gerando ambiguidade no segundo quadrinho.
- d) palavra "Ele", que não tem um referente explícito anteriormente.
- e) palavra "desconhecido", cujo sentido se modifica entre os quadrinhos.

Texto para as questões 07 e 08

Para se alfabetizar de verdade, Brasil deve se livrar de algumas ideias tortas

Meses atrás, quando falei aqui do livro de Zinsser, um leitor deixou o seguinte comentário: "É de uma pretensão sem tamanho, a vaidade elevada ao maior grau, o sujeito se meter a querer ensinar os outros a escrever".

Pois é. Muita gente acredita que, ao contrário de todas as demais atividades humanas, da música à mecânica de automóveis, do macramê à bocha, a escrita não pode ser ensinada.

Por quê? Porque é especial demais, elevada demais, dizem alguns. É o caso do leitor citado, que completou seu comentário com esta pérola: "Saber escrever é uma questão de talento, quem não tem, não vai nunca aprender..."

Há os que chegam à mesma conclusão pelo lado oposto, a ilusão de que toda pessoa alfabetizada domina a escrita, e o resto é joguinho de poder espúrio.

Talento literário é raro mesmo, mas não se trata disso. Também não estamos falando só de correção gramatical e ortográfica, aspecto que será cada vez mais delegado à inteligência artificial.

Estamos falando de pensamento. Escrever com clareza e precisão, sem matar o leitor de confusão ou tédio, é uma riqueza que deve ser distribuída de forma igualitária por qualquer sociedade que se pretenda civilizada e justa.

(Sérgio Rodrigues. Folha de S.Paulo, 07.12.2017)

7. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

De acordo com as informações do texto, conclui-se corretamente que uma ideia torta é acreditar que

- a) existem técnicas que melhoram a escrita.
- b) ter talento é um fato raro realmente.
- c) escrever com clareza e precisão é uma riqueza.
- d) saber escrever é uma questão de talento.
- e) escrever é um direito numa sociedade justa.

8. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

Ao levar para seu texto os comentários do leitor, o autor pretende

- a) apresentar uma opinião da qual discorda radicalmente, já que ele defende que a escrita pode ser ensinada.
- b) fundamentar a sua argumentação a favor da inspiração para escrever, o que encontra eco nesses comentários.
- c) buscar um caminho alternativo para o modo como as pessoas escrevem, marcadamente confuso e enfadonho.
- d) tratar de novas nuances da boa escrita, que ele acredita estar sob responsabilidade da inteligência artificial.
- e) mostrar que o que interessa de fato na produção escrita é o atendimento à correção ortográfica e gramatical.

9. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

Leia a tira.



(Alexandre Beck. Armandinho. <http://tinyurl.com/yd9qyey7>)

Armandinho atribui ao vocábulo **responsável** o sentido de

- a) adulto.
- b) aplicado.
- c) culpado.

d) obediente.

e) prudente.

Texto para as questões 10 e 12

“Quando eu tinha mais ou menos uma semana de idade, eu me lembro de estar enrolada em um cobertor rosa de algodão”, conta Rebecca Sharrock. Considerando que a memória da maioria das pessoas não é capaz de gravar acontecimentos anteriores aos quatro anos de idade, **pode ser fácil pensar que a descrição de Sharrock seja um sonho nostálgico em vez de uma memória real.** Mas a mulher australiana de 27 anos não tem uma memória comum – ela foi diagnosticada com uma síndrome rara chamada “Memória Autobiográfica Altamente Superior”, ou HSAM na sigla em inglês, também conhecida como Síndrome da Supermemória. **Essa condição neurológica única significa que Sharrock consegue se lembrar de absolutamente tudo que ela fez em qualquer data.**

Pessoas com essa síndrome podem se lembrar instantaneamente e sem esforço algum de qualquer coisa que fizeram, o que vestiram ou onde estavam em qualquer momento da vida. Elas podem se lembrar de notícias e acontecimentos pessoais com tantos detalhes e com uma exatidão tão perfeita que são comparáveis a uma gravação.

Por que algumas pessoas nascem com a supermemória? **As pesquisas ainda estão em andamento, já que existem poucos indivíduos com a síndrome no mundo, e a área ainda é relativamente nova.** Mas alguns estudos indicam que o lobo temporal (que ajuda no processamento de memória.) é maior nos cérebros das pessoas com HSAM.

Ter uma supermemória significa que as memórias são gravadas em detalhes vívidos, o que é fascinante em termos científicos, mas pode ser uma praga para quem tem a síndrome. Algumas pessoas com HSAM dizem que suas memórias são muito organizadas, mas Sharrock descreve seu cérebro como “entupido” e diz que reviver memórias lhe dá dor de cabeça e insônia. Apesar disso, **ela aprendeu a tentar usar memórias positivas para superar as negativas:** “No começo de todo mês, eu escolho todas as melhores memórias que tive naquele mês em outros anos”. **Reviver acontecimentos positivos facilita na hora de lidar com as “memórias invasivas” que a fazem se sentir mal.**

(Sarah Keating, BBC. 17.11.2017. www.bbc.com. Adaptado)

10. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

Um esclarecimento do que seja a Síndrome da Supermemória está expresso na seguinte passagem:

- a) ... pode ser fácil pensar que a descrição de Sharrock seja um sonho nostálgico em vez de uma memória real.
- b) Essa condição neurológica única significa que Sharrock consegue se lembrar de absolutamente tudo que ela fez em qualquer data.
- c) As pesquisas ainda estão em andamento, já que existem poucos indivíduos com a síndrome no mundo, e a área ainda é relativamente nova.
- d) ... ela aprendeu a tentar usar memórias positivas para superar as negativas...
- e) Reviver acontecimentos positivos facilita na hora de lidar com as “memórias invasivas” que a fazem se sentir mal.

11. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

De acordo com o terceiro parágrafo, os estudos acerca da supermemória

- a) ainda não avaliaram fisicamente o cérebro de pessoas com HSAM.
- b) confirmam que o crescimento anormal do lobo temporal leva à síndrome.
- c) rejeitam a hipótese de que esteja relacionada ao tamanho do cérebro.
- d) não permitem fazer afirmações conclusivas acerca de suas causas.
- e) não avançaram porque as pessoas com a síndrome são muito reservadas.

12. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

A partir do último parágrafo, conclui-se que Sharrock

- a) tem mais facilidade em se lembrar de memórias recentes.
- b) apaga as más memórias concentrando-se nas boas.
- c) gosta de se envolver em experimentos científicos.
- d) não é capaz de selecionar o que vai lembrar.
- e) não tem total controle sobre suas memórias.

Texto para as questões 13 a 14

Ei, você aí. Se fosse possível apagar da sua memória o que lhe causa dor, você apagaria? Seria perfeito, pois **manteríamos tudo de bom e esqueceríamos completamente o ruim**. Mas não, não seria perfeito. E sabe por quê? Porque **precisamos das perdas** para valorizar os ganhos, **o bom precisa do ruim** para ser compreendido e vice-versa. Simples assim. Só que geralmente **nos agarramos às derrotas e não enxergamos as conquistas**. Escondemos as **recordações bonitas** lá no fundo da gaveta, enquanto carregamos as mágoas agarradas pela mão, para cima e para baixo.

É possível, sim, **seguir adiante sem tanta culpa** pelo erro e sem o medo de falhar novamente, a partir do momento em que entendemos que **as quedas são necessárias** para que nos tornemos pessoas mais completas, aptas a resolver problemas e encontrar saídas. Então, passamos a enxergar a dor como **um mal necessário**. Inclusive, é ela que, muitas vezes, nos tira da inércia e nos impulsiona a reagir.

Usemos as decepções a nosso favor para que nos tornemos grandiosos diante da vida, aptos a receber o que nos mandam e transformar tudo o que vier em aprendizado. É impossível esquecer as tristezas, mas que elas não sejam lembradas a todo instante.

13. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

Na opinião da autora, as experiências negativas devem ser compreendidas como fonte de aprendizado,

- a) mas infelizmente as pessoas as esquecem com facilidade.
- b) por isso mesmo precisam ser cultuadas com regularidade.
- c) porém não devem ser constantemente evocadas.
- d) portanto deveriam ser frequentemente estimuladas.
- e) embora sejam menos eficazes que as experiências positivas.

14. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

Duas construções que, no texto, expressam a mesma ideia estão em:

- a) ... esqueceríamos completamente o ruim... ... o bom precisa do ruim...
- b) ... manteríamos tudo de bom... ... não enxergamos as conquistas.
- c) ... recordações bonitas... ... um mal necessário.
- d) ... nos agarramos às derrotas... ... seguir adiante sem tanta culpa...
- e) ... precisamos das perdas... ... as quedas são necessárias...

15. VUNESP - Diretor (CM 2 Córregos)/2018

(André Dahmer. [http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada /cartum/cartunsdiarios/#27/10/2017](http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#27/10/2017). 27.10.2017)

A leitura da tira permite concluir que

- a) os internautas têm sido cada vez mais cautelosos com relação ao teor das postagens nas redes sociais.
- b) as possíveis consequências das publicações em redes sociais deixaram de ser uma preocupação na atualidade.
- c) os internautas vêm recorrendo sistematicamente ao anonimato para fazer comentários considerados ofensivos.

d) a disseminação do acesso às redes sociais, diferentemente do que se esperava, fez com que se perdesse o interesse por elas.

e) os comentários considerados agressivos vêm perdendo espaço na internet para mensagens que pregam tolerância e respeito.

Texto para as questões 16 e 17

Destruindo Riqueza

A economia cresce encontrando soluções, em geral tecnológicas, para reduzir ineficiências e, nesse processo, libera mão de obra.

Um exemplo esclarecedor é o do emprego agrícola nos EUA. Até 1800, a produção de alimentos exigia o trabalho de 95% da população do país. Em 1900, a geração de comida para uma população já bem maior mobilizava 40% da força de trabalho e, hoje, essa proporção mal chega a 3%. Quem abandonou a roça foi para cidades, integrando a força de trabalho da indústria e dos serviços.

Esse processo pode ser cruel para com indivíduos que ficam sem emprego e não conseguem se reciclar, mas é dele que a sociedade extrai sua prosperidade. É o velho fazer mais com menos.

A internet, com sua incrível capacidade de conectar pessoas, abriu novos veios de ineficiências a eliminar. Se você tem um carro e não é chofer de praça nem caixeiro viajante, ele passa a maior parte do dia parado, o que é uma ineficiência. Se você tem um imóvel vago ou mesmo um dormitório que ninguém usa, está sendo improdutivo. O mesmo vale para outros apetrechos que você possa ter, mas são subutilizados. Os aplicativos de compartilhamento, ao ligar de forma instantânea demandantes a ofertantes, permitem à sociedade fazer muito mais com aquilo que já foi produzido (carros, prédios, tempo disponível etc.), que é outro jeito de dizer que ela fica mais rica.

É claro que isso só dá certo se não forem criadas regulações desnecessárias que embaracem os acertos voluntários entre as partes. A burocratização da oferta de serviços de aplicativos torna-os indistinguíveis. Dá para descrever isso como a destruição de riqueza.

(Hélio Schwartzman. Folha de S.Paulo. 31.10.2017. Adaptado)

16. VUNESP - Diretor (CM 2 Córregos)/2018

Conforme o texto, as soluções encontradas pela economia, em geral tecnológicas, para reduzir ineficiências

- a) são socialmente condenáveis, na medida em que a produção de riquezas passa a depender menos de mão de obra, causando desemprego.
- b) constituem um retrocesso, já que prejudicam especialmente a força de trabalho que veio do campo, e que não está adaptada a tecnologias.
- c) não provocam grandes impactos, uma vez que a totalidade dos trabalhadores oriundos da agricultura e da indústria acabam sendo absorvidos.
- d) são muito positivas econômica e socialmente, pois exigem que os trabalhadores se reciclem e requerem grande volume de mão de obra especializada.
- e) podem ser danosas aos trabalhadores que, não conseguindo se adaptar a essa realidade, ficam sem emprego, mas necessárias para a prosperidade social.

17. VUNESP - Diretor (CM 2 Córregos)/2018

Conforme o autor do texto, a internet possibilitou

- a) a eliminação da ineficiência do trabalho no campo e na indústria, mas teve menos sucesso nos resultados do setor de serviços.
- b) ganhos econômicos com soluções tecnológicas que garantiram maior eficiência na produção de bens de consumo como automóveis.
- c) novas formas de produção, fornecendo soluções tecnológicas que tornaram os carros mais eficientes e os imóveis mais confortáveis.
- d) novas maneiras de gerar riqueza a partir de bens improdutivos ou subutilizados, por meio dos aplicativos de compartilhamento.
- e) a abolição de vagas de trabalho e em áreas específicas de prestação de serviços, arruinando a geração de riquezas e comprometendo economias.

Texto para as questões 18 a 19

Quem assiste a “Tempo de Amar” já reparou no português extremamente culto e correto que é falado pelos personagens da novela. Com frases que parecem retiradas de um romance antigo, mesmo nos momentos mais banais, os personagens se expressam de maneira correta e erudita.

Ao UOL, o autor da novela, Alcides Nogueira, diz que o linguajar de seus personagens é um ponto que leva a novela a se destacar. “Não tenho nada contra a linguagem coloquial, ao contrário. Acho que a língua deve ser viva e usada em sintonia com o nosso tempo. Mas colocar um português bastante culto torna a narrativa mais coerente com a época da trama. Fora isso, é uma oportunidade de o público conhecer um pouco mais dessa sintaxe poucas vezes usada atualmente”.

O escritor, que assina o texto da novela das 18h ao lado de Bia Corrêa do Lago, conta que a decisão de imprimir um português erudito à trama foi tomada por ele e apoiada pelo diretor artístico, Jayme Monjardim. Ele revela que

toma diversos cuidados na hora de escrever o texto, utilizando, inclusive, o dicionário. “Muitas vezes é preciso recorrer às gramáticas. No início, o uso do coloquial era tentador. Aos poucos, a escrita foi ficando mais fácil”, afirma Nogueira, que também diz se inspirar em grandes escritores da literatura brasileira e portuguesa, como Machado de Assis e Eça de Queiroz.

Para o autor, escutar os personagens falando dessa forma ajuda o público a mergulhar na época da trama de modo profundo e agradável. Compartilhou-lhe o sentimento Jayme Monjardim, que também explica que a estética delicada da novela foi pensada para casar com o texto. “É uma novela que se passa no fim dos anos 1920, então tudo foi pensado para que o público entrasse junto com a gente nesse túnel do tempo. Acho que isso é importante para que o telespectador consiga se sentir em outra época”, diz.

(Guilherme Machado. UOL. <https://tvefamosos.uol.com.br>. 15.11.2017. Adaptado)

18. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

De acordo com o texto, entende-se que as formas linguísticas empregadas na novela

- a) constituem usos comuns na linguagem moderna, porém a maior parte das pessoas não os entende.
- b) estão associadas ao coloquial, o que dá mais vivacidade à linguagem e desperta o interesse do público.
- c) harmonizam-se com a linguagem dos dias atuais porque deixam de lado os usos corretos e formais.
- d) divergem dos usos linguísticos atuais, caracterizados pela adoção de formas mais coloquiais.
- e) correspondem a um linguajar que, apesar de ser antigo, continua em amplo uso na linguagem atual.

19. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

As informações textuais permitem afirmar corretamente que

- a) a harmonização entre a linguagem e a estética da novela contribui para que a caracterização de uma época seja mais bem entendida pelo público.
- b) a opção por escrever uma novela de época implica a transposição de elementos visuais e linguísticos para o tempo presente, modernizando-os.
- c) a linguagem coloquial atrai sobremaneira os autores de novelas, como é o caso de Alcides Nogueira, que desconhecia o emprego de formas eruditas.
- d) a linguagem erudita deixa de ser empregada na novela quando há necessidade de retratar os momentos mais banais vividos pelas personagens.
- e) a proximidade entre a literatura e as novelas exige que haja um senso estético aguçado em relação à linguagem, por isso essas artes primam pelo erudito.

20. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

Leia o texto para responder à questão.

Se determinado efeito, lógico ou artístico, mais fortemente se obtém do emprego de um substantivo masculino apenso a substantivo feminino, não deve o autor hesitar em fazê-lo. Quis eu uma vez dar, em uma só frase, a ideia – pouco importa se vera ou falsa – de que Deus é simultaneamente o Criador e a Alma do mundo. Não encontrei melhor maneira de o fazer do que tornando transitivo o verbo “ser”; e assim dei à voz de Deus a frase:

– Ó universo, eu sou-te, em que o transitivo de criação se consubstancia com o intransitivo de identificação.

Outra vez, porém em conversa, querendo dar incisiva, e portanto concentradamente, a noção verbal de que certa senhora tinha um tipo de rapaz, empreguei a frase “aquela rapaz”, violando deliberadamente e justissimamente a lei fundamental da concordância.

A prosódia, já alguém o disse, não é mais que função do estilo.

A linguagem fez-se para que nos sirvamos dela, não para que a sirvamos a ela.

(Fernando Pessoa. A língua portuguesa, 1999. Adaptado)

No texto, o autor defende que

- a) a forma como muitas pessoas se comunicam cotidianamente tem deturpado a essência da língua, comprometendo-lhe a clareza.
- b) os discursos lógicos e artísticos, para serem mais coerentes, têm evitado as violações linguísticas a que poderiam recorrer.
- c) a transformação das formas de comunicação está restrita à linguagem oral, normalmente menos formal que a escrita.
- d) o estilo dos escritores rompe com a tradição da linguagem, o que implica que eles, cada vez mais, estão submissos a ela.
- e) a linguagem deve atender às necessidades comunicativas das pessoas, nem que para isso suas regras tenham de ser violadas.

Texto para as questões 21 a 25

Ai, Gramática. Ai, vida.

O que a gente deve aos professores!

Este pouco de gramática que eu sei, por exemplo, foram Dona Maria de Lourdes e Dona Nair Freitas que me ensinaram. E vocês querem coisa mais importante do que gramática? *La grammaire qui sait régenter jusqu'aux rois* – dizia Molière: a gramática que sabe reger até os reis, e Montaigne: *La plus part des occasions des troubles du monde sont grammairiens* – a maior parte de confusão no mundo vem da gramática.

Há quem discorde. Oscar Wilde, por exemplo, dizia de George Moore: *escreveu excelente inglês, até que descobriu a gramática*. (A propósito, de onde é que eu tirei tantas citações? Simples: tenho em minha biblioteca três livros contendo exclusivamente citações. Para enfeitar uma crônica, não tem coisa melhor. Pena que os livros são em inglês. Aliás, inglês eu não aprendi na escola. Foi lendo as revistas MAD e outras que vocês podem imaginar).

Discordâncias à parte, gramática é um negócio importante e gramática se ensina na escola – mas quem, professoras, nos ensina a viver? Porque, como dizia o Irmão Lourenço, no schola sed vita – é preciso aprender não para a escola, mas para a vida.

Ora, dirão os professores, vida é gramática. De acordo. Vou até mais longe: vida é pontuação. A vida de uma pessoa é balizada por sinais ortográficos. Podemos acompanhar a vida de uma criatura, do nascimento ao túmulo, marcando as diferentes etapas por sinais de pontuação.

Infância: a permanente exclamação: Nasceu! É um menino! Que grande! E como chora! Claro, quem não chora não mama!

Me dá! É meu!

Ovo! Uva! Ivo viu o ovo! Ivo viu a uva! O ovo viu a uva!

Olha como o vovô está quietinho, mamãe!

Ele não se mexe, mamãe! Ele nem fala, mamãe!

Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste! Criança – não verás nenhum país como este!

Dá agora! Dá agora, se tu és homem! Dá agora, quero ver!

(Moacyr Scliar. Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar, 1996. Adaptado)

21. VUNESP - Escrivente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

No texto, o autor recorre a várias citações, com a finalidade de

- a) enfatizar as discrepâncias quanto à necessidade da gramática para a vida, concluindo que ela é inútil e só tem servido como atividade escolar.
- b) discutir a falta de necessidade do ensino de gramática, uma vez que seu domínio não implica necessariamente saber usar a língua de forma adequada.
- c) questionar a fascinação que grandes personalidades têm em relação à gramática, a qual, na maioria das vezes, ultrapassa os limites do contexto escolar.
- d) mostrar diferentes perspectivas em relação à gramática, concluindo que ela é relevante e que algumas de suas partes assemelham-se a fases da vida.
- e) propor a obrigatoriedade do ensino da gramática dentro e fora da escola, possibilitando que as pessoas usem melhor a língua materna.

22. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

Observe as passagens do texto:

O que a gente deve aos professores! (1º parágrafo)

... mas quem, professoras, nos ensina a viver? (4º parágrafo)

Observando-se o contexto em que ocorrem e a pontuação nelas presentes, conclui-se que as frases apontam, correta e respectivamente, para os seguintes sentidos:

- a) o narrador ironiza a educação e os ensinamentos de seus professores; o narrador sugere que a gramática não tem importância nenhuma na vida das pessoas.
- b) o narrador sente que está em dívida com os professores, por tudo o que aprendeu; o narrador acredita que o papel da gramática no cotidiano é incompreendido.
- c) o narrador questiona os ensinamentos gramaticais que recebeu dos professores; o narrador discorda da ideia de que a gramática seja a disciplina mais importante.
- d) o narrador demonstra reconhecimento pelo que lhe foi ensinado pelos professores; o narrador questiona qual é o papel da gramática na vida cotidiana das pessoas.
- e) o narrador expressa certo descontentamento com o que os professores lhe ensinaram; o narrador tem plena certeza de que a gramática transforma a vida das pessoas.

23. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

Quando o autor diz que a vida é pontuação e associa a infância à exclamação, seu objetivo é mostrar que

- a) as crianças normalmente descobrem o mundo sem reagir aos acontecimentos que marcam essa etapa de seu desenvolvimento.
- b) o pleno encantamento marca esse período da vida, e as emoções tendem a mostrar-se com mais intensidade e espontaneidade.
- c) os adultos têm dificuldade para atender o encantamento das crianças pelas suas descobertas com o mundo que as circunda.
- d) os adultos tendem a ficar incomodados com a forma como as crianças vão descobrindo os segredos do mundo.
- e) a percepção exagerada das crianças não tem como se justificar na relação que elas estabelecem com os adultos e o mundo.

24. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

O que Oscar Wilde afirma acerca de George Moore – escreveu excelente inglês, até que descobriu a gramática – significa que

- a) o contato com a gramática ocasionou, na obra de George Moore, o comprometimento da qualidade de sua escrita.
- b) o fato de escrever com excelência em inglês não impediu George Moore de buscar linguagem mais contemporânea.
- c) a gramática agiu, na obra de George Moore, para acentuar sua tendência a uma escrita de alta qualidade técnica.
- d) George Moore passou a escrever em inglês popular somente depois que descobriu a riqueza da gramática.
- e) a descoberta da gramática por George Moore surpreendeu a todos, pelo padrão de excelência de sua obra.

25. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP) /2018

Assinale a alternativa em que as frases da passagem “Infância: a permanente exclamação” expressam as vivências infantis relacionadas à possessividade e à escolarização, respectivamente.

- a) Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste! / Dá agora, quero ver!
- b) Claro, quem não chora não mama! / Olha como o vovô está quietinho, mamãe!
- c) Que grande! E como chora! / Ele nem fala, mamãe!
- d) Dá agora! Dá agora, se tu és homem! / Ele não se mexe, mamãe!
- e) Me dá! É meu! / Ovo! Uva! Ivo viu o ovo! Ivo viu a uva! O ovo viu a uva!

26. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

Ei-lo agora, adolescente recluso em seu quarto, diante de um livro que não lê. Todos os seus desejos de estar longe erguem, entre ele e as páginas abertas, uma tela esverdeada que perturba as linhas. Ele está sentado diante da janela, a porta fechada às costas. Página 48. Ele não tem coragem de contar as horas passadas para chegar a essa quadragésima oitava página. O livro tem exatamente quatrocentas e quarenta e seis. Pode-se dizer 500 páginas! Se ao menos tivesse uns diálogos, vai. Mas não! Páginas completamente cheias de linhas apertadas entre margens minúsculas, negros parágrafos comprimidos uns sobre os outros e, aqui e acolá, a caridade de um diálogo – um travessão, como um oásis, que indica que um personagem fala a outro personagem. Mas o outro não responde. E segue-se um bloco de doze páginas! Doze páginas de tinta preta! Falta de ar! Ufa, que falta de ar! Ele xinga. Muitas desculpas, mas ele xinga. Página quarenta e oito... Se ao menos conseguisse lembrar do conteúdo dessas primeiras quarenta e oito páginas!

(Daniel Pennac. Como um romance, 1993. Adaptado)

O texto relata que

- a) o adolescente considera penosa a tarefa de ler um livro de 446 páginas.
- b) a história do livro desanima o adolescente, que pula páginas em busca de um diálogo.
- c) o livro cativa o adolescente, ansioso por terminar logo a leitura das quase 500 páginas.

- d) o xingamento do adolescente é inevitável, mas ele se arrepende e volta a ler o livro.
- e) a recordação do conteúdo do livro ameniza o sofrimento do adolescente com a leitura.

27. VUNESP - Professor (SME Barretos)/2018

Black Friday? Levantamento feito pela Folha* mostrou que boa parte dos “descontos” oferecidos nesta sexta-feira não passa de manipulações até meio infantil de preços, com o objetivo de iludir o consumidor.

Antes, porém, de imprecisar contra a ganância dos capitalistas, convém perguntar se os consumidores não desejam ser enganados. E há motivos para acreditar que pelo menos uma parte deles queira.

No recém-lançado *Dollars and Sense* (dinheiro e juízo), Dan Ariely e Jeff Kreisler relatam um experimento natural que mostra que pessoas podem optar por ser “ludibriadas” voluntariamente e que, em algum recôndito do cérebro, isso faz sentido.

A JCPenney é uma centenária loja de departamentos dos EUA que se celebrizou por jogar seus preços na lua para depois oferecer descontos “irresistíveis”. Ao fim e ao cabo, os preços efetivamente praticados estavam em linha com os da concorrência, mas os truques utilizados proporcionavam aos consumidores a sensação, ainda que ilusória, de ter feito um bom negócio, o que lhes dava prazer.

Em 2012, o então novo diretor executivo da empresa Ron Johnson, numa tentativa de modernização, resolveu acabar com a ginástica de remarcações e descontos e adotar uma política de preços “justa e transparente”.

Os clientes odiaram. Em um ano, a companhia perdera US\$ 985 milhões e Johnson ficou sem emprego. Logo em seguida, a JCPenney remarcou os preços de vários de seus itens em até 60% para voltar a praticar os descontos irresistíveis. Como escrevem Ariely e Kreisler, “os clientes da JCPenney votaram com suas carteiras e escolheram ser manipulados”.

Num mundo em que o cliente sempre tem razão, não é tão espantoso que empresas se dediquem a vender-lhe as fantasias que deseja usar, mesmo que possam ser desmascaradas com um clique de computador.

* Jornal Folha de São Paulo

(‘Caveat emptor’. Hélio Schwartzman. <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/2017/11/1937658-caveat-emptor.shtml> 24.11.2017. Adaptado)

Segundo as informações do texto, a afirmação de que parte dos consumidores agem como se desejassem ser enganados é

- a) contestável, pois o experimento comprovou que esses consumidores são vítimas de uma política obscura de maquiagem de preços pelas empresas.
- b) justificável, já que ficou comprovado que alguns consumidores não resistem ao prazer experimentado nessas situações de desconto aparente.
- c) procedente, mas o experimento mostrou que os consumidores deixam de comprar quando as lojas tentam fazer os descontos parecerem grandes demais.
- d) controversa, pois a política de remarcações de preços para forjar descontos trouxe grande prejuízo a uma loja de departamentos nos EUA.
- e) falsa, já que ficou demonstrado que os consumidores tendem a preferir situações em que os preços são apresentados de forma transparente.

28. VUNESP - Professor (SME Barretos)/2018



(Bill Watterson. O mundo é mágico: as aventuras de Calvin e Haroldo. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010. Adaptado)

É correto concluir, da leitura da tira, que os meios de comunicação

- a) prezam pela expressão da arte pautada por valores estéticos.
- b) têm tentado, sem sucesso, reproduzir elementos da realidade atual.
- c) como a televisão e o cinema não refletem aspectos da realidade atual.
- d) tornaram-se monótonos devido à insistência em retratar a realidade atual.
- e) têm sua programação pautada pela viabilidade econômica do que é veiculado.

Texto para as questões 29 a 30**Novo Analfabetismo**

O Instituto de Estatísticas da Unesco alerta, em informe recente, que grande parte dos jovens da América Latina não alcança níveis apropriados de proficiência em leitura. São 19 milhões de adolescentes que concluem o ensino fundamental sem conseguir ler parágrafos simples e deles extrair informações, num fenômeno que Silvia Montoya, dirigente do instituto, chama de “nova definição do analfabetismo”.

A preocupação da diretora procede, pois a falta de competência leitora fragiliza a cidadania. Afinal, quem não consegue ler jornais ou livros depende do que a televisão lhe recomenda como condutas corretas e não consegue formular seus próprios juízos.

Além disso, em tempos em que o mundo do trabalho extermina postos baseados em tarefas rotineiras, que não demandam capacidade de concepção, as chances de sucesso profissional e de realização pessoal de quem tem letramento insuficiente se tornam muito limitadas.

Aqui, só 30% dos alunos saem do 9º ano com aprendizado adequado em leitura e interpretação, de acordo com dados do Inep. É menos que a média da América Latina, que tanto chocara Silvia Montoya.

Ora, num país de elites não leitoras, o fato de tantos jovens não estarem aptos a ler livros talvez não choque.

Não é mais suficiente ter um nível mínimo de alfabetização. Não ter competência leitora traz obstáculos para a vida em sociedade, especialmente no tocante à dificuldade em compreender os próprios direitos e deveres como cidadão, ainda mais num mundo em turbulência como o que vivemos.

(Claudia Costin. Folha de S.Paulo, 27.10.2017. Adaptado)

29. VUNESP - Professor (SME Barretos)/2018

Conforme o texto, o frágil e insuficiente desenvolvimento da competência leitora dos jovens que concluem o ensino fundamental na América Latina impacta diretamente

- a) nas políticas educacionais da Unesco para a região, que passa a pressionar governantes a fim de que adotem medidas capazes de reverter esse quadro.
- b) na cidadania de milhões desses jovens, que desistem da escola em face à dificuldade para extrair informações de contextos de leitura simples.
- c) na formação desses leitores enquanto cidadãos, já que a proficiência em leitura é fundamental para a formação da capacidade de julgamento.
- d) na formação social desses jovens, que não conseguem se apropriar de normas de conduta divulgadas pela televisão indispensáveis para esse fim.
- e) no modo como informações são transmitidas em livros e jornais, que acabam tendo de adaptar sua linguagem ao nível de entendimento dos leitores.

30. VUNESP - Professor (SME Barretos)/I/2018

Conforme a autora do texto,

- a) a dificuldade com leitura não chega a ser preocupante quanto à colocação no mercado de trabalho, ainda marcado por atividades que não requerem instrução.
- b) a passividade ante um número tão alto de leitores inaptos pode ser justificada pelo desinteresse pela leitura inclusive dos que estão no topo da sociedade.
- c) a demanda por qualificação em detrimento do trabalho em atividades rotineiras por enquanto não compromete o futuro de quem tem letramento insuficiente.
- d) a constatação do quadro de competência leitora abaixo do esperado tem obrigado o mercado de trabalho a adequar suas exigências a essa realidade.
- e) o baixo nível de letramento, embora crie dificuldades para a leitura de livros e jornais, não chega a constituir um empecilho para a vida em sociedade.

Leia a tira para responder às questões 31 a 32.



(Folha de S.Paulo, 26.10.2017)

31.VUNESP - Pref Mogi Cruzes/2018

Ao referir-se a escrever uma monstruosidade nas redes sociais, a personagem constata que isso

- a) é algo reprovado por todos os internautas.
- b) era prática inexistente na época do Orkut.
- c) ocorre com facilidade atualmente.
- d) deixou de acontecer depois do Orkut.
- e) tende a sumir muito brevemente.

32.VUNESP - Pref Mogi Cruzes/2018

No último quadrinho, a expressão “essas frescuras” faz referência ao fato de as pessoas

- a) comunicarem-se pelo Orkut.
- b) escreverem algumas monstruosidades.
- c) postarem comentários no Orkut.
- d) lembrarem-se da época do Orkut.
- e) comentarem de forma anônima.

Texto para as questões 33 a 34

Estima-se que, até o fim deste ano, o número de pessoas vivendo na miséria no Brasil crescerá de 2,5 milhões a 3,6 milhões, segundo o Banco Mundial. O número de brasileiros vivendo abaixo da linha da pobreza passou dos 16 milhões, em 2014, para cerca de 22 milhões neste ano, de acordo com o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social). Em momentos assim, o Brasil depara com outra chaga, diferente da pobreza: a desigualdade. Os mais ricos se protegem melhor da crise, que empurra para baixo a parcela da população já empobrecida. Por isso, o FGV Social alerta sobre um aumento relevante da desigualdade no país. Ela já subiu no ano passado, na medição que usa um índice chamado Gini. Foi a primeira vez que isso ocorreu em 22 anos. Trata-se de um fenômeno especialmente ruim num país em que a desigualdade supera a normalmente encontrada em democracias capitalistas. Para piorar, descobrimos recentemente que subestimávamos o problema.

Até o ano retrasado, a régua da desigualdade era organizada só com o Índice de Gini, baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). Por esse método, ficavam de fora do quadro os rendimentos que principalmente os mais ricos conseguem de outras fontes, que não o salário – a renda do capital, oriunda de ativos como aplicações financeiras, participação em empresas e propriedade de imóveis. Isso mudou quando a Receita Federal publicou números do Imposto de Renda (IR) de pessoa física de 2007 em diante. Os números mais recentes, referentes a 2015, foram abertos em julho deste ano. Eles evidenciam que a concentração de renda no topo da pirâmide social brasileira é muito maior do que se pensava. A análise restrita às entrevistas domiciliares indicava que o 1% mais rico de brasileiros concentrava 11% da renda. Com os dados do IR e do Produto Interno Bruto (PIB), essa fatia saltou para 28%.

(Época, 13.11.2017)

33. VUNESP - Auxiliar de Apoio Administrativo (Pref Mogi Cruzes)/2018

O texto traz uma série de dados com o objetivo de

- a) mostrar que a condição de pobreza no Brasil se agrava, o que reforça a desigualdade social.
- b) enfatizar que a desigualdade social no Brasil, que já foi um problema, diminuiu significativamente.
- c) comparar a situação de pobreza atual com a de 22 anos atrás, que gerava muita desigualdade.
- d) denunciar a desigualdade social no Brasil, que é a menor entre as chamadas democracias capitalistas.
- e) relativizar o impacto da desigualdade social no Brasil, já que há estabilidade no número de pobres no país.

34. VUNESP - Auxiliar de Apoio Administrativo (Pref Mogi Cruzes)/2018

Com base nos dados estatísticos apresentados no texto, é correto afirmar que houve

- a) aumento no número de pessoas na miséria no Brasil, as quais superam o contingente das que vivem abaixo da linha da pobreza.
- b) inexpressiva alteração na concentração de renda no topo da pirâmide social brasileira com os dados do IR e do PIB.
- c) diminuição dos mais ricos e também aumento dos mais pobres nos últimos 22 anos na sociedade brasileira.
- d) aumento na desigualdade social no Brasil, já que nos últimos 22 anos houve um aumento de 22 milhões de pessoas na pobreza.
- e) aumento no número de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza no Brasil, no período de 2014 a 2017.

35. VUNESP - Delegado de Polícia (PC BA)/2018

Vamos partir de uma situação que grande parte de nós já vivenciou. Estamos saindo do cinema, depois de termos visto uma adaptação de um livro do qual gostamos muito. Na verdade, até que gostamos do filme também: o sentido foi mantido, a escolha do elenco foi adequada, e a trilha sonora reforçou a camada afetiva da narrativa. Por que então sentimos que algo está fora do lugar? Que está faltando alguma coisa?

O que sempre falta em um filme sou eu. Parto dessa ideia simples e poderosa, sugerida pelo teórico Wolfgang Iser em um de seus livros, para afirmar que nunca precisamos tanto ler ficção e poesia quanto hoje, porque nunca precisamos tanto de faíscas que ponham em movimento o mecanismo livre da nossa imaginação. Nenhuma forma de arte ou objeto cultural guarda a potência escondida por aquele monte de palavras impressas na página.

Essa potência vem, entre outros aspectos, do tanto que a literatura exige de nós, leitores. Não falo do esforço de compreender um texto, nem da atenção que as histórias e os poemas exigem de nós – embora sejam incontornáveis também. Penso no tanto que precisamos investir de nós, como sujeitos afetivos e como corpos sensíveis, para que as palavras se tornem um mundo no qual penetramos.

Somos bombardeados todo dia, o dia inteiro, por informações. Estamos saturados de dados e de interpretações. A literatura – para além do prazer intelectual, inegável – oferece algo diferente. Trata-se de uma energia que o teórico Hans Ulrich Gumbrecht chama de “presença” e que remete a um contato com o mundo que afeta o corpo do indivíduo para além e para além do pensamento racional.

Muitos eventos produzem presença, é claro: jogos e exercícios esportivos, shows de música, encontros com amigos, cerimônias religiosas e relações amorosas e sexuais são exemplos óbvios. Por que, então, defender uma prática eminentemente intelectual, como a experiência literária, com o objetivo de “produzir presença”, isto é, de despertar sensações corpóreas e afetos? A resposta está, como já evoquei mais acima, na potência guardada pela ficção e pela poesia para disparar a imaginação. Mas o que é, afinal, a imaginação, essa noção tão corriqueira e sobre a qual refletimos tão pouco?

Proponho pensar a imaginação como um espaço de liberdade ilimitada, no qual, a partir de estímulos do mundo exterior, somos confrontados (mas também despertados) a responder com memórias, sentimentos, crenças e conhecimentos para forjar, em última instância, aquilo que faz de cada um de nós diferente dos demais. A leitura de textos literários é uma forma privilegiada de disparar esse mecanismo imenso, porque demanda de nós todas essas reações de modo ininterrupto, exige que nosso corpo esteja ele próprio presente no espaço ficcional com que nos deparamos, sob pena de não existir espaço ficcional algum.

(Ligia G. Diniz. <https://brasil.elpais.com>. 22.02.2018. Adaptado)

Uma frase em consonância com o que se argumenta no texto é:

- a) Essencialmente racional, a literatura diferencia-se das demais manifestações artísticas por ser ela incapaz de despertar reações corpóreas.
- b) Um texto literário exige mais concentração e esforço intelectual para ser compreendido, em comparação com outros tipos de texto.
- c) A literatura é imprescindível para que o pensamento racional seja cultivado em detrimento de percepções motivadas pelo instinto.
- d) Somos incapazes de ver aspectos positivos na adaptação de um filme do qual gostamos muito, pois nosso julgamento é puramente emocional.

e) Inseridos em um contexto impregnado de informação, precisamos da literatura mais do que nunca para aguçar nossa imaginação.

36. VUNESP - Investigador de Polícia (PC BA)/2018

Algoritmos e desigualdade

Virginia Eubanks, professora de ciências políticas de Nova York, é autora de *Automating Inequality* (Automatizando a Desigualdade.), um livro que explora a maneira como os computadores estão mudando a prestação de serviços sociais nos Estados Unidos. Seu foco é o setor de serviços públicos, e não o sistema de saúde privado, mas a mensagem é a mesma: com as instituições dependendo cada vez mais de algoritmos preditivos para tomar decisões, resultados peculiares – e frequentemente injustos – estão sendo produzidos.

Virginia Eubanks afirma que já acreditou na inovação digital. De fato, seu livro tem exemplos de onde ela está funcionando: em Los Angeles, moradores de rua que se beneficiaram dos algoritmos para obter acesso rápido a abrigos. Em alguns lugares, como Allegheny, houve casos em que “dados preditivos” detectaram crianças vulneráveis e as afastaram do perigo.

Mas, para cada exemplo positivo, há exemplos aflagantes de fracassos. Pessoas de uma mesma família de Allegheny foram perseguidas por engano porque um algoritmo as classificou como propensas a praticar abuso infantil. E em Indiana há histórias lastimáveis de famílias que tiveram assistência de saúde negada por causa de computadores com defeito. Alguns desses casos resultaram em mortes.

Alguns especialistas em tecnologia podem alegar que esses são casos extremos, mas um padrão similar é descrito pela matemática Cathy O’Neill em seu livro *Weapons of Math Destruction*. “Modelos matemáticos mal concebidos agora controlam os mínimos detalhes da economia, da propaganda às prisões”, escreve ela.

Existe alguma solução? Cathy O’Neill e Virginia Eubanks sugerem que uma opção seria exigir que os tecnólogos façam algo parecido com o julgamento de Hipócrates: “em primeiro lugar, fazer o bem”. Uma segunda ideia – mais custosa – seria forçar as instituições a usar algoritmos para contratar muitos assistentes sociais humanos para complementar as tomadas de decisões digitais. Uma terceira ideia seria assegurar que as pessoas que estão criando e rodando programas de computador sejam forçadas a pensar na cultura, em seu sentido mais amplo.

Isso pode parecer óbvio, mas até agora os nerds digitais das universidades pouco contato tiveram com os nerds das ciências sociais – e vice-versa. A computação há muito é percebida como uma zona livre de cultura e isso precisa mudar.

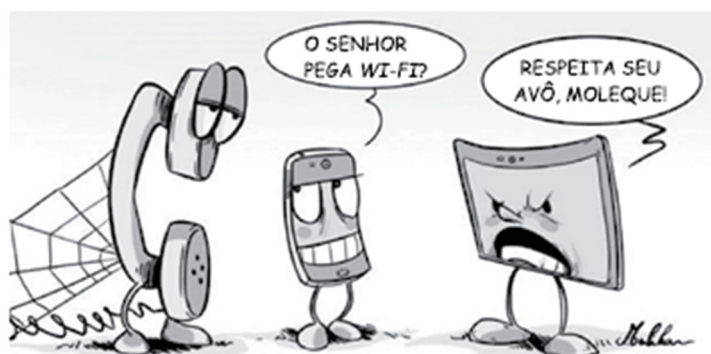
(Gillian Tett. www.valor.com.br. 23.02.2018. Adaptado)

Ao aproximar os pontos de vista de Virginia Eubanks e de Cathy O’Neill, o autor defende a tese de que os algoritmos preditivos

- a) necessitam manter-se restritos à economia e a áreas afins.
- b) devem ser abandonados, pois ainda não beneficiaram os cidadãos.
- c) podem levar à tomada de decisões equivocadas e injustas.
- d) são bem-sucedidos no setor privado, mas não no setor público.
- e) precisam ser confiáveis ao ponto de substituir as escolhas humanas.

37. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

Leia a charge para responder à questão.



(Malika. Em tempo. <http://d.emtempo.com.br/charges>. 07.10.2017)

A charge tem como assunto principal

- a) a evolução dos aparelhos de comunicação.
- b) a interação estabelecida nas redes sociais.
- c) as limitações da comunicação via internet.
- d) o acesso limitado aos meios de comunicação.
- e) o uso excessivo de dispositivos tecnológicos.

Leia o texto para responder às questões 38 a 39.

Pela primeira vez, vício em games é considerado distúrbio mental pela OMS

A 11ª Classificação Internacional de Doenças (CID) irá incluir a condição sob o nome de “distúrbio de games”. O documento descreve o problema como padrão de comportamento frequente ou persistente de vício em games, tão grave que leva “a preferir os jogos a qualquer outro interesse na vida”. A última versão da CID foi finalizada em 1992, e a nova versão do guia será publicada neste ano. Ele traz códigos para as doenças, sinais ou sintomas e é usado por médicos e pesquisadores para rastrear e diagnosticar uma doença.

O documento irá sugerir que comportamentos típicos dos viciados em games devem ser observados por um período de mais de 12 meses para que um diagnóstico seja feito. Mas a nova CID irá reforçar que esse período pode ser diminuído se os sintomas forem muito graves. Os sintomas do distúrbio incluem: não ter controle de frequência, intensidade e duração com que joga video game; priorizar jogar video game a outras atividades.

Richard Graham, especialista em vícios em tecnologia no Hospital Nightingale em Londres, reconhece os benefícios da decisão. “É muito significativo, porque cria a oportunidade de termos serviços mais especializados.” Mas para ele é preciso tomar cuidado para não se cair na ideia de que todo mundo precisa ser tratado e medicado. “Pode levar pais confusos a pensar que seus filhos têm problemas quando eles são apenas ‘empolgados’ jogadores de video game”, afirmou.

(Jane Wakefield. BBC Brasil. www.bbc.com/portuguese. 02.01.2018. Adaptado)

38. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

Segundo o texto, uma vantagem de o vício em games estar incluso no guia de Classificação Internacional de Doenças (CID) diz respeito

- a) ao barateamento imediato dos tratamentos especializados no controle da doença.
- b) à rapidez com que os viciados em games decidem procurar um médico.
- c) à facilidade em diferenciar o vício em games de dependências que ainda não foram catalogadas.
- d) à possibilidade da ampliação da oferta de serviços mais especializados no tratamento dessa condição.
- e) ao acesso mais fácil a medicamentos que impedem o surgimento desse tipo de vício.

39. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

De acordo com Richard Graham,

- a) a decisão de se considerar o vício em games como distúrbio mental é benéfica e não existe restrição para ser posta em prática.
- b) os pais de jovens viciados em games também precisam de tratamento especializado, para saberem como medicar os filhos.
- c) os serviços especializados no tratamento de pessoas com inclinações ao vício carecem de maior apoio dos governantes.
- d) nem todos os jovens viciados em games precisam ser tratados e medicados, já que essa condição costuma ser passageira.
- e) a classificação de um indivíduo como viciado em games deve ser feita com cautela, pois ele pode ser apenas um jogador entusiasta.

40. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

Leia o cartaz para responder à questão.



(www.sintracoop.com.br/?p=58879. Adaptado)

A partir do texto verbal, conclui-se que

- a) a prevenção de acidentes deve ocorrer de forma esporádica.
- b) os riscos do trabalho devem ser compensados pelo patrão.
- c) desobediência ao empregador pode causar acidentes.

- d) o trabalhador deve se responsabilizar por sua imperícia.
- e) acidentes de trabalho podem e devem ser prevenidos.

Leia o texto para responder às questões 41 a 42

O trabalho dignifica o homem. O lazer dignifica a vida

“Escolha um trabalho que você ame e não terá que trabalhar um único dia em sua vida.” A frase do pensador Confúcio tem sido o mantra de muitos que, embalados pela concepção de que ofício e prazer não precisam se opor, buscam um estilo de vida no qual a fonte de renda seja também fonte de alegria e satisfação pessoal. A questão é: trabalho é sempre trabalho. Pode ser bom, pode ser até divertido, mas não substitui a capacidade que só o lazer possui de tirar o peso de um cotidiano regido por prazos, horários, metas.

Não são poucas as pessoas que eu conheço que negligenciam o descanso em prol da produção desenfreada, da busca frenética por resultado, ascensão, status, dinheiro. Algo de errado em querer tudo isso? A meu ver, não. E sim. Não, porque é digna a recusa à estagnação. Sim, quando ela compromete momentos de entretenimento, minando, aos poucos, a saúde física e mental de quem acha que sombra e água fresca são luxo e não merecimento.

Recentemente, um construtor com o qual eu conversava me disse que estava havia nove anos sem férias, e lamentou o pouco tempo passado com os netos. O patrimônio veio de dedicação e empenho, mas custou caro também. Na hora me perguntei se era realmente preciso escolher entre sucesso e diversão.

Poucas coisas são tão eficazes na função de honrar alguém quanto o ofício que se exerce. Momentos de pausa, porém, honram o próprio ofício. A vida se equilibra justamente na possibilidade de converter o dinheiro advindo do esforço em ingressos para o show da banda preferida, passeios no parque, pipoca quentinha e viagens de barco.

(Larissa Bittar. Revista Bula. www.revistabula.com. Adaptado)

41. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

A autora defende a opinião de que

- a) a busca por ascensão e dinheiro não deve ser vista como dignificante, pois compromete o lazer.
- b) o ideal é que se encontre prazer no trabalho, mas o lazer não deve ser negligenciado.
- c) o lazer não pode ser substituído pelo trabalho, especialmente porque este não é fonte de prazer.
- d) o lazer deveria ser a única preocupação das pessoas e não o trabalho, como é comum.
- e) a dedicação exclusiva ao trabalho é justificável, quando gera alegria e satisfação pessoal.

42. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

A referência ao construtor, no terceiro parágrafo, serve para

- a) ilustrar o quanto o trabalho pode destruir a saúde física e mental de alguém.
- b) exemplificar que a opção pelo lazer pressupõe a recusa do sucesso.
- c) demonstrar que a preocupação com os bens materiais é antiética.
- d) mostrar como a dedicação excessiva ao trabalho pode levar à frustração.
- e) denunciar um comportamento cada vez mais raro entre as pessoas.

Texto para as questões 43 a 44

Escravos no século XXI



Esses retratos, junto com muitos outros, formam uma galeria que o país não gosta de ver. São vários Antônio, vários Francisco, vários José que dão carne e osso a um grande drama brasileiro: o trabalho em condições análogas às de escravidão. Sim, todas essas pessoas foram escravizadas – em pleno século XXI.

Enredadas em dívidas impagáveis, manipuladas pelos patrões e submetidas a situações deploráveis no trabalho, elas chegaram a beber a mesma água que os porcos, e algumas sofreram a humilhação máxima de ser espancadas, para não falar de constantes ameaças de morte.

Quando os livros escolares informam que a escravidão foi abolida no Brasil em 13 de maio de 1888, há exatos 130 anos, fica faltando dizer que se encerrou a escravidão negra – e que, ainda hoje, a escravidão persiste, só que agora é multiétnica.

Estima-se que atualmente 160 000 brasileiros trabalhem e vivam no país em condições semelhantes às de escravidão – ou seja, estão submetidos a trabalho forçado, servidão por meio de dívidas, jornadas exaustivas e circunstâncias degradantes (em relação a moradia e alimentação, por exemplo). Comparada aos milhões de africanos trazidos para o país para trabalhar como escravos, a cifra atual poderia indicar alguma melhora, mas abrigar 160 000 pessoas escravizadas é um escândalo humano de proporções épicas. Em 1995, o governo federal reconheceu oficialmente a continuidade daquele crime inclassificável – e criou uma comissão destinada a fiscalizar o trabalho escravo. O pior é que, em vez de melhorar, a situação está ficando mais grave.

(Jennifer Ann Thomas, Veja, 09 de maio de 2018. Adaptado)

43. VUNESP - Agente de Telecomunicações Policial (PC SP)/2018

É correto afirmar que o segundo parágrafo do texto

- a) mostra ações de intolerância de patrões, as quais não têm registro na história do país.
- b) apresenta argumentos que fundamentam a abolição da escravidão, ocorrida em 1888.
- c) aponta a necessidade de subsistência como fator motivador do trabalho escravo.
- d) critica a omissão do Estado e da sociedade, que se calam diante de fatos tão graves.
- e) expõe fatos que justificam a afirmação de que ainda se escravizam pessoas no Brasil.

44. VUNESP - Agente de Telecomunicações Policial (PC SP)/2018

Estima-se que atualmente 160 000 brasileiros trabalhem e vivam no país em condições semelhantes às de escravidão – ou seja, estão submetidos a trabalho forçado, servidão por meio de dívidas, jornadas exaustivas e circunstâncias degradantes (em relação a moradia e alimentação, por exemplo).

É correto afirmar que essa passagem

- a) retoma algumas informações anteriormente expressas, introduzindo um dado novo, referente ao número de escravizados.
- b) destaca a quantidade de escravizados atuais, equiparando-a à quantidade dos retratados na galeria de fotos.
- c) traz informações novas acerca das condições de trabalho escravo, evitando repetir fatos anteriormente mencionados.
- d) contradiz os dados expostos na sequência, evitando fazer comparações com a quantidade de escravos africanos.
- e) repete informações anteriormente expressas, inclusive a que se refere à quantidade de pessoas vivendo como escravas.

Leia o texto para responder às questões 45 a 46.

O físico e matemático inglês Isaac Newton é um dos maiores cientistas da humanidade. Filho de fazendeiros, Newton nasceu em Woolsthorpe, uma pequena aldeia da Inglaterra, em 1643. Desde criança, demonstrava mais interesse por desenvolver inventos do que pelos negócios da família. Aos 18 anos, foi aceito no Trinity College, da Universidade de Cambridge, onde recebeu o grau de Bacharel em Artes.

Em 1671, assumiu o cargo de professor catedrático de matemática na mesma universidade e, em 1703, foi eleito presidente da Real Sociedade de Londres para o Melhoramento do Conhecimento Natural, uma instituição destinada à promoção do conhecimento científico. Dois anos depois, tornou-se o primeiro cientista a receber o título de “Sir”, sagrado cavaleiro da rainha da Inglaterra. Newton morreu em 1727, aos 84 anos, por complicações decorrentes da idade extremamente elevada para a época.

No período em que cursava faculdade em Cambridge, a Peste Negra assolou a Inglaterra e matou um décimo da população. Por 18 meses, a universidade ficou fechada, e Newton voltou para casa. Um belo dia, sentado à sombra de uma macieira (cujas descendentes ainda existem!), viu uma maçã cair no chão – ou na sua cabeça, a história vai do gosto do freguês – e formulou a Lei da Gravitação Universal, que explica a força da gravidade. Com essa descoberta, Newton deu início à ciência moderna. Como diria o cientista em um ensinamento que vale para a vida: “nenhuma grande descoberta foi feita jamais sem um palpite ousado”.

(Marília Marasciulo. O que você pode aprender com as descobertas de Isaac Newton. 17.01.2018. <http://revistagalileu.globo.com>. Adaptado)

45. VUNESP - Agente Previdenciário (PAULIPREV)/2018

De acordo com o texto,

- a) Newton deixou a faculdade com suspeita de ter contraído a Peste Negra, que já matara um décimo dos estudantes.

- b) a história de que Newton elaborou a Lei da Gravitação Universal após se sentar sob uma macieira é falsa.
- c) os familiares de Newton insistiram para que estudasse artes em vez de matemática, mas ele preferiu esta última.
- d) a ciência moderna teve início com uma lei formulada por Isaac Newton a partir de um palpite ousado.
- e) a Lei da Gravitação Universal, que revolucionou a ciência, levou dezoito meses para ser desenvolvida.

46. VUNESP - Agente Previdenciário (PAULIPREV)/2018 (e mais 2 concursos)

Os dois primeiros parágrafos apresentam fatos da vida de Newton

- a) certamente inventados.
- b) ocorridos em concomitância.
- c) que obtiveram repercussão idêntica.
- d) relacionados entre si por acaso.
- e) dispostos em ordem cronológica.

Leia o texto para responder às questões 47 a 48.

A revolução digital fortalece as previsões de que as casas ou lares inteligentes oferecerão mais conveniência e menos dispêndio de energia em um futuro.

A definição de conveniência para esses novos lares tecnológicos, com redução ou eliminação de trabalhos domésticos. Portanto, para que as edificações inteligentes tenham sucesso, elas deverão se estruturar com base nessa visão de conveniência como solução para os que vivem em um mundo acelerado e estar ancoradas em uma grande variedade de sistemas tecnológicos acessíveis e fáceis de operar, tornando a vida das pessoas mais simples.

Além da conveniência, outro relevante benefício das casas inteligentes, para os consumidores é a sua capacidade de incorporar aspectos relacionados à administração do gasto de energia, principalmente com iluminação, condicionamento de ar e eletrodomésticos. Um conjunto de sensores, adequadamente configurados para gerenciar esses sistemas, pode gerar diminuição considerável nos gastos com energia, com reflexos ambientais e econômicos importantes.

O departamento de engenharia da computação da Academia Árabe de Ciências e Tecnologia desenvolveu um estudo para avaliar a economia no consumo de energia gerada com o uso de sensores inteligentes, em um apartamento de um dormitório, cozinha, sala de estar, sala de jantar e banheiro. O estudo concluiu que a economia pode chegar a quase 40% do consumo médio mensal de energia.

A tendência de crescimento desse mercado é clara. A empresa de pesquisa Zion Research prevê que a tecnologia das casas inteligentes deve alcançar um faturamento de US\$ 53 bilhões (R\$170 bi) em 2022. O crescimento estará calcado, principalmente, na conexão da casa com os ambientes digitais externos, como por exemplo, a conexão do refrigerador com os equipamentos dos fornecedores de alimentos.

Naturalmente, a tecnologia das casas inteligentes continuará a evoluir, tornando-se acessível e barata. Com isso, mais pessoas poderão utilizar-se dela, e novos padrões, modelos e estilos de vida devem se consolidar, principalmente nas áreas urbanas.

(Claudio Bernades. Casas inteligentes trarão conveniência e reduzirão gasto de energia. Folha de S. Paulo. www.folha.uol.com.br. 22.01.18. Adaptado)

47. VUNESP - Analista de Suporte à Regulação I (ARSESP)/2018

Na opinião do autor, a evolução da tecnologia das casas inteligentes

- a) permitirá que a conexão de eletrodomésticos com fornecedores de energia reduza as necessidades de consumo.
- b) levará a um menor gasto energético em decorrência do investimento público em fontes de energia renovável.
- c) ensinará o desenvolvimento de novos hábitos, especialmente entre os moradores de áreas urbanas.
- d) fará com que as pessoas passem a dedicar mais tempo a atividades domésticas em seu dia a dia.
- e) deverá se tornar mais barata em centros urbanos, o que acarretará uma intensificação do êxodo rural.

48. VUNESP - Analista de Suporte à Regulação I (ARSESP)/2018

O autor organiza sua argumentação de modo a apresentar.

- a) no último parágrafo, uma informação que contesta que foi exposto nos parágrafos anteriores.
- b) no parágrafo 1, uma opinião para a qual expõe um argumento a favor e outro contra nos parágrafos 2 e 3, respectivamente.
- c) no parágrafo 2, uma informação polêmica que é contrariada logo em seguida, no parágrafo 3
- d) nos parágrafos 2, 3 e 4, os dois principais benefícios das casas inteligentes apontados logo no parágrafo 1.
- e) no parágrafo 3, uma ressalva para o que se explicita no parágrafo 2 acerca das edificações inteligentes.

49. VUNESP - Juiz Estadual (TJ RS)/2018

Nas escolas da Catalunha, a separação da Espanha tem apoio maciço. É uma situação que contrasta com outros lugares de Barcelona, uma cidade que vive hoje em duas dimensões. De um lado, há a Barcelona dos turistas, que se cotovelam nos pontos turísticos da cidade, fazem fila para entrar nos museus e buscam mesa nos restaurantes. Para a maioria deles, a capital da Catalunha segue seu ritmo normal. Nos bairros afastados do centro turístico, onde se concentram os moradores de Barcelona, todas as conversas tratam da tensa situação política – e há muita divisão em relação à independência. Segundo a última pesquisa feita pelo jornal El Mundo, 33% dos catalães são a favor da criação de um estado independente, enquanto 58% são contra. A divisão pode ser verificada pelas bandeiras penduradas nas sacadas e janelas. Chama a atenção ver as esteladas, como são conhecidas as bandeiras independentistas, disputando o espaço com as bandeiras da Espanha.

Nesse quadro de cisão, o separatismo tem nas escolas suas grandes aliadas para propagar as ideias nacionalistas. Isso ocorre desde a redemocratização espanhola, no fim dos anos 1970. Antes disso, durante a ditadura comandada pelo general Francisco Franco, que governou a Espanha entre 1938 e 1973, os colégios públicos eram proibidos de ensinar em catalão. Somente os privados ofereciam aulas nessa língua. Em sua maioria, essas escolas tinham perfil inovador e vanguardista, se comparadas às tradicionais escolas católicas da época. Com a queda do general Franco, as escolas catalãs privadas foram incorporadas à rede pública e tornaram-se o modelo principal do sistema educacional, que hoje abriga 1,5 milhão de alunos e 71 mil professores. Como a educação pública na Espanha está a cargo dos governos regionais, os diretores dos centros escolares são escolhidos a dedo pelo governo catalão – que toma o cuidado de selecionar somente diretores separatistas. “A manipulação dos jovens é central para o independentismo catalão. É assim com qualquer movimento supremacista na Europa”, diz a

historiadora espanhola Maria Elvira Roca. "É mais fácil convencer estudantes a apaixonarem-se por uma causa do que trabalhadores que estão encerrados num escritório".

(Época, 13.11.2017. Adaptado)

Ao tratar do movimento separatista catalão, o texto

a) resgata dados da história da dominação franquista na Espanha, com a finalidade de propiciar conclusões favoráveis ao retorno do sistema educacional aos moldes tradicionais.

b) mostra-se tendencioso, apontando fatos e dados que levam o leitor a concluir que o objetivo da maioria dos catalães se justifica, em nome da liberdade ideológica.

c) privilegia a objetividade na apresentação das diferenças de opinião da comunidade catalã e aponta ações oficiais para afirmar a ideia de independência da Catalunha.

d) apresenta argumentos contraditórios, ao partir de premissas que contrapõem dados sem vínculo lógico, tais como o modo como os catalães e turistas se envolvem na causa.

e) relata com subjetividade os princípios dos grupos ideologicamente divididos sobre a causa, enfatizando o argumento da importância dos jovens nas tomadas de decisão.

50. INÉDITA



A partir da comparação entre as charges, é possível afirmar que:

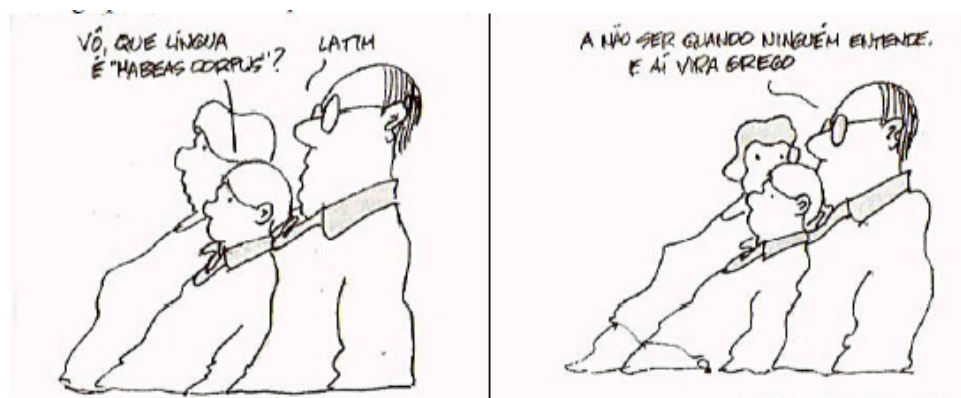
a) As charges sugerem que diferentes gerações encaram a tecnologia de forma negativa e desinteressada.

b) Os adultos da segunda charge são menos ávidos por tecnologia do que o menino.

- c) A segunda charge explicita as dificuldades da geração mais madura em identificar as funcionalidades presentes nos equipamentos eletroeletrônicos atuais.
- d) A expressão facial e gestual do garoto demonstra que ele gostaria de receber outros presentes que não fossem eletroeletrônicos.
- e) Ambas as charges explicitam as facilidades que o desenvolvimento tecnológico introduziu na vida contemporânea, apesar de alguns se aborrecerem com ela.

51. INÉDITA

A leitura da tirinha permite inferir que:



(Luís Fernando Veríssimo, O Estado de São Paulo, 27/07/2008)

- a) O avô tenta disfarçar, por meio de suas respostas, seu desconhecimento sobre a origem etimológica da expressão "habeas corpus".
- b) A resposta deixa pressuposta a ideia de que, na opinião do avô, o assunto em questão não deveria ser do interesse de uma criança.
- c) A pergunta da criança pode ser considerada retórica.
- d) A fala do avô deve ser compreendida como uma crítica explícita aos políticos de modo geral.
- e) O comentário do avô, no segundo quadrinho, contém uma crítica às iniquidades permitidas pelo judiciário.

52. INÉDITA

Um restaurante muito famoso uma certa vez lançou o seguinte slogan publicitário:

"Nossa meta é servir bem."

Sobre esse anúncio é correto dizer:

- a) A escolha das palavras no anúncio tem por objetivo realçar o bom atendimento, que é característica do restaurante.
- b) A palavra "meta" estabelece um significado implícito que contraria a intenção inicial do anúncio.
- c) O intuito de persuasão, presente em todo texto de caráter publicitário, é plenamente atendido no anúncio, haja vista a escolha apropriada das palavras para tal fim.
- d) O texto não cumpre sua finalidade persuasiva devido ao emprego do pronome possessivo "Nossa", que compromete o tom impessoal presente em textos publicitários.

e) O emprego do substantivo “diferencial” no lugar de “meta” não alteraria o sentido original do anúncio.

53. INÉDITA

O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. “Muito!”, disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro — e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.

(Rubem Braga, “A mulher que ia navegar”.)

I – Há uma relação semântica de contraste “banhos intermitentes de sangue” e “ela era toda pálida e suave”

II – A resposta dada pela personagem à pergunta que lhe foi dirigida - “Muito!” – deixa evidente seu interesse pelo assunto tratado.

III - O termo sublinhado no trecho “Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo” faz uma alusão catafórica à percepção do efeito das luzes do anúncio no braço da personagem.

Está(ão) correta(s):

- a) I apenas
- b) II apenas
- c) III apenas
- d) I e II apenas
- e) II e III apenas

54. INÉDITA

Graciliano Ramos, em seu livro *Infância*, reflete sobre uma de suas marcantes impressões de menino. Leia o trecho a seguir, extraído dessa obra:

Bem e mal ainda não existiam, faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos. Contudo, as pancadas e os gritos figuravam na ordem dos acontecimentos, partiam sempre de seres determinados, como a chuva e o sol vinham do céu. E o céu era terrível, e os donos da casa eram fortes. Ora, sucedia que a minha mãe abrandava de repente e meu pai, silencioso, explosivo, resolvia contar-me histórias. Admirava-me, aceitava a lei nova, ingênuo, admitia que a natureza se houvesse modificado. Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.

Com base na leitura apresentada, é possível afirmar que o trecho “Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.”:

- a) simboliza no texto o início de um tratamento carinhoso atípico por parte do pai e da mãe do garoto.
- b) faz menção no texto à violência a que era submetida a criança, proveniente de diversos familiares.

- c) consiste em uma metáfora para o fim do repentino ínterim de atenção e afeto dirigidos à criança pelos pais.
- d) revela no texto um sentimento de saudosismo dos tempos de convívio entre pais e filhos.
- e) destaca no texto o quão consciente era o garoto da transitoriedade das mudanças de humor de seus pais.

55. ADAPTADA

CALVIN E HAROLD

BY BILL WATTERSON



http://2.bp.blogspot.com/_wBWh8NQAZ78/TBWEMQ8147I/AAAAAAAAACE/zmfW9c8uAKk/s1600/Tirinha_Sensacionalismo.jpg.
(Acesso em 12/05/2016)



http://4.bp.blogspot.com/_20adovrO4Kw/U_4ga8lc56I/AAAAAAAAAZQ/hq2oxMLA7yY/s1600/mafalda-1.jpg.
(Acesso em 12/05/2016)

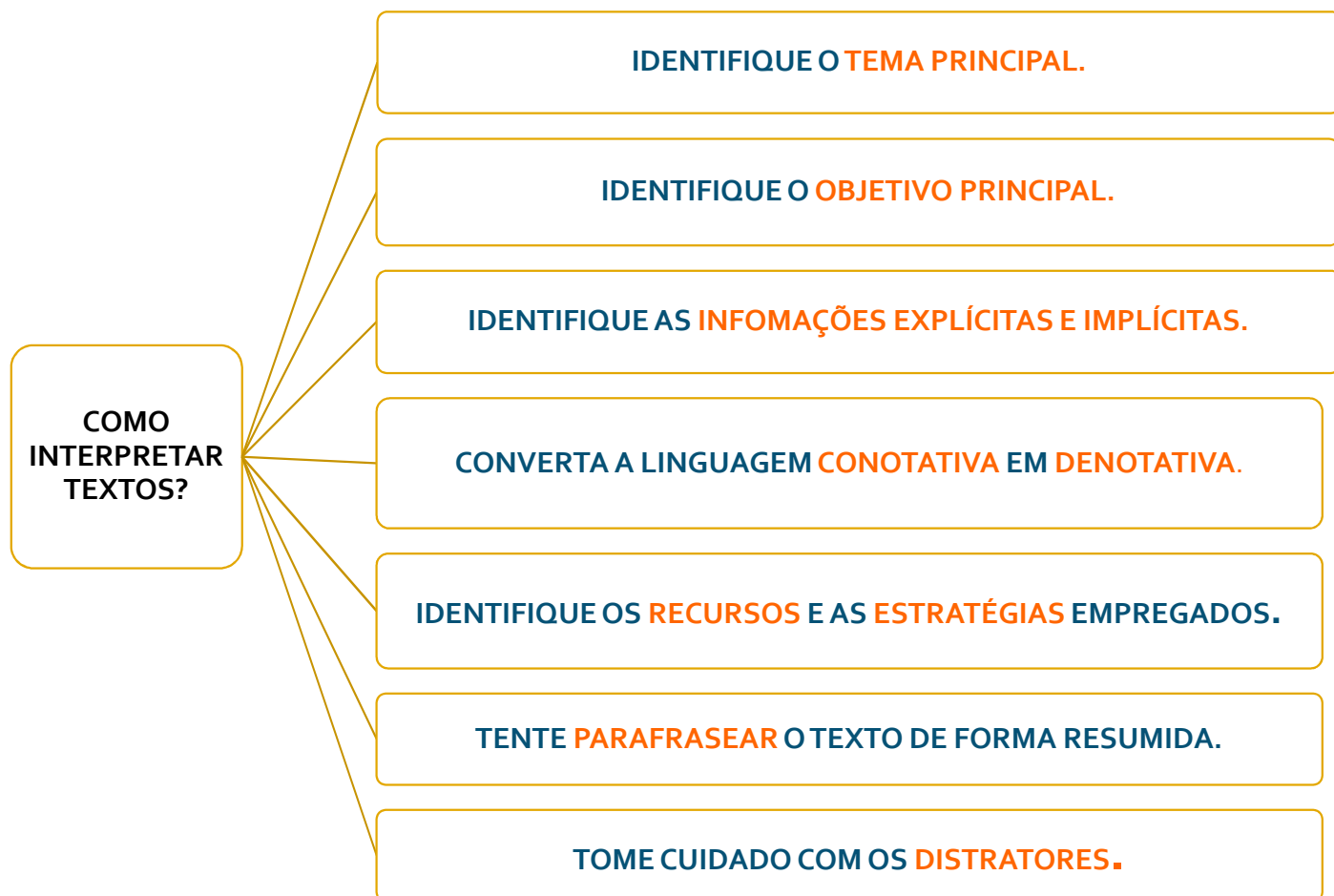
Analisando as duas tirinhas, NÃO se pode afirmar que

- a) Calvin se revela incapaz de compreender o noticiário, diferentemente do pai de Mafalda.
- b) Calvin e Mafalda, apesar de crianças, são críticos em relação ao conteúdo televisivo.
- c) a reação de Calvin e a de Mafalda são diferentes diante do conteúdo televisivo.
- d) ambas tratam da relação entre telespectador e mídia televisiva.
- e) ambas apresentam personagens que questionam o noticiário veiculado pela TV.

Gabarito

01	C	02	A	03	B	04	D	05	B
06	E	07	D	08	A	09	C	10	B
11	D	12	E	13	C	14	E	15	B
16	E	17	D	18	D	19	A	20	E
21	D	22	D	23	B	24	A	25	E
26	A	27	B	28	E	29	C	30	B
31	C	32	E	33	A	34	E	35	E
36	C	37	A	38	D	39	E	40	E
41	B	42	D	43	E	44	A	45	D
46	E	47	C	48	D	49	C	50	B
51	E	52	B	53	A	54	C	55	A

Resumo direcionado



FIM

NÃO DESISTA!

CONTINUE NA DIREÇÃO CERTA!